



volume 2

it girl

UMA GAROTA
ENTRE NÓS

Cecily von Ziegesar

da autora de
gossip girl



It Girl 2: Uma garota entre nós Cecily von Ziegesar

Jenny Humphrey, uma das mais polêmicas e populares personagens da série Gossip Girl, deixou a Constance Billard para estudar na Waverly Academy, um colégio interno freqüentado pela elite de Nova York. Mas é claro que ela chega para chamar a atenção.

Depois de passar vergonha na frente de todo o colégio e desrespeitar o comitê disciplinar, Jenny se torna realmente popular. Mas a fama não é nada, ela está totalmente apaixonada. O único problema é que ele é namorado de sua colega de quarto. Pra completar, Tinsley Carmichel - que todos pensavam que tinha sido expulsa - está de volta e quer recuperar seu posto de "A Garota".

Com afeto irradiando de um olho e um brilho calculista do outro.
— Charles Dickens

1

UMA WAVERLY OWL É SEMPRE EDUCADA, MESMO COM COMPLETOS ESTRANHOS.

Tinsley Carmichael olhou o cintilante rio Hudson. O rugido do hidroavião laranja da família elevando-se no céu azul anunciava sua volta a Waverly Academy, o internato exclusivo de Nova York de que fora expulsa sem a menor cerimônia na última primavera. O pop-pop dos saltos finíssimos nos degraus do Dumbarton Hall lembrou-lhe flashes de câmeras, e Tinsley sentiu os olhos das colegas, observando das janelas do alojamento no alto. Ela sacudiu o cabelo comprido e preto-arroxeadado e virou a cabeça para dar às fãs o melhor ângulo, prevendo suas perguntas ansiosas: *Ai meu Deus, por onde andou? Como foi que voltou? Você não foi expulsa? Foi para a reabilitação? É verdade que você ameaçou incendiar Stansfield? E finalmente: Como é que Callie e Brett não se lascaram e você sim?*

Tinsley negaria tudo e ao mesmo tempo aticaria as chamas da especulação. Gostava especialmente de estimular a teoria de que assumira a culpa altruisticamente por Callie e Brett depois que as três foram pegas com ecstasy na primavera, a primavera de seu segundo ano. As duas melhores amigas ficariam um pouco mais do que chocadas ao vê-la. Ela não falou com nenhuma das duas por todo o longo verão e ainda não fazia idéia de por que *ela* foi a única a ser expulsa por todo o “incidente”, a não ser que uma delas a tenha dedurado. Mas agora que o verão acabou — um verão *fenomenal*, diga-se de passagem — e ela foi readmitida, Tinsley sentia-se generosa e disposta a perdoar e esquecer, desde que Callie e Brett pedissem as necessárias e profusas desculpas e demonstrassem uma saudável dose de puxa-saquismo.

Com seus antigos prédios de tijolinhos cobertos de hera e campos de esporte verdes e ondulantes, a Waverly Academy parecia uma versão barata da Brown ou de Princeton. Enquanto batia os saltos pelo corredor em direção ao quarto 303 do alojamento Dumbarton, Tinsley reconheceu o cheiro familiar do condicionador Bumble & Bumble aroma de coco de Callie e sua colônia infantil Le Petit Prince misturada com o fedor de

cigarros Parliament. Ela sorriu ao imaginar o que aconteceria em seguida: ela entraria valsando em seu quarto triplo e se atiraria na antiga cama, como costumava fazer depois de uma aula de cálculo comprida e chata no Hunter Hall com o Sr. Farnsworth. A boquinha rosa de Callie se abriria e ela tentaria dizer alguma coisa legal, mas sufocaria nas próprias palavras. Brett ficaria surpresa, pasma e totalmente muda. Depois as duas meninas começariam a guinchar como leitõezinhos, atirando os braços magros no pescoço de Tinsley.

Bom, pelo menos era assim que ela imaginava.

Ela colocou os óculos de aviador de plástico branco no alto da cabeça e ajeitou a bolsa *hobo* de couro alvejado que Chiedo fizera para ela enquanto eles estavam num safári nos arredores da Cidade do Cabo. A lembrança do verão na África do Sul lhe deu uma dor no peito — as festas em CapeRave com Chiedo e os amigos dele, vendo o sol nascer sobre a montanha da Mesa, e *Não voltaria de onde eu fui*, o documentário sentimental sobre o povo da África do Sul que ela e o pai tinham feito durante o verão. Ela tocou o colar de dente de tubarão (de novo Chiedo, o gracinha do Chiedo), jogou o cabelo comprido, escuro e brilhante nos ombros e abriu a porta do quarto. *Tan taaaan!* O silêncio que ela esperava era da variedade atordoada, e não do tipo onde-está-todo-mundo-porra. Mas onde *estava* todo mundo, porra? Tinsley olhou a paisagem: a vista do cintilante rio Hudson através das amplas janelas de caixilho, a gravura da praia de Nantucket em azul e branco de Brett em sua cômoda, as garrafas vazias de Diet Coke no chão ao lado da cama de Callie, o cinzeiro cheio de pontas de Parliament no peitoril da janela. Mas nada de Callie e Brett.

Ela franziu o nariz, detectando um cheiro que não reconheceu — será possível que é White Petals, uma cópia barata do Chanel que empestava a Greenmarket Square na Cidade do Cabo? Ela farejou, seguindo o rastro do cheiro até uma cascata de cachos castanhos embaraçados suspensa de sua antiga cama. *Tem uma garota na minha cama.* A garota se virou, dormindo. Tinsley chutou a cama de carvalho antigo com o sapato de salto.

— Quem é você? — perguntou ela.

— Eu sou a Jenny. — A menina se sentou abruptamente, os olhos disparando como loucos pelo quarto enquanto balançavam seus peitos ridiculamente enormes. — E quem é você?

Tinsley largou a bolsa ao pé da cama, o nariz ainda franzido de nojo. Definitivamente White Petals.

— Cadê a Callie e a Brett?

— Elas... — começou a menina, esfregando os grandes olhos castanhos — ...estavam aqui agora mesmo. Que horas são?

— Hora de você sair da minha cama — anunciou Tinsley com frieza.

Jenny sacudiu a cabeça, tentando se livrar da névoa de sono no cérebro. A menina alta e estonteante parada diante dela vestia uma camiseta branca com estampa de folhas, sem sutiã. Jenny encarou cheia de inveja os ombros bronzeados e o contorno de seus peitos empinados e redondos. Ah, o que ela não daria para usar uma blusa dessas. A garota tinha cabelos pretos e compridos e olhos impossivelmente azuis — quase violeta... Peraí um minutinho, a cama *dela*?

— Você é a Tinsley! — guinchou ela com ênfase demais, quicando na cama antes de se lembrar que estava usando a camiseta branca e superfina da Constance com que gostava de dormir. Jenny esperava que os peitos enormes não parecessem ridículos demais enquanto eles subiam e se acomodavam em seu lugar.

— Não me lembro de você. — Tinsley cruzou os braços como quem diz que era melhor Jenny tirar os peitos da frente antes de machucar alguém com eles.

— Sou nova aqui. Fui transferida da Constance Billard. — Jenny apontou as letras impressas na camiseta e se lembrou dos peitos novamente. — Em Nova York — acrescentou ela com esperança, como se o fato de vir da cidade lhe emprestasse um ar de credibilidade ou pelo menos uma sugestão remota de que era descolada.

— Sei onde fica isso — rebateu Tinsley enquanto os óculos desciam pela testa, pousando com perfeição na ponte do narizinho arrebitado e bronzeado.

Jenny podia sentir o olhar intenso de Tinsley por trás dos óculos de sol. Estava preocupada em conhecer Tinsley desde que o reitor Marymount anunciou sua volta a Waverly na noite anterior. Mas agora que estava aqui, Tinsley intimidava ainda mais do que Jenny imaginara. E ela não devia morar com essa garota?

— Importa-se? — perguntou Tinsley, abrindo a bolsa de couro bacana de aparência surrada e pegando um cigarro de cravo-da-índia.

Jenny sacudiu a cabeça e ofereceu o Zippo Meninas Superpoderosas que comprara em Chinatown e que costumava usar para acender a vela de maçã e canela que mantinha ao lado da cama.

— Um fuminho é bom, né?

— Isso não é maconha. — Tinsley puxou os óculos para cima de novo. — E em que ano está mesmo?

— Segundo. — Tinsley soprou a fumaça como a lagarta de *Alice no país das maravilhas* e Jenny se lembrou que Sam, o cara que estava no trem quando ela veio de Nova York, contou sobre Tinsley ir a festas em Bard, e se lembrou também dos boatos que ela ouviu sobre Easy e Tinsley se agarrando pelas costas de Callie no ano anterior. Jenny imaginou os meninos babando para os ombros macios e bronzeados e para os olhos violeta e desvairados de Tinsley e as meninas odiando-a pelos mesmos motivos. Jenny também a teria odiado se não parecesse ao mesmo tempo assustada e apaixonada por ela.

— Então é a nova colega de quarto, hein? — Tinsley examinou Jenny como se ela fosse um vestidinho dos anos 1950 da Legião da Boa Vontade que podia ao mesmo tempo ser um achado incrível ou, num exame mais minucioso, só antiquado e desprezível.

— É. Callie e Brett são demais — respondeu quase num guincho, esperando que a nova colega de quarto entendesse que elas agora faziam parte da mesma turma. Afinal, ela fez amizade fácil com Callie e Brett. Bom, mais ou menos fácil. Callie meio que a subornou para que o Comitê Disciplinar acreditasse que Easy Walsh foi flagrado em seu quarto na segunda noite de escola em visita a ela e não a Callie, a namorada dele. No final, Easy assumiu a culpa e parte de Jenny pensou que talvez, só talvez, isso tivesse alguma coisa a ver com ela.

Ela tirou os pés de sob o áspero cobertor de lã azul-bebê e revirou a antiga escrivaninha de carvalho. Pegou um frasco de soro antifriz Pantene e espremeu uma pouquinho na palma da mão. O frasco fez um barulhinho de peido e Jenny sufocou um gritinho de desconforto. Depois ela se virou para o espelho enquanto alisava as mechas longas e castanhas, grata por pelo menos não ter nenhuma remela matinal constrangedora em volta das narinas.

— E aí... — Ela se virou, recém-alisada.

Mas só o que viu foi a porta se fechando. A porta bateu com raiva e Jenny não pôde deixar de dar um pulo para trás. Peraí, não foi um peido de verdade!

Do lado de fora das janelas, as primeiras folhas começavam a assumir o tom laranja e vermelho e o rio Hudson rolava, suave e cintilante sob o sol da manhã. Uma sensação de medo tomou o estômago de Jenny. Foi só uma primeira impressão ruim, ou a famosa Tinsley Carmichael era meio... bom... *filha-da-puta*?

OwlNet ----- Caixa de Mensagem Instantânea

SageFrancis: Ela voltoooooooooou...

CelineColista: Tá falando de quem?

SageFrancis: TC! Ela voltou do exílio na África ou sei lá onde. Soube que o pai dela teve que prometer um novo centro de artes performáticas para a Waverly aceitá-la de volta.

CelineColista: Não brincaaaaaa... Acha que já chutaram J do 303?

SageFrancis: Soube que TODAS vão ficar. Acha que ela vai entrar em choque com T?

CelineColista: Quem sabe, mas se acontecer, quero pipoca e um lugar na primeira fila!

UMA WAVERLY OWL SABE QUE PERDOAR NÃO É O MESMO QUE ESQUECER.

Callie Vernon arrastava os saltos finos das novas mules em preto-e-branco Louboutin pelo gramado orvalhado na direção da capela, ainda meio tonta de sono. Já fazia três dias desde a festa Sábado Negro, mas ela ainda não conseguia tirar da cabeça a imagem de Jenny e Easy olhando-se nos olhos perto do espelho d'água na casa de campo de Heath, em Woodstock. Foi mesmo *verdade*? Heath mandou a todos um e-mail de fofoca depois da festa sugerindo isso, mas ela ainda não tinha certeza. Qualquer que fosse o caso, o fato de que Callie tinha armado tudo—ela na verdade *pediu* a Easy e Jenny para se paquerarem a fim de tornar mais realista a história de que Easy estava visitando Jenny, e não ela, quando foi pego em seu quarto pela aberração da diretora do alojamento Angelica Pardee—ameaçava reduzi-la a um borrão de maquiagem MAC. E, como se não bastasse, ela realmente ficara tão bêbada que se agarrou com Heath Ferro — que coisa mais bizarra! — e pediu ao ex-namorado Brandon para ficar com ela? E ele *realmente* a rejeitou?

— É você, CV?

Callie já se sentia meio doida, mas, quando viu Tinsley na porta da capela, teve certeza de que perdera o juízo. Ela parou e tombou a cabeça de lado, esperando que a aparição celestial de olhos violeta flutuasse de volta ao ar. O aparecimento de sua antiga colega de quarto no alto da escada de pedra era tão onírico quanto o reitor Marymount e a Sra. Pardee medindo o quarto 303 para colocar uma quarta cama na noite anterior, as vozes como o murmúrio ininteligível de anjos. O anúncio que eles fizeram de que Tinsley tinha sido suspensa e não expulsa por aquela noite escandalosa no campo de jogo na última primavera era incrível demais para ser verdade — e no entanto aqui estava ela. Callie queria correr e pular nos braços de Tinsley. Queria explicar a Tinsley sobre Easy e Jenny, sobre o Comitê Disciplinar e a distância entre ela e Brett, e que Brett estava namorando escondido o Sr. Dalton, o novo e teoricamente pegável professor de história, e que era meio bizarro imaginar Brett com ele. As coisas ficaram tão estranhas entre ela e Brett que ela descobriu sobre o Sr. Dalton quando atendeu ao celular de Brett e falou com a irmã dela. Callie fingiu não saber até Brett lhe contar sobre o caso na noite anterior, mas na verdade foi ela quem revelou o segredo e fez com que toda a escola falasse no assunto. Oops. Agora Tinsley, a única pessoa que Callie sabia que podia superar o mais grave dos problemas com pouco mais do que uma piscadela rápida, voltara. Mas uma auréola de névoa se acomodara em torno da cabeça de Callie e só o que ela conseguiu foi olhar.

— *Oiê!* — disse Tinsley em voz alta, interrompendo seu devaneio.

A voz de Tinsley fez com que Callie galopasse para a escada da capela. Ela abraçou a velha melhor amiga, cujo corpo magro parecia flácido sob a pressão, e sentiu a encarada das colegas de escola.

— Senti *tanto* a sua falta — soltou Callie sem elegância alguma, mas ela sinceramente não pôde evitar. Depois de tudo o que aconteceu, o fiasco do ecstasy na primavera, Easy aparecendo para visitá-la em Barcelona no verão e ela lhe dizendo que o amava, o fato de que ele não disse a mesma coisa e agora podia estar com a putinha-anã da colega de quarto, era difícil ficar na frente de Tinsley e manter a compostura. Tudo nela era tranquilo e *cool*. E independentemente da confiança que Callie demonstrasse

normalmente, ela se sentia a prima feia e imbecil da colega quando as duas estavam juntas. Enquanto ela era toda sardenta, a pele de Tinsley era macia como manteiga e naturalmente bronzeada; enquanto o cabelo louro-arruivado de Callie era crespo e intratável, o cabelo preto e liso de Tinsley caía em suas costas como um invólucro pesado. Enquanto Callie se preocupava com a avaliação de seus suéteres de cashmere e em possuir qualquer bolsa Sienna Miller que estivesse na *Vogue* britânica do mês, Tinsley ficava incrível com o que quer que recolhesse do chão. E, agora, ela estava ali. Um milhão de perguntas passaram pela cabeça de Callie: *Onde é que você esteve? Por que não me telefonou? Isso aí no seu pescoço é um dente de tubarão de verdade?* Por fim, ela sussurrou uma pergunta simples:

— O que aconteceu?

Tinsley olhou um grupo de segundanistas louras que esticavam as orelhas para ouvir do passadiço de pedra. Pegou Callie pelo braço e foi para o lado leste da capela.

— Me conte, por favor. O que aconteceu? — Callie não conseguiu deixar de perguntar novamente.

Tinsley apoiou o peso do corpo no prédio de pedra.

— Me diga você.

— Eu não sei — Callie abanava as mãos feito uma idiota.

— Você não armou pra cima de mim? — perguntou Tinsley.

Callie sacudiu a cabeça enfaticamente.

— Foi Brett?

Por uma fração de segundo, Callie pensou em culpar Brett por tudo. Isso correspondia ao seu direito de manter o namorado professor em segredo. Mas as coisas estavam melhorando entre as duas. Mais ou menos.

— Não foi a gente.

— Jura?

— Juro. — Como uma imbecil, ela ergueu a mão direita com as unhas de esmalte rosa e lascado South of the Highway. Na esperança de tirar Jenny e Easy da cabeça, tinha estragado as unhas enquanto participava de um jogo de Frisbee totalmente sem noção à meia-noite com algumas das meninas mais mongas do Dumbarton na última noite.

Tinsley olhou para ela duvidando, e o lábio de Callie começou a tremer. Ela queria que tudo fosse como antes, quando ela, Brett e Tinsley eram o tipo de trio em que cada uma podia concluir os pensamentos da outra e rir antes mesmo que alguém dissesse algo. Do tipo que confiava nas amigas, independentemente de qualquer coisa. Agora isso parecia tão distante.

— Quando Marymount me perguntou sobre o ecstasy, imaginei que íamos dividir a culpa igualmente — sugeriu por fim Tinsley, semicerrando os olhos para a amiga.

Callie parecia ter envelhecido cinco anos desde a primavera. — Então eu confessei.

Callie arfou, levando a mão à boca.

— Mas eu neguei tudo... Pensei que todas nós negaríamos.

Tinsley percebeu as unhas roídas da colega de quarto e o esmalte rosa-claro descascado e lamentou por ela, embora a situação devesse ser a inversa.

— Marymount me expulsou na hora. *Finito*.

— Então por que deixaram você voltar? — perguntou Callie ao ver que as últimas errantes entravam na capela para a reunião da manhã, os rabos-de-cavalo acabei-de-sair-da-cama balançando enquanto elas subiam correndo a escada.

— Eles descobriram que eu passei esse intervalo fazendo um documentário com meu pai na África do Sul e mudaram minha expulsão para uma suspensão. — Tinsley passou os dedos no cabelo preto e brilhante. Queria despejar todos os detalhes sobre seu verão alucinante, mas ainda não era a hora. Callie precisava sentir a raiva que ela teve por ser

a única expulsa. Como foi injusto que elas não tivessem confessado também e o quanto magoou que nenhuma delas sequer tivesse tentado entrar em contato com ela durante todo o verão.

Depois, quando Callie se sentisse totalmente incapacitada de culpa, ela pediria desculpas, mil desculpas, e se ofereceria para fazer *qualquer coisa* para compensar.

Qualquer coisa.

Um gemido estranho e agudo rompeu o silêncio.

— *Nei-ei-ei-ei.*

Elas viraram a cabeça e viram Heath Ferro relinchando feito um cavalo, um celular BlackBerry na mão. Ele arrastava os pés pela terra como uma mula contrariada enquanto os polegares apertavam os botões minúsculos. Callie cravou as unhas na palma da mão, estremecendo ao pensar que a festa idiota de Heath tinha aproximado mais Easy de Jenny.

— E aí, bonitão?—Tinsley acenou, brincalhona. — Sentiu minha falta?

Heath olhou e ficou paralisado.

— Caraca. Você voltou?—Ele sorriu diabolicamente, os olhos verdes cintilando, e colocou o celular no bolso.

Callie revirou os olhos. Heath, como todos os outros meninos da Waverly e mais os do hemisfério norte, sempre foi a fim de Tinsley, e Callie sabia disso.

— É, voltei — continuou Tinsley. — Por enquanto.

Heath apertou o bolso quando o celular começou a vibrar.

— Quem é? — perguntou Callie.

— Você não gostaria de saber? — respondeu Heath, pegando o celular enquanto um sorriso demoníaco atravessava seu rosto. Ele se arrastou para a escada da capela, de novo martelando o teclado. Uma música de órgão vagava pelas janelas da capela e flutuava para o campo de futebol. O som abafado do canto forçado logo encheu o ar pesado de tensão.

— Eu só quero... — A voz de Callie falhou ao ver Easy Walsh andando pelo passadiço, os olhos fixos num par de corujas que voavam alto. Callie percebeu a mancha de tinta amarela na bainha da Levi's desbotada e entendeu que ele devia estar acordado desde o amanhecer, pintando em seu local secreto no bosque. Ele nunca disse a Callie exatamente onde ficava, mas ela preferia pensar que era em um campo ensolarado com flores silvestres no meio da floresta, onde ele a imaginava deitada nua na relva, com dentes-de-leão trançados em seu comprido cabelo louro-arruivado, inocente mas totalmente violável. Agora Callie tinha medo de que a cara de Jenny estivesse sobreposta onde a dela estivera.

— E aí — gritou Tinsley, assustando Easy. Ele fingiu ter que olhar duas vezes quando a viu, uma interpretação boba e exagerada que Callie já o vira fazer de vez em quando, embora nunca se cansasse disso.

— Tiiii — disse Easy arrastando seu irresistível sotaque do Kentucky. Ele deu um beijo rápido de somos-todos-bons-amigos no rosto das duas. Mas o que é isso? Ela não era *amiga* de Easy. — Por onde andou?

A luz do sol escondia-se atrás das árvores no alto, lançando sombras na grama. Callie percebeu um novo tom de paquera na voz de Tinsley enquanto ela falava. Talvez Easy e Tinsley *tenham mesmo* ficado na última primavera, quando Ben, o zelador enxerido, viu os dois sozinhos na linha intermediária do campo de futebol depois da ronda noturna. Tinsley negara indiferente quando Callie perguntou, mas daquele seu jeito típico, evasivo e pode-significar-qualquer-coisa. E Callie tinha certeza de que alguma coisa acontecera entre Tinsley e Easy dois anos antes, no primeiro ano, quando Tinsley deu uma festa de férias na casa dos pais no Alasca. Mas como o relacionamento de Callie

com Easy degenerou, ela não podia realmente acusar nenhum dos dois. Embora isso não significasse que ia esquecer também.

— Bom, é legal ver você de volta. — Easy sorriu, as pálpebras caindo de um jeito sensual. Callie sentiu as entranhas se revirarem ao ver seus cílios escuros e longos e as mãos lindas e calosas. Ela se lembrava da aspereza ao acariciar seu rosto. — Este lugar precisava desesperadamente de uma dose de você.

— É bom ver você também, Easy. — Tinsley moveu o pé bronzeado em um arco amplo e lento pelo gramado molhado. Callie semicerrou os olhos verdes e subiu a escada de pedra da capela. — Muito bom mesmo — ela ouviu Tinsley dizer a suas costas.

— Sr. Walsh, — Uma voz grave de barítono soou da porta da capela. Na frente de Callie estava o Sr. Dalton, recém-barbeado, o cabelo cor de areia ainda molhado e desarrumado do chuveiro. Callie percebeu o corpo de Easy enrijecer. O Sr. Dalton era orientador do Comitê Disciplinar e impusera uma condicional a Easy por estar no quarto delas naquela noite.

— Sr. Dalton — respondeu ele mecanicamente, subindo a escada, passando por ela e pelo professor de história.

— Bom dia, senhoras. — O Sr. Dalton assentiu para elas depois que Easy se arrastou para dentro. Ajeitou a gravata listrada de marrom e azul-marinho, e Callie percebeu uma correntinha de prata em seu pulso. Eca, não era meio de mulherzinha? Depois ele inclinou a cabeça para Tinsley e lhe ofereceu a mão. — Meu nome é Eric Dalton. Acho que não nos conhecemos.

— Tinsley Carmichael. — Ela subiu no primeiro degrau e estendeu a mão. — É um prazer.

— Sim. — O Sr. Dalton assentiu com entusiasmo. — É mesmo.

Callie ainda não conseguia acreditar que Brett estava transando com um professor. Eca! Ela esperou que ele desaparecesse dentro da capela antes de se virar para Tinsley.

— Quem é *esse*? — perguntou Tinsley toda excitada, os olhos violeta parecendo ainda maiores e mais escuros do que o normal. Ela empurrou o cabelo no ombro e começou a trançá-lo, distraída.

— Pergunte a Brett — ridicularizou Callie.

— E *cadê* a Brett? Preciso falar com ela também.

Callie deu de ombros. Elas que resolvam seus problemas. Agora era a vez dela. Callie pegou a mão bronzeada da amiga, preparando-se para se desculpar antes de entrarem. Não era uma coisa em que Callie fosse particularmente competente, mas ela queria fazer tudo certinho.

— Eu queria que a gente tivesse combinando as histórias antes, sabia? — começou ela meio desajeitada, dando outro abraço em Tinsley. — Me senti péssima por você ter levado toda a culpa. — Ela sentiu uma lágrima quente se formando no canto do olho e ficou grata pela maquiagem à prova d'água que decidira usar, prevendo o que aconteceria se visse Easy e Jenny juntos. Ela enterrou a cara no pescoço de Tinsley.

— Desculpas aceitas — respondeu Tinsley monotonamente, recuando. — Com essa, só falta uma coisa.

— O quê? — Callie piscou para afastar a lágrima.

— Quem é a cretina em minha cama?

— Ah, é Jenny — respondeu Callie.

— Vai me ajudar a tirar as coisas dela, não vai?

Callie sorriu.

— *Com todo o prazer.*

OwlNet----- Caixa de Mensagem Instantânea

RyanReynolds: Já está na capela? Estou tentando chegar perto daquela garota, a Jenny. Ela entrou de fininho pela porta dos fundos e que merda, a saia dela é CURTAAAA!

HeathFerro: Adivinha quem eu vi?

RyanReynolds: Jenny? Guarda um lugar pra mim, cara.

HeathFerro: Melhor ainda. A Tinsley GOSTOSONA Carmichael. E vou te contar, é uma visão demaaaaais.

RyanReynolds: Tá de sacanagem? Pensei que era só um boato que ela estava voltando.

HeathFerro: Parece bem real para mim...

RyanReynolds: Me manda uma foto do seu celular.

HeathFerro: Não vai dar. Não tenho câmera nesse aparelho. E não mandaria, se tivesse. Ela e Callie parecem muito ocupadas se beijando e se agarrando...

RyanReynolds: Você precisa mesmo comprar um celular com câmera.

UMA WAVERLY OWL NUNCA PERDE A ELEGÂCIA, MESMO QUANDO ESTÁ MUITO ABORRECIDA

Brett Messerschmidt estava junto à porta do quarto 303, as botas pontudas cor de marfim espremendo os dedos dos pés. Podia ouvir a voz rouca e sensual de Tinsley do outro lado da porta, reclamando com Callie que Brett estava tomando espaço demais no armário. Brett releu o bilhete q a nova colega de quarto, Jenny, tinha escrito no quadro de avisos da porta, todo o seu corpo tremendo com expectativa de ver Tinsley novamente.

Boa terça feira! Jantar hoje depois do treino? – J

Jenny era tão...*sincera*. Como se ela se importasse mais em ser feliz do que em ser descolada e com se não estivesse interessada em quem são seus pais ou se eles, digamos, moravam em Nova Jersey ou em East Hampton. Ela era completamente diferente de Tinsley. Brett não conseguia deixar de se preocupar que devia ser uma questão de tempo até que Tinsley contasse a todos no campus sobre a família de Brett. Ela contara que seus pais tinham uma fazenda orgânica nos Hamptons, mas a verdade era que o pai ganhava a vida com peitos e barrigas enquanto a mãe reformara a mobília da sala de estar em Rumson, em Nova Jersey, com uma chocante padronagem de animais.

Embora não tinha sido *culpa* de Callie nem de Brett que Tinsley tivesse sido expulsa - nenhuma das duas a dedurara, apesar de ambas terem passado o verão imaginando que a outra tivesse feito isso - , Brett sabia que ela a culpava. Ela girou a cabeça como um boxeador preparando-se para uma luta e empurrou a pesada porta de carvalho.

Tinsley estava de pé no meio do quarto, alta e magra feito uma modelo, num minivestido de seda tomara-que-caia Ginger & Java turquesa e verde por baixo do casaco marrom da Waverly. Brett não acreditava em maluquices supersticiosas como aura, mas tinha certeza que Tinsley irradiava *alguma coisa*.

— Ora, ora — disse Tinsley friamente. — É bom te ver, B.

Brett alisou a saia de jeans Seven, sem ter certeza se devia avançar e dar um abraço em Tinsley. Nunca lidou muito bem com gente que estava chateada com ela — em especial quem podia muito bem entregar seu segredo mais sombrio e mais oculto só pra se divertir.

— Está maravilhosa como sempre, T.

Callie deu um pigarro e colocou um livro didático grosso na bolsa de nylon preto Prada. Seu cabelo estava preso no coque desordenado pós-treino de sempre e as roupas de hóquei estavam emboladas perto do armário. Brett matara o treino, alegando estar com cólica - a treinadora Smail ficava toda cheia de dedos quando se tratava de qualquer coisa relacionada com menstruação - e ficou sentada em frente ao Stansfield Hall, na esperança de esbarra "por acaso" em Eric Dalton saindo de sua sala. Não teve sorte.

Ele podia ser o professor e orientador do Comitê Disciplinar, mas também era o...*homem*... mais incrível que Brett conhecera na vida. Na semana anterior, depois do grande jogo do Sábado Negro, Brett tinha certeza que estava pronta pra perder sua virgindade com Eric. Mas na hora se acorvado e correu do iate de Eric, indo diretamente para o ex-namorado, Jeremiah, aluno da vizinha St. Lucius Academy Cops.

— Vou deixar vocês duas se familiarizarem de novo — murmurou Callie antes de ir para a porta. Brett na verdade queria que Callie não saísse. Mesmo que as coisas

estivessem tensas entre as duas, Brett tinha um pouco de medo de ficar sozinha com Tinsley. E se elas já tivessem fofocado sobre quando Brett idiotamente pintara o cabelo vermelho-bombeiro? E se Tinsley abrisse um buraco em sua alma com seus apavorantes olhos violeta?

— Obrigado por me ajudar com minhas coisas, Cal. — Tinsley fez beicinho com os lábios grossos e mandou uma beijoca exagerada antes que Callie delicadamente fechasse a porta ao sair. Brett se perguntou se Callie ficaria por ali, ouvindo disfarçadamente a conversa, como Brett fizera. Provavelmente sim.

As malas Louis Vuitton de Tinsley estavam em sua antiga cama, e uma caminha de armação de metal, meio afundada no meio, estava empurrada no canto onde as meninas normalmente mantinham a lixeira. O edredom e os lençóis de Jenny estavam embolados no alto da cama. Um dos travesseiros estava no chão.

Tinsley olhou pra Brett, parada feito um poste do outro lado do quarto. Seu narizinho arrebitado era tão vermelho quando o cabelo insanamente tingido, o que Tinsley reconheceu como sinal de nervosismo. Uê, qual era o problema? Ela nem mesmo mostrou um pouco de empolgação por ver a grande amiga de volta ao lugar a que pertencia, *em especial* depois de ter salvado a bunda de Brett? Onde estava sua gratidão? O respeito? A *educação*? Ela acabar de voltar de outro hemisfério, pelo amor de Deus, e não do salão de jantar.

— Você está pálida — começou, por fim, Tinsley.

Brett foi até sua mesa e colocou o blazer tamanho P da Waverly na cadeira.

— Não estou me sentindo bem — respondeu ela com afetação.

Tinsley puxou o zíper de sua bolsa de couro de grife e pegou um punhado de chiffon e seda. Semicerrou os olhos cuidadosamente maquiados para Brett enquanto ia até o armário e afastava as coisas de Brett. Isso fez Tinsley pensar em todas as vezes em que as três, com passes falsos dos pais, pegaram o trem para a cidade, para fazer compras na Barneys e nas butiques do Soho. Tinsley até viu o tubinho Missoni que ela teve o atrevimento de roubar da Saks. *Foda-se*, era o Tinsley queria gritar. *Só peça desculpas e puxe o meu saco um pouco, assim podemos ser amigas de novo!* Mas Brett só ficou parada ali, obstinadamente, passando o dedo no conjunto de argolinhas de ouro da orelha esquerda. Com o que *ela* estava puta?

— Ainda está com Jeremiah? — Perguntou finalmente Tinsley

— Acabou — Brett deu um pigarro e instou a si mesma a não pensar em Eric Dalton.

Tinsley tinha uma espécie de percepção extra-sensorial quando se tratava de segredos e , assim que ela sentisse alguma coisa furtiva, fecharia o cerco até descobrir cada detalhe picante.

— Ah, é? E então, quem é a próxima vítima? — Perguntou Tinsley incisivamente, pensando no Sr. Dalton e em seus sensuais olhos cinza e abotoaduras com monograma de platina, e no modo como Callie sugeriu que ela perguntasse a Brett sobre ele. Ela conhecia as amigas e sabia o que isso queria dizer. Ele tinha de ser *muito* gostoso para ganhar uma garota reprimida de Jersey como Brett.

— Ainda está para ser resolvido — Brett se virou para pegar seus livros. — Olha, eu vou estudar no quarto da Benny, só passei pra pegar algumas coisas — mentiu ela.

Tinsley se eriçou. Desde quando Brett ligava mais para mergulhar nos livros com a cara de cavalo de Benny Cunningham do receber a amiga sumida?

— Eu ia mesmo ver o que Brandon e Heath estão fazendo — respondeu Tinsley casualmente. Ora, estas seriam algumas caras felizes por vê-la. ela pegou a enorme bolsa Prada tangerina e foi para a porta. — De repente a gente se vê por aí.

Bateu a porta com força dispersando as meninas que estavam ouvindo, e esperou no corredor até ouvir Brett murmurar : "*Piranha*"

Piranha?, refletiu ela, batendo os saltos pelo corredor. *Bom, veremos o que o Sr. gato-demais-para-ser-professor Dalton acha das piranhas.*

OwlNet----- Caixa de Mensagem Instantânea

TinsleyCarmichael: Qual é a do cara novo muito gato?

BennyCunningham: O superalto de Seattle? Parece uma delícia, mas é calouro! Não é uma injustiça?

TinsleyCarmichael: O cara não é calouro coisa nenhuma. Dalton ou coisa assim?

BennyCunningham: Vc fala do SENHOR Dalton? É professor de história e é do CD.

TinsleyCarmichael: Acho que é meu orientador.

Benny Cunningham: Cretina de sorte. Soube que ele e Brett andaram roçando pé na última reunião do CD.

TinsleyCarmichael: Très interessante...

OwlNet ----- Caixa de Entrada de E-mail

Para: JennyHumphrey@waverly.edu
De: RufusHumphrey@poetsonline.com
Data: Terça-feira, 9 de setembro, 15:14h
Assunto: Telefone novo

Oi, meu docinho jalapeño,

Recebi sua carta da semana passada. Ainda estou pasmo com o e-mail. Incrível! Dan está se adaptando a Evergreen. Ele ainda não foi parar na enfermaria com intoxicação alcoólica nem meningite espinhal nem saudade de casa, então acho que está começando bem.

Você me pediu um Tripod, um Treon ou coisa parecida? Não sei o que é isso, então perguntei a Vanessa — ela está morando no seu quarto... será que já te contei isso? — e ela me levou a uma loja de celulares. Fiquei todo filosófico e mostrei meu bottom "Eu Freio para Salamandras" e meus suspensórios de arco-íris, e a vendedora me deu um bom desconto. E você achando que eu não tenho senso de moda. Olho vivo numa caixa de sapatos com fita adesiva que vai chegar pelo correio!

Te amo um mundo,

Papai

UMA WAVERLY OWL É UMA CORUJA MUITO, MUITO CONFIÁVEL.

Jenny corria de volta ao Dumbarton depois do treino de hóquei de campo, curtindo a saudável dor nos músculos e a vista do campus verdejante, os antigos prédios de tijolinhos, os alunos mauricinhos de bochechas rosadas. Todo O exercício compulsório a estava fazendo se sentir como uma das meninas louras, magras e de rabo-de-cavalo fazendo uma estrela acrobática no site da Waverly Academy, embora seu cabelo fosse castanho e crespo e ela mal tivesse um metro e meio de altura. Depois de 15 anos em Nova York, ela ficou chocada ao descobrir que tinha algum talento para o atletismo além de acenar para um táxi; mas aqui estava ela, jogando hóquei de campo *na equipe principal do colégio interno*.

Ela queria ligar para o irmão em Washington para se vangloriar assim que recebesse o celular novo, mas sabia que Dan não ficaria nada impressionado. Provavelmente a acusaria de ser um clichê ou qualquer coisa igualmente cruel. Jenny respirou o ar de final de tarde, com seus toques de grama recém-aparada e lenha queimando ao longe. Jurava que podia sentir o cheiro das folhas mudando de cor. Decidiu que mais tarde mandaria um e-mail para Dan sobre as folhas e não falaria nos exercícios. Ele era poeta. Os poetas gostam de folhas.

— Oi, gata — chamou uma voz arrastada, que parecia chapada. Jenny girou e viu Heath Ferro deitado de costas em um dos bancos de pedra compridos que se espalhavam habilidosamente pelo campus, cada um deles com uma placa trazendo o nome de um ex-aluno da Waverly que tinha feito uma doação. — Por que não vem se sentar aqui? — Ele bateu na coxa. — Para onde está correndo, aliás?

— Para longe de você! — gritou Jenny de brincadeira, sem parar. Ela o beijara dentro da capela em sua primeira noite na Waverly, e depois ele contou a todo mundo que tinha feito com ela muito mais do que isso. Ao que parecia, Heath realmente era rodado, tanto que as meninas passaram a chamá-lo de Pônei porque, como lhe explicaram com certo nojo, ele tinha visto mais bundas do que um pônei de feira do interior.

Ela ainda podia ficar irritada com isso, mas conseguiu reverter toda a situação durante o maior jogo de hóquei do outono, chamado de Sábado Negro, quando a Waverly jogou com sua rival, St. Lucius. Callie lhe dera uma letra inventada para cantar que era meio indecente e meio constrangedora, mas Jenny entrou tanto na brincadeira que acrescentou espontaneamente um verso próprio. Cantava agora para si mesma enquanto corria pelo antigo passadiço de pedra que levava ao Dumbarton. *Nessa escola tem um Pônei, sujeitinho muito eca! Ele é sempre indecente e não se agüenta na cueca!* Com essa, ela revidou a Heath e, mesmo que Heath *fosse mesmo* um indecente, ainda ainda foi bom poder atrair a atenção dos bonitões da Waverly. Meu Deus, ela adorava esse lugar!

Jenny correu para o quarto 303 com a adrenalina ainda alta e encontrou a colega de quarto Brett sentada no peitoril da janela, olhando uma coruja empoleirada no bordo do outro lado do gramado.

— Oi, Brett — ela a cumprimentou, ainda sem fôlego. Foi quando viu sua cama coberta com as malas Louis Vuitton, que Jenny quase gritou. — Que troço é esse na minha cama?

— Acho que a Tinsley andou rearrumando as coisas — sugeriu Brett em voz baixa. — Pensei que você soubesse.

— Eu sabia que ela estava aqui, mas não sabia que ia tirar minhas coisas desse jeito! — Seu encontro nesta manhã fora breve e assustadoramente desagradável. Agora Jenny

ficou furiosa ao ver que sua cama elegantemente arrumada fora desfeita e ocupada com as caras malas de Tinsley, e seus cobertores amarfanhados e atirados em uma frágil cama de armar. Ela pegou o travesseiro no chão e bateu a poeira dele enquanto tentava se acalmar. — Isso não é justo.

Brett deu de ombros e fechou as pálpebras pintadas com Urban Decay Acid Rain por um momento.

— Mas não dá para imaginar a Tinsley dormindo numa cama de armar...

Argh! Ela jamais conheceu alguém de olhos violeta, a não ser Elizabeth Taylor, que era a estrela de cinema mais linda que se podia imaginar antes de ficar velha e meio gorda, mas Jenny não ligava para a beleza de Tinsley — isso era simplesmente *maldade*. Mas se deixava Tinsley feliz ter a cama antiga de volta, ela podia tê-la. Jenny só queria que ela tivesse perguntado primeiro e que ela própria não tivesse que dormir numa cama de armar que fedia ao porão mofado de onde deve ter vindo.

— Sentimos a sua falta no treino de hoje — disse Jenny, empoleirando-se na cama frágil e idiota para tirar as meias de hóquei ensopadas. Depois ela se sentiu meio falsa porque só percebera que Brett não estava no treino quando entrou no alojamento e a viu sentada ali, ainda com o suéter de cashmere verde justo e botas marfim. Era terça-feira e Jenny tivera uma aula de retratos antes, o que significava que passou a tarde sentada ao lado de Easy, desenhando e dividindo olhares e bilhetes, e pelo resto da tarde foi incapaz de pensar em qualquer coisa que não fosse ele. Só ficar ao lado dele fazia Jenny sentir uma espécie de glória e se esquecer totalmente das coisas... Tipo o fato de que ele ainda estava com Callie.

Jenny pegou o bolo de lençóis na cama de armar e começou a arrumá-lo no colchão pequeno e frágil. Ele se ajustou como uma calçola frouxa de vovó.

O som de uma banda de calouros cantando a plenos pulmões "Drop It Like It's Hot" vagou pela janela aberta. Brett ainda olhava distraída o Hudson. Jenny se aproximou e se sentou na beira da cama desfeita de Brett. Nem Brett nem Callie fizeram a cama, mas Jenny não estava à vontade o bastante para deixar os lençóis e cobertores na bagunça que elas deixavam. Seria como permitir que elas vissem seu sutiã, e definitivamente era cedo demais para isso. Ela ainda mudava de roupa no banheiro.

— Você está bem? — perguntou Jenny, sem querer incomodá-la, mas também sem querer ser o tipo de colega de quarto que não pergunta a todo mundo se está bem, quando alguma coisa claramente não estava bem. — A treinadora disse que você estava doente.

Brett virou a cabeça para Jenny.

— É parecido.

Havia um motivo para ela se sentir nauseada: Eric. É claro que ele tecnicamente era um professor, mas não era professor *dela*. Na semana anterior, quando ele a levou à casa dele em Lindisfarne, a propriedade da família em Newport, Rhode Island, e eles ficaram sentados na varanda da casa de hóspedes, não foi preciso mais do que um gole de um bordeaux mais velho do que ela para que Brett soltasse a verdade sobre sua família. E Eric Dalton — um legado de Waverly, herdeiro de uma verdadeira dinastia americana, com sua linda e classuda casa em Newport e a linda e classuda família de sangue azul da Nova Inglaterra — fez com que ela se sentisse intrigante e sexy apesar de sua criação desprovida de classe.

Brett enfiou o cabelo cor de fogo atrás das orelhas. Jenny era tão doce, sentada ali na beira de sua cama, como se tivesse medo de incomodá-la. Não admira que todo mundo estivesse dizendo que Easy Walsh estava apaixonado por ela. Brett não sabia se era verdade, mas via que podia ser mesmo.

Brett desceu para sua cama, sentando-se ao lado de Jenny, batendo os joelhos.

— Jura que não vai contar a ninguém? — Só conhecia Jenny havia uma semana, mas Brett se sentira sem amigas este ano, com Tinsley fora e Callie agindo como uma completa geladeira. E agora Tinsley e Callie pareciam ter voltado a ser grandes amigas e provavelmente tramavam para arruinar sua vida. Além disso, Jenny já sabia de Eric desde que vira Brett escapular do quarto no meio da noite na semana anterior.

— Prometo. — Jenny cruzou os dedos na altura do coração.

— Que bom, porque você sabe como é quando gosta tanto de alguém, que não consegue deixar de pensar nele e só o que quer fazer é falar sobre ele? — Brett mordeu o canto do lábio. Devia haver pelo menos *alguma* verdade nos boatos sobre Jenny e Easy. Jenny *tinha* que entender.

— Sei—disse Jenny baixinho.—Eu sei como é. —Jenny se lembrou de olhar as estrelas com Easy na festa de Heath quando ele lhe disse que queria estar apaixonado como nas propagandas de diamantes De Beers. Ele ficou sem graça ao falar isso, mas Jenny sabia o que ele queria dizer. Ele disse que não tinha isso agora, o que significava que ele não sentia isso por Callie, mas que queria sentir. Ela se perguntou se talvez ele quisesse sentir com *ela*.

— Bom, sabe aquela... *coisa*... que rola com... — Brett olhou Jenny mais de perto. — Sabe como é. —Jenny assentiu, então Brett continuou. — Mas o caso é que ele não está retornando minhas mensagens, nem meus telefonemas.

— Quanto tempo faz desde que vocês se falaram?

Brett fingiu ter que pensar nisso, mas sabia exatamente quanto tempo fazia.

— Dois dias. Liguei para ele duas vezes. — Na verdade foram 11, mas ela não queria que Jenny pensasse que era obsessiva.

Lá fora, as mesmas meninas que estavam cantando "Drop It Like It's Hot" começaram a discutir sobre quais eram os meninos mais bonitos da Waverly. "Easy Walsh é tão gato!", elas puderam ouvir, e a cara de Jenny imediatamente corou.

Brett sorriu. Parecia que Jenny definitivamente tinha um segredo só dela.

OwlNet ----- Caixa de Mensagem Instantânea

CelineColista: B, não terminei meu artigo sobre Heródoto. Vc acha que Dalton vai me dar mais prazo?

BrettMesserschmidt: Como é que vou saber? Não sou da sua turma.

CelineColista: Mas vcs são amigos, não são? Quem sabe vc pode dar uma palavrinha por mim?

BrettMesserschmidt: Trabalho com ele no CD... E vc tb.

CelineColista: Mas vcs não têm, tipo assim, reuniões particulares?

BrettMesserschmidt: Só assuntos do CD.

CelineColista: Que droga. Quer dizer, para meu prazo.

UM WAVERLY OWL NÃO SE ENVOLVE EM ATIVIDADES ALUCINÓGENAS, SEJAM ORGÂNICAS OU NÃO.

— Como é a Tinsley? É gata igual a Jessica Alba em *Sin City*? — perguntou Ryan Reynolds como quem suplica. — Com que *roupa* ela estava? Por que eu ainda não a vi? Brandon Buchanan baixou a bolsa preta e lustrosa de squash no piso de madeira surrado, mas ainda assim encerado, da sala de estar do Richards. Mesmo cheia de adolescentes, a sala parecia uma velha cabana de caça inglesa, com seus frisos de mogno, parede verde e estantes cheias de clássicos encadernados em couro de que ninguém ouvira falar na vida. Isso fazia Brandon querer ter um dos cachimbos do pai. Ele revirou os olhos para Julian McCafferty, o calouro alto de cabelos compridos de Seattle que tinha acabado de chegar do treino de squash com ele. Brandon o derrotara, é claro, mas foi uma vitória meio apertada demais para que ele se sentisse à vontade. Normalmente, isso teria sido o bastante para fazer com que Brandon o evitasse, mas Julian era surpreendentemente legal. As meninas iam gostar dele também, pensou Brandon com um pouco de inveja, depois que ele cortasse aquele cabelo de homem das cavernas.

— Quem é Tinsley? — perguntou Julian num cochicho brincalhão. Como sempre, a sala estava apinhada de meninos avoados, exaustos dos treinos esportivos e se reaclimatando à vida na escola depois de seus verões relaxantes nas casas de campo e de praia das famílias. A ESPN lampejava na televisão de gabinete do canto, muda, imaginou Brandon, para que todos pudessem fofocar sobre Tinsley. Eles eram piores do que as mulheres.

Todos riram da ignorância de Julian.

— Cara, é evidente que você é um calouro — disse Alan St. Girard, o primeiranista cujos pais ensinavam filosofia nas mais caras faculdades de ciências humanas da Costa Leste e, segundo diziam, tinham uma plantação de marijuana em New Hampshire. Ele tinha cabelo castanho farto e uma eterna barba rala, que as meninas achavam encantadora mas Brandon achava nojenta. Vai se barbear, cara. — Ela é a garota mais gostosa do planeta.

— Não tem alguma coisa no manual sobre ela? — perguntou Teague Williams, o corpo pós-treino de futebol pingando suor em uma das caras poltronas de couro. — Tipo assim, "Waverly Ows machos, cuidado com essa garota. Ela vai sacanear e torturar você, e assombrar seus sonhos com sua presença deliciosa por quatro anos inteiros na Waverly e pelo resto de sua vida na terra."

— Estou louco para conhecê-la. — Julian largou no chão a bolsa de squash Nike marrom e puxou o cabelo louro descolorido em um rabo-de-cavalo, usando o elástico que mantinha no pulso para esses momentos. Brandon deu de ombros com desprazer. — Como é que ela é?

Os meninos soltaram um suspiro coletivo e Brandon afundou em uma das antigas poltronas. Tinsley era gostosa, mas esses caras eram ridículos. Ela não era nem de longe tão bonita quanto Callie, que Brandon namorou por todo o primeiro ano antes do merda do Easy Walsh roubá-la dele. Eles foram a uma festa na biblioteca e, quando ele saiu para pegar uma bebida para Callie como o cavalheiro que era, Easy apareceu de fininho, arrastou a garota para a sala de livros raros e passou nela uma cantada de caubói do sul. E agora havia todo tipo de boatos de que ele estava trocando Callie por Jenny Humphrey, a nova menina bonitinha que Brandon achava que podia mesmo fazê-lo

esquecer Callie. A merda do Walsh. Ele lançou um olhar colérico para o corpo fedido a cavalo de Easy, esparramado no sofá xadrez.

— Não espere grande coisa, garoto—disse Ryan enquanto abria espaço no sofá para Julian se sentar. —A Tinsley nem fala com calouros.

— Agora que ela voltou, tenho a sensação de que este ano será muito mais interessante — disse Easy com a voz arrastada, sem desviar os olhos do desenho que tinha no colo. Brandon reprimiu o impulso de revirar os olhos. Será que havia uma única menina no campus em quem Easy *não* chegasse? Primeiro Callie, depois Jenny, agora Tinsley? Havia boatos de que ele e Tinsley tinham ficado na casa dos pais dela no Alasca nas férias de primavera do primeiro ano, mas Easy nunca confirmou a história e nem Brandon se importou com ela.

— Caracaaaa! — Todos giraram a cabeça e viram Heath Ferro parado na soleira da porta com um sorriso malicioso na cara bonita.—Estava falando agora mesmo com meu primo que se formou aqui há uns cinco anos, e ele me contou uma coisa *irada*. Disse que se a gente for até o outro lado da cratera, ela fica toda mole, e adivinha o que cresce lá? — Heath olhou para todos com expectativa, como se alguma coisa do que disse fizesse sentido. — Cogumelos, galera! — gritou ele. — Achei que a gente podia ir ao bosque ter um barato natural, no estilo Alice no País das Maravilhas. Foi uma semana muito longa—acrescentou ele, embora ainda fosse terça-feira. — E aí, quem vai nessa? — Heath estalou os dedos com impaciência.

Ryan e Alan de imediato bateram os punhos com ele.

— Tô dentro.

Brandon gemeu e passou as mãos no cabelo recém-lavado e com gel.

— É terça-feira, porra. Tenho que ler cinco capítulos de *Tess* para amanhã.

— Ah, coitado do Brandon!—Heath falou no falsete que reservava para se divertir à custa dos atributos femininos do colega de quarto. — Cinco capítulos, não!

— Vai se foder, Ferro. Não é todo mundo que tem um papai que compra as notas A.

— Se os calouros não estão proibidos, adoraria participar. —A voz grave de barítono de Julian explodiu enquanto ele se levantava. Era tão injusto para um calouro ser tão alto e másculo. Quando Brandon era calouro, mal passava de 1,60 e sua voz parecia a de uma menina.

Easy largou o desenho no chão e descruzou as pernas.

— E por que não?

Brandon suspirou baixo. Embora quisesse passar o menor tempo possível perto do repugnante do Walsh, não ia deixar Easy e um calouro novato fazerem com que ele parecesse um frouxo.

— Tá legal. Vamos dar o fora daqui — cedeu. Ia só passar os olhos por Thomas Hardy mesmo.

Easy e Alan atiravam o frisbee de um lado para outro, lembrando a Brandon dois golden retrievers sujos, enquanto o grupo atravessava o campus até o trecho de bosque que separava do rio os prédios de tijolinhos. Meninos e meninas arrumadinhos com mochilas e suéteres de tricô entravam na biblioteca às pressas para algumas horas de estudos antes do toque de recolher, e Brandon queria poder sentar com Callie de novo na escada da biblioteca, como costumavam fazer, conversando, paquerando e namorando quando ninguém estava vendo. Em vez disso, ele ia procurar cogumelos com um bando de babacas, um dos quais na verdade lhe roubara a garota que ele amava e agora devia estar a ponto de magoá-la.

Os mocassins de couro de bezerro Gucci de Brandon seguiam pelo caminho do bosque até que Heath e Easy saíram do caminho de pedra e entraram na mata. Brandon tentou não estragar seus sapatos enquanto andavam pelo mato alto e os galhos baixos. O

bosque se abria brevemente em uma pequena clareira cheia de pedras grandes que os alunos usavam como local clandestino de festas havia décadas — a cratera. O céu escurecia, mas ainda não estava frio.

— Ele disse para procurar a pedra maior perto da beira e depois andar para o bosque até ficar encharcado. — Heath identificou a pedra maior e acenou para ela como se estivesse sinalizando para um avião na pista.

Brandon fechou a carranca para os sapatos. O grupo de meninos esmagava os gravetos e folhas sob os pés, e de repente a terra ficou esponjosa e molhada.

— Porra — murmurou Brandon.

— Olha! — Heath se agachou na base de uma árvore. — Cogumelos!

Todos começaram a colher, reunindo nas mãos os chapéus de cogumelo sujos. Brandon teria esperado que eles parecessem um pouco mais exóticos. Estes pareciam tão inocentes e, bom, culinários, como se pertencessem a uma espécie de frigideira Szechuan que a cozinheira de sua família, Greta, podia sacar.

— Detesto decepcionar você, Ferro. — Ryan mexia em um dos chapéus e o cheirou como se fosse um especialista em cogumelos, o que, dado os boatos sobre seus pais, era bem possível. — Mas estes não são pra valer.

— Que merda, cara — murmurou Heath. — Bom, a gente vai dar uma relaxada aqui na cratera ou vai voltar?

Votos decepcionados em favor de ficar foram murmurados e alguns minutos depois Brandon sentiu a umidade fria do gramado ensopando seus jeans Dolce & Gabbana enquanto o restante dos rapazes voltava ao tema da gostosa Tinsley. Brandon fechou os olhos e deixou que o som dos grilos abafasse as vozes dos meninos. Não estava nada interessado em pensar em Tinsley. Ele amava *Callie*. Ela o largou para ficar com Easy há mais de um ano, então eles estavam separados havia mais tempo do que ficaram juntos, mas nem assim Brandon conseguia tirá-la da cabeça. E ela não ajudava muito — na semana anterior, ele esbarrou com ela depois de uma das festas de boas-vindas só de meninas e ela lhe pediu, bêbada, para dormir com ela. Ele só queria abraçá-la e conversar com ela até que o efeito do álcool passasse. Brandon teria ficado sentado com Callie a noite toda, mas não ia tirar proveito dela quando ela estava tão emocionalmente arrasada com o que quer que tenha acontecido com o sebo do Walsh. O Easy Facinho.

— As estrelas estão aparecendo. As garotas adoram as estrelas — observou Heath. — Sabe quem eu pegaria aqui?

— Tinsley — disseram alguns meninos em uníssono.

— Boa sorte nessa, Ferro — balbuciou Easy. Ele estava deitado na grama, olhando o céu. Callie tinha colocado o nome dele em uma estrela desde que entrou num site brega qualquer, mas agora olhando o céu, ele não conseguia imaginar que procuraria por sua estrela com Callie. A única menina com quem queria olhar estrelas era Jenny. Se ao menos ela estivesse ali agora.

— Acho que a gente deve voltar. — Brandon interrompeu os pensamentos de Easy e os meninos se colocaram, desajeitados, de pé, ainda falando de Tinsley e como seria ficar com ela. Easy *já ficara* com ela, antes de Callie, quando um bando deles foi para o Alasca nas férias de primavera. Ficaram acordados a noite toda, nus na banheira, praticamente só conversando e olhando as estrelas. Tinsley era linda, mas Easy tinha certeza absoluta de que o que deixava os caras mais obcecados por ela era a mesma coisa que o fizera feliz em pular fora. Ela era meio... *má*.

E então, enquanto eles voltavam pelo gramado bem-cuidado do campus principal, Easy viu Tinsley andando na direção deles pela grama. Ele a observou se aproximar, num minivestido turquesa sem alças e sapatilhas Mary Janes pretas de tecido, do tipo que se

compra em lojas de presentes chinesas bregas. E bem da Tinsley combinar um vestido desses com sapatos de cinco dólares.

— Vocês todos não parecem suspeitos, saindo do bosque desse jeito? — observou ela provocativamente. — O que estavam *fazendo* lá? — continuou Tinsley quando os meninos estavam perto o bastante para sentir seu perfume doce e almiscarado.

— Reunião da sociedade secreta — respondeu Easy misteriosamente. Seus cachos quase pretos caíam soltos no rosto, incrustados de folhas esmagadas. — Você não entenderia.

Tinsley deu um tapinha na barriga dele com as costas da mão.

— Ah, é? O que vocês fazem? Fumam maconha e falam de mulheres? — Seus olhos violeta cintilaram. Tinsley sempre conseguia farejar um segredo. — Posso ir da próxima vez?

— Desculpe, senhora — Easy sorriu, falando para todos eles. — E só para cavalheiros.

— Mas que *idiotice* — disse Tinsley lentamente, os lábios formando um biquinho cor-de-rosa. — Acho que vou ter que criar minha própria sociedade secreta, então. — Ela mostrou a língua antes de se virar; era mestre em deixar sua platéia sem fôlego, querendo mais.

UMA WAVERLY OWL DEVE OBEDECER AO TOQUE DE RECOLHER, MAS ISSO NÃO QUER DIZER QUE NÃO POSSA FICAR ACORDADA A NOITE TODA.

O Nokia prata de Brett vibrou com ruído na cômoda de madeira enquanto ela e Jenny tiravam os olhos de suas antologias Norton e se olhavam. Os olhos verdes de gato de Brett brilharam de triunfo ao pegar o telefone e ler o identificador de chamadas.

— Até que enfim! — gritou ela antes de respirar fundo e tentar eliminar toda a excitação da voz. — Sim — atendeu ela friamente enquanto Jenny ria e trazia ao peito os joelhos vestidos numa calça de pijama de flanela com estampa de cereja Nick&Nora.

— Pode me encontrar na minha casa em Rhinecliff? Preciso ver você. — A voz grave de Eric de imediato atenuou qualquer preocupação que ela sentia, como se ele tivesse afastado seu cabelo de lado e falado suavemente, respirando em sua orelha. Ela sentiu o rosto arder e Jenny gesticulou para a porta e murmurou, "Quer que eu saia?"

Brett sacudiu a cabeça antes de se virar para a janela e olhar a noite que caía. Eram 21h50. Menos de uma hora para o toque de recolher.

— Como vou chegar lá? — respondeu Brett por fim, olhando a camiseta La Perla de seda rosa-claro e a calça preferida de ioga preta supermacia C&C Califórnia que vestia nos dias em que se sentia gorda ou deprimida.

— Vou mandar um carro. Esteja em frente ao portão daqui a vinte minutos, está bem? Brett desligou rapidamente e, de imediato, começou a tirar a calça.

— Eu sabia que ele ia ligar — guinchou ela, pegando um jeans escuro James das profundezas do armário. Ela manteve a camiseta, uma vez que estava com uma calcinha igual e automaticamente sentia-se muito mais sexy quando vestia o conjunto completo. Brett se olhou no espelho. Seu rosto estava sem maquiagem porque ela já havia feito o ritual noturno de limpeza dos poros. Ela passou uma camada de brilho DuWop nos lábios sem batom, desfrutando do modo como pinicava. Depois calçou um par de sapatilhas de balé Marc Jacobs cor-de-rosa e vestiu um blazer de algodão aveludado marrom da Anthropologie que parecia romântico. — Estou bem?

Jenny não sabia o que dizer.

— Er, você vai sair? *Agora?*

— Ninguém vai saber. Não diga a Callie nem a Tinsley onde estou, tá legal?

Brett estava linda — limpa, doce e delicada —, mas Jenny ainda não tinha certeza de como devia se sentir com relação a ela e o Sr. Dalton. Sabia que Brett era mais vivida do que ela, mas essa história era meio louca. E, no entanto, parada ali diante do espelho, ajeitando o cabelo ruivo atrás das orelhas, Brett brilhava com certeza. Quem era Jenny para ser a indesejada voz da razão quando Brett claramente estava mais feliz do que ficou a semana toda?

— Claro, vou inventar alguma coisa — disse Jenny, levantando-se para espanar um fiapo de linho do ombro de Brett. — Você está mesmo linda.

Brett girou pelo quarto numa nuvem de alegria romântica, mas um nó de nervosismo se acomodava na boca de seu estômago quando ela entrou no carro preto que esperava por ela do lado de fora dos portões da Waverly. O motorista não lhe disse nada e Brett de repente se sentiu a amante de um banqueiro rico, sendo convocada quando a esposa cretina estava fora, no spa.

Depois de passar pela sonolenta rua principal da cidadezinha de Rhinecliff, o carro seguiu na direção do rio e andou por uma estrada muito arborizada. Luzes de casas grandes e de bom gosto brilhavam através das árvores. Depois, justo quando parecia que

eles iam cair na correnteza lenta do Hudson, o veículo de repente pegou uma longa entrada de carros. Os galhos balançavam de leve nos vidros e nas laterais do veículo. Completamente privativo, observou Brett.

O motorista parou diante de uma moderna casa angulosa de madeira e vidro aninhada à margem do rio. Eric abriu a porta da frente, usando jeans Diesel e uma camiseta azul-marinho dos Red Sox. Vê-lo vestido com tanta informalidade soava tão íntimo. Ele parecia exatamente o tipo de universitário bonito, mas um tanto desmazelado, com que ela sempre sonhou encontrar em uma de suas muitas visitas a universidades da Ivy League. O logo dos Red Sox a fez pensar com culpa em Jeremiah antes de rapidamente expulsá-lo da cabeça.

— Desculpe por não ter ligado. Andei ocupado. — Eric se inclinou para dar um beijo no rosto de Brett, demorando-se mais do que o necessário. — Senti sua falta, e seu perfume é adorável.

Brett odiava desfalecer assim, mas quantos homens conhecia que podiam dizer "adorável" de verdade? Certamente não Jeremiah. Ela de imediato perdoou Eric por todos os telefonemas que ele não retornou. Ele era adulto, afinal de contas. Estava ocupado.

Eric a conduziu pela entrada estreita que se abria para uma sala pouco iluminada com teto de catedral. Uma vidraça dava para o que devia ser uma vista de tirar o fôlego do rio, mas agora só se via a escuridão. A sala era esparsa e elegantemente mobiliada com móveis retangulares e baixos que claramente foram desenhados para esta casa. Velas bruxuleavam na mesa de centro e o som de saxofone enchia o ar.

— Esta é uma casa de Frank Lloyd Wright? — perguntou ela, uma vez que Frank Lloyd Wright era o único arquiteto moderno que conhecia.

— Não — disse Eric, servindo vinho tinto em duas taças de cristal já colocadas na mesa de centro. — Meu avô era um grande fã da obra de Wright, mas não de seu estilo de vida. — Ele apontou para o sofá e Brett se sentou, imaginando o que dignificaria "seu estilo de vida", mas tímida demais para perguntar. O sofá era surpreendentemente duro e desconfortável. Ela tentou se apoiar em uma das almofadas aveludadas e se sentiu um pouco melhor, embora estivesse preocupada que sua postura parecesse sugestiva demais. Eric lhe passou uma taça e se sentou ao lado dela, perto o suficiente para que os joelhos dos dois se roçassem. — Meu avô era meio durão.

— Parece que seu avô era um homem de... *príncipios* — disse Brett, tentando parecer sofisticada, mas desconfiando de que parecia uma anormal. Ela bebeu o vinho e se sentiu meio deslocada.

— *Ela* achava que era — disse Eric com uma risadinha, baixando a taça na mesa. Ele ergueu uma das sobrancelhas louras e perfeitas e olhou nos olhos dela. — Mas tinha um fraco por mulheres bonitas.

— Ah, sim? — Brett podia sentir que corava. Segurou o joelho com as mãos. — Então é de família?

Eric se inclinou para ela e ternamente afastou uma mecha do seu cabelo vermelho, com o cuidado de não prendê-lo em nenhuma das argolinhas de ouro que ela sempre usava na curva superior da orelha esquerda.

— Apenas ruivas estonteantes — ele sussurrou em seu ouvido.

Os dedos dele deslizaram para o ombro de Brett. Ela estava com sérios problemas para se concentrar.

— Hummm... Eric? O que exatamente estamos fazendo aqui? — gaguejou ela, tentando parecer o menos infantil e o mais despreocupada possível. — Quer dizer, sério. Você pode se meter num monte de problemas. Nós dois...

Eric suspirou e tirou a mão do ombro dela, deixando-a cair nas costas do sofá. Seu

cabelo louro-areia parecia mais escuro à luz de velas e seu rosto ficou sério.

— Andei pensando muito nisso e, embora haja muitos motivos lógicos para não acontecer, não quero que pare.

Brett não conseguiu evitar. Apertou seu joelho contra o dele. A visão dos dois joelhos de jeans parecia tão normal e certa para ela. Afinal, ele era só um cara, bonito, inteligente e totalmente irresistível. Ela passou a mão devagar pela perna dele e a deixou ali, admirando a sensação de sua coxa musculosa sob as unhas lavanda. Reprimindo uma risadinha, lembrou-se do nome do esmalte Hard Candy que tinha pegado na bolsa de maquiagem de Callie: Jailbait. Chave de Cadeia.

— Eu só... — Eric deu de ombros e espanou um fio de cabelo invisível do rosto. — Só acho que você é a garota mais incrível que conheci.

Ela se sentia bêbada, embora mal tivesse tocado no vinho. Aproximou o rosto do dele, devagar, mantendo os olhos em seus lábios. Por fim encontrou os lábios dele e sentiu a eletricidade percorrer seu corpo.

Depois de um beijo longo e demorado, ele desceu os lábios ao pescoço de Brett. Ela teve de se lembrar da última vez em que estiveram juntos, no barco dele, quando começaram a tirar as roupas um do outro. Lá estava ela, completamente nua na cama de Eric, quando de repente percebeu que ainda não estava preparada para isso. Mas, desta vez, Brett tinha certeza. Quem melhor para compartilhar sua primeira vez do que alguém tão incrível... Que achava que ela era *maravilhosa*?

Mas enquanto Eric bafejava em seu pescoço e as mãos dele se aproximavam de seus seios, ela não conseguiu deixar de sentir, mais uma vez, que ele era simplesmente bom *demais* nisso. Ele sabia exatamente como tocar nela, o que, de certa forma, era hipnoticamente excitante. Mas sempre que ela começava a pensar demais no assunto, o que não conseguia evitar, podia imaginá-lo fazendo exatamente a mesma coisa com uma garota qualquer no lugar dela, que ele chamava de maravilhosa e talvez até fizesse a mesma piada com o fraco da família por ruivas, ou loiras, ou sardentas, ou o que quer que a garota tivesse. Quantas garotas — ou *mulheres* — estiveram neste mesmo sofá, nesta mesma sala à luz de velas? A idéia a deixou constrangida de imediato e seu corpo congelou.

Eric se afastou dela e a olhou com um jeito indagador.

— Eu... Eu acho que talvez não esteja pronta — gaguejou ela, sentindo-se a maior criança do mundo. Ela olhou o próprio colo e se concentrou em reprimir as lágrimas que ameaçavam sair.

— Está tudo bem, Brett. — Eric pôs as mãos em seu rosto. — Olhe para mim... Não se preocupe com isso. Não tem pressa... Vamos devagar.

Brett olhou para ele.

— Desculpe por ser tão... — ela começou a dizer.

— Tão o quê? Linda e sexy? — ele riu e Brett sorriu timidamente. — Confie em mim, não vou a lugar algum. Temos todo o tempo do mundo. — Ele estendeu os braços e Brett desabou neles com alívio, desfrutando do modo como o corpo dele parecia envolvê-la, todo vestido. Ela estaria pronta logo; sabia disso. Mas não agora.

Duas horas depois, Brett estava deitada seminua com Eric cochilando ao lado, debaixo de lençóis de algodão egípcio que deveriam de ter uns mil fios. E embora fosse legal, sensual e doce, Brett não conseguia deixar de pensar em como sua própria cama estaria naquele momento. Quase podia ouvir Callie choramingando baixo enquanto dormia. Os roncos másculos de Eric a lembrava os do pai. Ela só queria ter dormido e passado por sua primeira vez com ele — não se sentiria tão criança e da próxima vez ficaria mais fácil. Precisando fazer xixi, ela deslizou de sob o braço de Eric, com o cuidado de não acordá-lo.

Pegou uma calça de pijama de seda Ralph Lauren na cômoda dele para vestir por cima da calcinha. Enquanto amarrava a cintura, um feixe de luar iluminou o alto da cômoda. Ao lado da carteira de couro preto italiano de Eric havia um saco plástico de maconha. Brett o pegou e cheirou o interior para ter certeza. Eric, um maconheiro? Brett nunca fumara maconha, mas ocorreu-lhe que podia ser exatamente o que precisava para transar com Eric. Talvez da próxima vez.

— Aonde você vai? — Brett se virou e viu Eric sentando-se na cama, os olhos cinza sensuais e sonolentos e o cabelo desordenado. — Não vai embora, vai?

— Banheiro — respondeu Brett, de repente perguntando-se como ia chegar em casa.

— Passe a noite aqui. — Eric bocejou de um jeito lindo. — Só quero que você durma do meu lado.

Brette derreteu. Sem pensar em toques de recolher, nas colegas de quarto ou no que ia vestir de manhã, ela concordou.

— Eu também.

OwlNet----- Caixa de Mensagem Instantânea

SageFrancis: Já acordou? Acabo de bater na porta de Pardee para dizer que nosso banheiro entupiu de novo e ouvi o Sr. Pardee pirando total lá dentro.

BennyCunningham: Pegou alguma coisa?

SageFrancis: Na verdade não. Será que ela tem amante? O Sr. Dalton?

BennyCunningham: Duvido. Alguém viu Brett saindo de um carrão quando amanheceu hoje.

SageFrancis: Não diga...

OwlNet ----- Caixa de Entrada de E-mail

Para: EasyWalsh@waverly.edu

De: CallieVernon@waverly.edu

Data: Quarta-feira, 11 de setembro, 09:01 h

Assunto: Estábulos

Oi, gato

Me encontra nos estábulos às cinco da tarde?

Bjs

C

UMA WAVERLY OWL NÃO COBIÇA O NAMORADO DE UMA COLEGA DE QUARTO — SÓ DEPOIS QUE ELES TERMINAM.

Jenny largou no chão a gigantesca bolsa de camurça roxa que tinha comprado em uma feira ao ar livre em Praga naquele verão, deixando-a atrás da mesa de arte que chamava, insegura, de sua. Ela se apaixonou pela bolsa e sua mãe, sem sequer tentar pechinchar, rapidamente lhe deu as duzentas coroas checas que o vendedor queria por ela, como se sua disposição de comprar uma bolsa para Jenny a tornasse uma mãe menos negligente depois de basicamente abandonar Jenny e Dan quando eles eram crianças. Jenny adorava a bolsa, apesar de ser um suborno, apesar de ser um tanto esculhambada e não estar lá muito na moda. Depois de sua primeira semana na Waverly, Jenny se via menos preocupada com o que os outros pensavam que era descolado. Algo no modo como transformara o grito de torcida do Sábado Negro para proveito próprio, em vez de desmaiar de vergonha, deu-lhe poder e ela de repente achava que podia fazer o mesmo com tudo, caso se decidisse a isso. Quem ligava se sua bolsa era meio largada e tinha cara de Bloco Oriental?

No dia anterior a Sra. Silver convidou Jenny, Easy e Alison Quentin para fazer um curso avançado de retratos às quartas-feiras. A aula era principalmente de veteranos, então Jenny se sentia especialmente orgulhosa. Também não doía o fato de que ia ter outra aula com Easy.

Jenny foi até o armário de suprimentos dos alunos e pegou o bloco de desenho enorme e novo na prateleira com a etiqueta HUMPHREY em sua caligrafia elegante. Não pôde deixar de sorrir ao ver o nome de Easy na prateleira dele, em carvão sujo, as letras escuras e manchadas já desbotando na etiqueta branca.

— Que bom que pôde se juntar a nós, Sr. Walsh — a Sra. Silver recebeu Easy enquanto ele se arrastava para a sala e ela fechava a porta do armário.

— O prazer é todo meu.—Easy deslizou para a banquetta ao lado de Jenny, fitando-a pelo canto dos olhos azuis brilhantes. Era uma glória estranha, uma sacanagem, como se alguém balançasse uma fatia de pizza de queijo e pepperoni sob seu nariz e ela estivesse de dieta. Qual era o problema dela? Não sabia se ele e Callie ainda estavam juntos mas, de qualquer forma, Callie era sua *colega de quarto*. — Oi — sussurrou ele, mal podendo ser ouvido.

— Oi — sussurrou Jenny também. O que ela estava fazendo? Tinha que se obrigar a parar de paquerar Easy. Concentre-se em sua arte, em qualquer coisa!

— Acho que todos vocês dominaram as proporções básicas do rosto, trabalhando com um espelho e seus próprios reflexos. —A Sra. Silver, a grisalha mamãe-noel-que-virou-hippie, sorriu gentilmente para a turma.—Agora, gostaria que trabalhassem na captura da semelhança do rosto de outra pessoa. Estas duas filas, formem pares com quem estiver ao lado... — Ela apontou a fila de Jenny e Easy. — E essas duas...

Jenny não ouvia mais. Easy já estava virando sua mesa de frente para ela. Era quase como se todos no mundo tivessem se unido para tentar torturá-la.

— Quem vai primeiro?—perguntou ele, o lápis já rabiscando o papel.

— Eu vou primeiro — disse Jenny, que ainda não estava pronta para ter seu rosto desenhado. Ela corava como uma idiota o tempo todo. Além disso, não queria que ele comesse a comparar sua aparência com a de Callie, ela jamais seria páreo. Callie era o tipo de garota que ficava totalmente atraente só de aparecer no treino de hóquei e passar algumas horas suando. Callie era *linda*. Jenny olhou seu corpo nada-perfeito com o peito desproporcionalmente grande e se perguntou novamente por que ele chegava a

pensar em deixar de fazer parte de um casal tão glamouroso para ficar com uma menina mais de trinta centímetros mais baixa do que ele. Eles pareciam aberrações!

— Tá legal, mas nunca fui modelo antes, então posso não ser muito bom nisso. — Ele parecia meio constrangido com a situação, batendo os dedos nervosamente na mesa de desenho.

— Está tudo bem; não precisa posar, nem nada. — Jenny riu. — Pode falar ou desenhar, se quiser, desde que não se mexa muito. E mantenha a cabeça erguida.

Easy olhou nos olhos dela e um sorriso lento se espalhou por seu rosto.

— Tudo bem, chefe.

Ela olhou o papel e começou o esboço preliminar do contorno de sua cabeça com um toco de carvão de videira, mas seus olhos foram atraídos de imediato para o rosto dele. Com apenas algumas olhadas no papel enquanto desenhava, Jenny analisou suas feições mais de perto do que fizera antes, apreciando a pequena elevação no nariz, o modo como os olhos azuis e grandes se viravam nos cantos, as orelhas levemente desiguais e projetadas para fora. O papel se encheu rapidamente.

— Muito bom — disse a Sra. Silver de trás da mesa de Jenny. — Excelente... Turma, estão vendo como Jenny mantém os olhos no rosto de Easy, sem se enterrar no papel? Quero que se concentrem no que estão *vendo*, e o desenho simplesmente acontecerá. *Perfeito*, pensou Jenny. Mais mensagens confusas — ela não consegue tirar os olhos de Easy e ainda é elogiada por isso.

— Quase se atrasou hoje — observou Jenny, querendo dar um fim ao silêncio entre eles, depois que a Sra. Silver passou ao par seguinte. Sentia uma coceira no nariz, mas não queria coçar porque seus dedos estavam pretos de carvão.

— Saí com Credo. O clima estava tão bom que eu quis cavalgar o máximo possível. — A cara de Easy sempre se iluminava quando ele falava da égua. Jenny foi criada com muitas meninas cujas famílias tinham casas e estábulos em Westchester e Connecticut, e que falavam de seus saltadores premiados como se estivessem apaixonadas por eles ou coisa assim. Talvez seu pai anarquista tenha lhe inculcado isso, mas ela sempre as achou meio pretensiosas demais, com suas calças de montaria e botas de hipismo. Ou talvez ela só tivesse inveja.

— Nunca montei num cavalo — admitiu ela, virando outra página do bloco e começando um novo desenho. Ela trocou o carvão de videira por um lápis macio e começou a trabalhar no formato dos olhos dele para ter uma desculpa para olhá-los.

A boca de Easy se abriu.

— Tá brincando?

Jenny deu de ombros.

— Sou de Nova York. Acho que dei uma volta num pônei uma vez, numa feira. Uma mulher me conduziu num círculo. Não sei se isso conta. — Jenny tombou a cabeça de lado e sorriu. — Pra falar a verdade, deve ter sido um burrico.

Easy riu.

— Há uma grande diferença. — Ele passou a mão no cabelo, deixando os cachos ainda mais desordenados do que o de costume. Olhou timidamente para Jenny. — Bom, pode vir comigo um dia desses. Se você quiser. — Ele deu de ombros, como se não tivesse certeza se ela estaria interessada. — Credo é muito gentil com iniciantes.

Jenny se concentrou nos olhos desenhados a lápis em seu papel em vez de naqueles no rosto de Easy. Por que ele estava *fazendo* isso com ela?

— Gostaria muito... — Ela respirou fundo e o olhou, baixando o tom de voz para que ninguém pudesse ouvir. — Mas, hummm, o que é que tá rolando entre você e Callie? Estão juntos ou não? Porque... — Ela parou.

Easy pareceu surpreso e aturdido.

— Não, Callie e eu não somos mais... — ele parou, sem saber o que eles eram. Easy pegou o apagador amassado e começou a brincar com ele como se fosse massinha de modelar, esticando-o até quebrar, depois rolando para unir os pedaços. — Acho que nós dois sabemos que as coisas acabaram... Só não é oficial, pelo menos tecnicamente. Jenny sentiu o peito se estreitar numa combinação de excitação com a possibilidade de ficar com Easy e o medo de Callie descobrir.

— Só não acho que seja uma grande idéia passarmos muito tempo juntos antes que vocês, bem, terminem oficialmente. — Jenny se surpreendeu por dizer isso. Ela até continuou desenhando enquanto falava, capturando o modo como os olhos se enrugaram quando ele tentou não sorrir. — Ela é minha colega de quarto e não quero que as coisas fiquem esquisitas. — *Mais esquisitas do que já estão*, acrescentou ela em silêncio.

— Olha, eu entendo totalmente. — Easy estendeu a mão por sobre as mesas e puxou a ponta do bloco de desenho de Jenny para que ela olhasse para ele. — Não quero causar problema algum para você.

Ela desenhou levemente os cachos soltos que emolduravam o rosto de Easy.

— Eu sei. — Jenny percebeu uma coisa presa no cabelo dele e, sem pensar duas vezes, inclinou-se na mesa na direção de Easy com o cuidado de não tocar o papel com os peitos e manchar os desenhos. Ele se inclinou um pouco para ela e Jenny teve certeza de que estava corando ao pegar um pedaço de folha de uma das mechas grossas e escuras. Ela a ergueu para que Easy a visse.

— Queria saber mesmo o que você estava fazendo — disse Easy, parecendo meio decepcionado, como se pensasse que ela estava... O quê? Indo beijá-lo? Arrepios cobriram os braços nus de Jenny, embora o prédio de artes sempre estivesse a uns mil graus por causa dos fornos. — Fui ao bosque hoje de manhã — disse ele misteriosamente.

— É mesmo? Como foi? — Ela adorava a idéia de que Easy era meio selvagem, como um duende das matas ou coisas assim, só que não do tipo que usa calças apertadinhas de gay. Jenny olhou para cima ao ouvir a porta se fechando. Ela meio que se esquecera de onde estava. Alunos saíam, armados com seus desenhos, para passar spray fixador. Quer dizer que a aula já estava quase acabando? Como isso aconteceu? Ela olhou a mesa e viu que tinha desenhado um monte de esboços de Easy.

— Gosto de pintar ali. É tranquilo. Tem um lugar ótimo.

— Easy bocejou e se espreguiçou, olhando a sala de artes enquanto os alunos começavam a empurrar as mesas de desenho para seus lugares de origem, os pés de metal guinchando no piso de madeira. — Pretendo voltar lá amanhã. Quem sabe você não quer ir? — Os penetrantes olhos azuis de Easy encontraram os de Jenny e ela tentou entender o que ele estava perguntando. Amanhã? Isso queria dizer que ele terminaria com Callie... *hoje*? De repente parecia que tudo estava acontecendo rápido demais. Seria rápido demais?

Até parece que ela se importava.

— Quero. Gostaria muito.

OwlNet----- Caixa de Entrada de E-mail

Para: EasyWalsh@waverly.edu

De: CallieVernon@waverly.edu

Data: Quarta-feira, 11 de setembro, 15:55h

Assunto: Re: Estábulos

Recebeu meu último e-mail? Te vejo às cinco!

Beijos e talvez mais...

Bjs

C

AS WAVERLY OWLS DEVEM LAVAR A ROUPA SUJA A PORTAS FECHADAS.

Easy se espreguiçou na cama e ouviu os sons dos rapazes voltando do treino, as vozes cheias de adrenalina ecoando pelo alojamento enquanto eles iam para os chuveiros, preparando-se para o jantar. Alan, seu colega de quarto, saía para jantar com os pais no Petit Coq, provavelmente se embebedando de vinho tinto com eles. Easy aumentou o volume do iPod e deixou que o som dos White Stripes enchesse seus ouvidos. Estava dispensado da prática obrigatória de esportes graças a Credo, e teria saído para cavalgá-la esta tarde se não estivesse evitando Callie. Ele não sabia o que exatamente tinha mudado entre eles, mas há um ano ele não teria conseguido tirar as mãos dela. Teria agarrado a oportunidade de passar um tempo agradável antes do jantar aconchegando-se na privacidade dos estábulos; agora nem sequer podia encarar a possibilidade de responder a seus e-mails ou mensagens. Qual era o problema? Por que ele estava sendo tão baixo?

Porque ele conheceu Jenny. Easy sorriu para si mesmo ao pensar nela. Era inevitável que contasse a Callie, mas será que não podia adiar mais um pouquinho?

O som de saltos altos tilintando pela escada de mármore do alojamento podia ser ouvido acima do som da guitarra de Jack White.

— Droga — murmurou Easy. Estava na hora. Ele desligou a música.

A porta se abriu e ali estava Callie, em toda sua fúria, linda e um tanto desordenada, como uma debutante desprezada.

— O que está *fazendo* aqui? Não recebeu minhas mensagens? — Sua pálpebra esquerda tremeu um pouco, como sempre acontecia quando Easy a deixava bem irritada. Ele tentou não sorrir. Ainda a amava. Sempre amaria. Em especial quando ela estava puta.

— Saí do treino de hóquei mais cedo para poder me encontrar com você, e você nem se deu ao trabalho de *aparecer*? — O cabelo de Callie estava puxado para trás numa fivela e ela claramente levava algum tempo arrumando-o para ele depois do treino. Ela parecia meio limpa e elegante demais, com a saia de lã cinza e curta, calça de stretch preta e botas de hipismo de couro preto de saltos gatinha. Pelo que Easy sabia, ela desistira de cavalgar quando tinha sete anos, embora ele tenha tentado, e muitas vezes, fazê-la montar em Credo. O cheiro de xampu lembrou Easy dos salões onde sua mãe e todas as namoradas dele passavam tardes inteiras transformando o cabelo e o rosto numa coisa totalmente irreconhecível.

— Desculpe, eu sinto muito—disse ele de um jeito pouco convincente. Ele se sentou, percebendo como Callie ficava deslocada no desastre que era seu quarto. Cueca samba-canção e jeans amarfanhados cobriam o chão, e uma casca de banana estava em cima de sua cômoda de oito gavetas, no nível do rosto de Callie.

Ela viu, mas ignorou.

— É só o que pode dizer? Você *sente muito*? — Callie tirou a fivela do cabelo e sacudiu a cabeça para que as mechas louro-arruivadas caíssem em ondas pesadas em seus ombros, algo que em geral deixava Easy louco. Ela olhou em seus conhecidos olhos azuis, tentando entender o que havia de diferente neles. Era o modo como ele olhava para ela? — Peraí. Você sente muito por me dar um bolo ou... — O coração de Callie começou a martelar com tanta força que parecia que ia sair do peito. Ao correr dos estábulos até o alojamento dele, ela estava furiosa, pronta para dar um murro na cara de Easy, mas pronta também para aceitar as explicações ou desculpas dele, desde que fossem bem doces e com muitos beijos para amaciar tudo. Agora parecia que o

amaciante era a última coisa que passava pela cabeça dele.

— Não posso fazer mais isso, Callie — murmurou ele delicadamente para a parede.

— Não pode fazer *o quê*? Ficar comigo? — Ela sufocou um soluço de choro. Não ia chorar. Isto *não* acabou. — Do que você está *falando*? — Se pelo menos pudesse encontrar alguma coisa para dizer, ela sabia que podia se sair melhor dessa. Daqui a alguns minutos eles se beijariam e estariam se agarrando.

— Você sabe que as coisas não andam boas com a gente — ele hesitou. Porra, no que é que ele se meteu?

— Não é verdade. Somos ótimos juntos. — Ela atirou o cabelo no ombro e manteve o tom leve. — É só que... É o começo do ano. As coisas estão estressantes. Vai melhorar, eu prometo.

Easy sacudiu a cabeça devagar. Callie sabia que ele tentava não olhar para ela.

— Não está dando certo — disse ele em voz baixa, brincando com os botões do iPod.

— Não finja que não percebeu. Se estivesse tudo ótimo, você não teria ficado com o merda do Heath Ferro no sábado.

— Nós não *ficamos*—protestou Callie, a mente disparando, já tentando decidir que tática usar. O quanto ele *realmente* vira? Talvez ela devesse se fazer de desentendida. Mas parte dela inchava de raiva. Sim, ela estava bêbada e participou do jogo da garrafa, mas o *motivo* para ela tomar um porre, antes de tudo, foi que estava irritada com Easy, então ele na verdade devia ser mais compreensivo. Era só um *jogo*.

Easy a fitou.

— Isso não é desculpa. — Ele passou a mão suja de tinta nos cachos despenteados.

— Olha, Easy, sei que as coisas têm estado difíceis desde, bom, desde a Espanha e tudo.

— Ela pensou na noite na Espanha em que lhe disse que o amava e ele praticamente perguntou o que eles iam comer no jantar. — Mas podemos *consertar* isso. — Callie se sentou ao lado dele na cama, colocou a mão em seu joelho e tentou parecer o mais convincente que podia. Projetou o lábio inferior do jeito que sempre fazia com que seu pai durão cedesse e lhe desse o que ela queria.

Easy soltou um suspiro pesado, como se estivesse prestes a dizer alguma coisa que ele sabia que Callie não queria ouvir. *Não diga isso*, pensou Callie.

— O caso é o seguinte — começou ele. — Não quero consertar nada. — Ele olhou a mão dela em seu joelho como se desejasse que ela se afastasse. Depois olhou direto para ela, os olhos azuis frios e sérios.

Ela retirou a mão e se colocou de pé abruptamente.

— É por causa da Jenny, não é? — ela praticamente gritou.

— Na verdade, não — respondeu ele lentamente. — É por causa da gente.

Na verdade, não? *Na verdade, não?* Como assim, era *mais ou menos isso*?

— Não acredito que está terminando comigo para ficar com aquela... aquela... *pústula*! — Callie guinchou. — Como se atreve!

— Não é isso, Callie.—Easy mantinha a voz baixa e lenta em resposta à histeria crescente de Callie. Ele sabia que ia ficar um horror. Callie tinha uma tendência a se desestruturar como uma menina de cinco anos quando não queria encarar alguma coisa. Callie semicerrou os olhos castanhos para ele.

— Então agora você está *a fim dela*?

— Pára com isso. — Easy apertou os punhos nas têmporas. Isto não fazia parte de sua conversa de terminar-com-Callie. Quaisquer que fossem seus sentimentos por Jenny, não tinham nada a ver com Callie. — Não se trata de ninguém, mas de você e eu.

Callie assentiu violentamente.

— Ah, é claro. Claro que não. Imagino que o desejo com que Jenny se atirou pra cima de você não tenha nada a ver com isso. — Ela cerrou os punhos. — Aquela *puta*!

Easy se levantou. E ela vem me falar de puta.

— Como pode ficar rotulando as pessoas desse jeito? Será que você se *lembra* de como eu e você ficamos juntos, ou bloqueou isso da sua cabeça?

Easy viu, pelo modo como o rosto de Callie paralisou, que não foi uma boa idéia lembrar a Callie de que ela largou Brandon como um peso morto para ficar com ele. Ele sempre se envergonhou do modo furtivo como ficaram juntos, pelas costas de Brandon e na frente de toda a população da Waverly. Na época, ele e Callie tinham uma química tão natural que tudo parecia bem e até meio romântico. Mas agora era só mais uma coisa que o incomodava no relacionamento dos dois.

— Sem dúvida você se esforçou muito para tirar as mãos da minha saia naquela noite!

— gritou Callie.

Easy tentou baixar o tom de voz, percebendo, pela primeira vez, que a porta ainda estava aberta.

— Eu *sei*. — Ele deu de ombros, querendo poder abraçar Callie e fazer com que tudo ficasse bem. — Desculpe por ter ressuscitado esse assunto. Nós dois estávamos errados. Vamos deixar os outros fora disso, tá legal? — Porra, era por isso que ele odiava discussões. Tudo ficava embolado em sua cabeça e ele acabava vomitando coisas que eram menos importantes e se esquecendo das que importavam. — Só não acho que ainda damos certo. Nós mudamos. É só isso.

Agora todo o corpo de Callie tremia e por um momento Easy pensou que ela estava prestes a cair em prantos, o que ele não ia agüentar. Tá legal, Callie manipulou ele e Jenny. Mas ele não ia... não podia... magoá-la. Só queria fazer com que ela entendesse. Mas talvez isso fosse pedir demais, uma vez que ele mesmo não entendia muito bem. Mas em vez de explodir em lágrimas, Callie ajeitou o cabelo e virou o corpo para a porta.

— Claro. Tudo bem. *Tá legal*. Entendi. — Sua voz agora era aguda e fingia alegria, como o animador infantil de um cruzeiro ao qual os pais de Easy conseguiram arrastá-lo uma vez. — Acabou. Não tem problema.

Callie olhou por sobre o ombro e abriu um sorriso murcho para Easy, o único cara que amou de verdade. Prendendo a respiração enquanto disparava escada abaixo, saiu do Richards antes de desabar em lágrimas no pátio gramado.

OwlNet----- Caixa de Mensagem Instantânea

RyanReynolds: Soube dessa? Parece que o Walsh já era.

TeagueWilliams: A Callie está puta por ele avançar DEMAIS na garota nova dos peitões.

RyanReynolds: Ah, é? Não brinca.

OwlNet----- Caixa de Mensagem Instantânea

EmilyJenkins: Acabo de ver C andando pelo pátio com a maquiagem manchada na cara. Tá rolando o quê?

AlisonQuentin: EZ terminou com ela.

EmilyJenkins: Num brinca...

AlisonQuentin: É. Pela Jenny.

EmilyJenkins: Ih, o quarto 303 tá esquisito!

OwlNet----- Caixa de Mensagem Instantânea

HeathFerro: Aí, gostosa, sabe da última?

TinsleyCarmichael: Já soube do seu apelido, Pônei.

HeathFerro: Não, engraçadinha. Easy acaba de dizer a Callie que acabou. Foi bem ruim.

TinsleyCarmichael: Mas que porra. Ela tá legal?

HeathFerro: Vc sabe q Walsh não é nada especial. Soube q ele não é isso tudo mesmo, mas talvez vc tenha a resposta para isso.

HeathFerro: Ei!

HeathFerro: Eiiiiiii!

UMA WAVERLY OWL AJUDA A COLEGA DE QUARTO A ASSOAR O NARIZ, APESAR DA SUJEIRA QUE ISSO FAZ.

Callie atravessou o pátio numa névoa, sabendo que parecia saída de um filme de terror com a maquiagem escorrendo por toda parte, mas também estava distraída demais para ligar para isso. Parecia que seu coração tinha sido atirado por uma janela do ducentésimo andar e se espatifado na calçada, e sua aparência era bem adequada à situação. Até sua perfeita saia de lã Façonnable agora parecia ridiculamente curta, e as botas de hipismo de saltos gatinha Chloe, compradas na esperança de inspirar Easy em alguma fantasia de instrutor de hipismo sexy, pareciam insuportavelmente piranhudas. Callie podia sentir os olhos de todos em cima dela mas, ao contrário do que se acredita comumente, ela não ficava à vontade sob os refletores. Uma das máximas que a mãe de Callie repetia com frequência era *Jamais deixe que a vejam chorar*. Callie ficou grata por ser mandada a um internato no primeiro ano, três anos antes de a mãe ser eleita governadora, pelo menos para escapar de ser lembrada diariamente da importância da postura e da pronúncia corretas. Basicamente, os pais de Callie perderam toda sua adolescência, mas ela provavelmente estava melhor assim, graças a isso. Agora ela odiava ficar em casa, se é assim que se pode chamar a mansão neogrega de mais de trinta cômodos inteiramente decorada com mobiliário da época da Guerra Civil com ar de museu e um monte de coisas que pertenciam ao estado da Georgia, e não a eles. Quando Callie abriu a porta do quarto 303, Tinsley estava sentada à mesa, o iBook branco aberto e os dedos digitando furiosamente, uns óculos de leitura de plástico preto comprados em Milão empoleirados em seu nariz perfeito.

— Qual é o problema? É o Easy?—perguntou ela. Estava descalça, vestindo calça de smoking preta Parameter e uma camisetinha preta Juicy Couture, que mostrava uma parte da barriga côncava, o cabelo preto puxado para trás numa trança frouxa. Parecia uma menina que nem em um milhão de anos levaria um fora, uma coisa que Callie não podia mais alegar.

Callie explodiu em lágrimas de novo.

— Ele *terminou comigo*! — gemeu ela, ainda incrédula, mas já resignada. *Levei um fora. Levei um fora de Easy Walsh*, repetia ela em sua cabeça, como se a repetição pudesse tornar tudo mais compreensível.

Pela cara de Tinsley, Callie podia ver que ela já estava preparada para o desastre. É claro que as pessoas já estavam fofocando. Easy provavelmente tinha um fã-clubes clandestino esperando para espalhar a novidade no segundo em que ele ficasse solteiro de novo.

— Por quê? Por que ele faria isso?—Tinsley pegou a caixa de lenços de papel na mesa-de-cabeceira e a levou para Callie. Com Brett tão envolvida na própria vida e seu caso de amor com o Sr. Dalton, Tinsley era a única amiga de verdade que Callie tinha.

— Porque ele não gosta mais de mim. — Callie pegou um lenço e secou o rosto. — Não sei. Porque ele me acha repulsiva?

— Você *sabe* que está sendo ridícula. — Tinsley apertou o ombro de Callie com a mão bem-cuidada. — Ele não vai achar ninguém mais linda do que você, nem que passe os próximos cinquenta anos procurando. Nem *imagino* o que ele está pensando. Deve ter enlouquecido. — Ela sacudiu a cabeça de descrença, como se Easy terminar com Callie fosse tão incompreensível para ela quanto o último simuladão que todos tinham que fazer. Isso fez com que Callie se sentisse um pouquinho melhor.

— Tem razão — concordou Callie, imitando o senso de indignação de Tinsley. — Que babaca. — Parecia um pouco melhor ficar com raiva em vez de arrasada. Easy que se foda. Foda-se a anã da Jenny. Foda-se a merda qualquer que há entre eles. Ela se sentou na cama e tirou as botas pesadas. Elas deixavam suas pernas magrelas demais.

— A gente devia fazê-lo pagar por isso — disse Tinsley de um jeito diabólico. Seus olhos violeta cintilaram como se ela mesma tivesse sido largada. Ela sempre foi boa em planos, projetos e tramas, e a idéia de planejar a vingança da namorada magoada lhe deu uma pontada de empolgação. Os pais dela foram louca e lindamente apaixonados por mais de vinte anos, então Tinsley tinha uma noção do que devia ser o amor e não gostava de ver as pessoas abusando dele.

— Tá legal — respondeu Callie, esperando que talvez Tinsley conhecesse uma espécie de feitiço que pudessem lançar em Easy para deixá-lo sem atrativo algum para as mulheres. Uma coisa que fizesse seu cabelo escuro e crespo começar a crescer por todo o corpo até que ele ficasse um King Kong.

— De qualquer forma, você é boa demais para ele. Ele fede a cavalo.

Callie gemeu e seus olhos castanhos se encheram de lágrimas de novo. Ela adorava o cheiro de Easy. Lembrava-lhe de quando era criança e costumava cavalgar.

Tinsley acendeu um cigarro e passou a ela.

— Você precisa tirá-lo da cabeça. Pense em outras coisas.

— Falar é fácil. — Ela puxou a fumaça para os pulmões. Tinsley se sentou, no estilo indiano, ao lado de Callie na cama. Ela fazia ioga diariamente e era a pessoa mais flexível que Callie conhecia. Sem nem mesmo perguntar, ela pegou a escova de cabelo de Callie debaixo da cama e começou a escovar o cabelo comprido e arruivado da amiga, algo que sempre fazia no ano passado. Tinsley foi gentil, segurando a cabeça de Callie no lugar com uma das mãos enquanto penteava as mechas com a outra. Era um gesto meigo, e Callie quase começou a chorar de novo. *Meigo* não era uma palavra que a maioria das pessoas associava com Tinsley, mas ela podia ser incrivelmente terna quando queria.

— Vi os caras saindo do bosque ontem, cheios de segredos com alguma coisa. — Tinsley mudou de assunto, trabalhando em um nó na nuca de Callie.

Callie inclinou a cabeça para trás, adorando a sensação de alguém escovando seu cabelo. Era tão tranquilizador como fazer as unhas dos pés.

— Alguma coisa de homem? — perguntou ela sonhadoramente.

— É, quando eles batem no peito e fingem que são animais e não têm dever de casa de cálculo para fazer. — Tinsley ainda estava meio amargurada por ter sido excluída de tudo, e sair com os meninos era sempre divertido. Agora ela só teria que criar sua própria diversão. — Vamos mostrar a eles. Vamos criar nosso próprio clube. Só que o nosso vai ser mais inteligente e mais sexy. — Era possível ouvir a excitação em sua voz, e era contagiante. — A gente podia ter uma sociedade secreta.

— Nenhum daqueles babacas ia entrar—disse Callie com firmeza. Seria divertido se afastar de meninos imbecis por um tempo. —E também não seriam permitidos namorados. Sabe como é, eu não fico sozinha há um tempão... Antes de Easy, foi o Brandon. E antes do Brandon, foi...

— Ethan Lasser! — disse Tinsley com a voz anasalada, zombando do sotaque de Long Island de Ethan. — Ele não pediu transferência para Deerfield quando você terminou com ele, de tão arrasado que ficou?

Callie riu de novo e deu outro trago no cigarro. Tinha que admitir como era ótimo ter Tinsley de volta. Mesmo que parecesse a porcaria de uma modelo, ela sabia como fazer a gente rir.

— Bom, não sei se foi por isso que ele saiu. Mas eu *arrasei* mesmo com o cara.

— Sabe o que você é? Uma namorada *serial*. Você só tem relacionamentos longos e vai de um a outro sem parar para olhar em volta. — Tinsley atirou a escova na cama e deu um tapinha afetuoso na cabeça de Callie antes de se deitar ao lado dela. — Precisa dar um tempo. Ficar menos séria por um tempinho.

Para *ela*, era fácil falar. Tinsley ficava entediada com um cara depois de vinte minutos seguidos na companhia dele. Ela não queria isso — Tinsley era só uma vítima de pequenos surtos de paixão que terminavam com a mesma rapidez com que começavam. Mas talvez Tinsley tivesse razão. Talvez fosse bom para Callie ter só umas ficadas em vez de namorados de longo prazo.

— *Namorado* — disse Callie devagar, como se tentasse deduzir a raiz latina da palavra.

— *Namorado*. Que palavra esquisita, feia, totalmente sem graça!

— Está vendo? Os namorados são deprimentes. — Tinsley rolou de costas, o cabelo preto como um halo escuro em volta da cabeça. — Você sempre se preocupa com onde eles estão, com quem estão, o que estão fazendo, blablablá!

— Exatamente! — Callie riu, depois suspirou. Na verdade, neste exato momento só o que ela queria saber era onde estava o babaca do Easy Walsh e, mais importante, com quem ele estava. — Você está certa.

— Foi bom Brett já ter se livrado do Jeremiah.

Callie hesitou por um minuto, perguntando-se se estaria errada em mencionar Eric Dalton. Ela se sentia mal por esconder algo de Tinsley no meio de toda essa camaradagem de irmãs.

— Bom, Brett meio que está vendo alguém. Ela não te contou nada?

— Não. — Tinsley estava meio decepcionada por Brett não ter dito nada a ela, mas não queria demonstrar isso. — Ainda não tivemos a oportunidade de colocar as coisas em dia.

— Ela pegou um gloss Guerlain KissKiss do bolso e passou nos lábios. — Quem ela está vendo?

Callie deixou Tinsley sofrer por um momento antes de responder com seu sotaque arrastado da Georgia, lenta e teatralmente:

— Eric. *Dalton*.

— Quer dizer que é *pra valer*? — Tinsley pulou da cama. Então os boatos *eram* verdade. Brett pegou um professor? Um professor total e deliciosamente gato. Tinsley imaginou que *ela* seria a primeira a ficar com um professor, e não Brett. Mas, para ser justa, Brett era meio do tipo que agradava a um professor. Com o cabelo vermelho radical e um monte de brincos na orelha, Brett parecia mais vivida do que realmente era. Uma compensação total por ser uma V-I-R-G-E-M completamente inocente. Brett alegava ter perdido a virgindade na Suíça ou coisa assim, mas Tinsley viu na hora que era mentira. — Eles estão *dormindo* juntos?

— Não. — Callie pensou um pouco em como estivera pronta para dormir com Easy, como praticamente implorara a ele por isso e ele simplesmente não se interessara. Mas Brett não voltara para casa na noite passada e não dera explicação alguma, então deve ter estado com o Sr. Dalton. Callie tinha certeza de que ela teria dito alguma coisa se eles tivessem transado. Como se podia guardar segredo sobre *isso*? — Não acho que eles tenham feito ainda.

— Bom, parece que amanhã vou ter que dar uma olhada de perto no namorado dela. — Tinsley se recostou no travesseiro, parecendo extremamente satisfeita consigo mesma.

— Ele é meu orientador.

— Sorte sua. — Callie sabia que alguma coisa estava fermentando na mente de Tinsley. Era quase um alívio que Tinsley estivesse do lado dela. Pelo menos por enquanto.

OwlNet----- Caixa de Mensagem Instantânea

EmilyJenkins: B, está no seu quarto?

BrettMesserschmidt: Não. Escondida na biblioteca. Que é?

EmilyJenkins: Vc gosta da sua colega Jenny, né?

BrettMesserschmidt: Gosto, ela é legal.

EmilyJenkins: Então quer que ela fique viva?

BrettMesserschmidt: Do q vc está falando?

EmilyJenkins: Bom... EZ acaba de terminar com C e todo mundo ouviu o cara gritar sobre J.

BrettMesserschmidt: Kd a Callie agora?

EmilyJenkins: Acho que voltou para Dumbarton.

BrettMesserschmidt: Eu devia contar a Jenny, né?

EmilyJenkins: Era aí que eu ia chegar...

BrettMesserschmidt: Merda.

OwlNet----- Caixa de Mensagem Instantânea

BrettMesserschmidt: Oi J, kd vc?

JennyHumphrey: Vendo meu mail no laboratório. Vc tá bem? Como foi ontem à noite...?

BrettMesserschmidt: Bom. Olha... Easy terminou com a Callie.

JennyHumphrey: Humm...

BrettMesserschmidt: Todo mundo diz que foi por sua causa. Callie acha isso.

JennyHumphrey: Jóia.

BrettMesserschmidt: É. Então vc pode querer, bem, escapulir depois do toque de recolher...

JennyHumphrey: Obrigada por me contar. Vai evitar o quarto tb?

BrettMesserschmidt: Pode apostar que sim.

AS WAVERLY OWLS DEVEM ENCONTRAR UM INTERESSE EM COMUM COM SEUS ORIENTADORES.

Na manhã de quinta-feira, Tinsley demorou-se a caminho do Stansfield Hall para sua primeira reunião com o novo orientador, o famoso Sr. Dalton. Não tomou cuidado especial algum para se vestir naquela manhã —era fácil parecer espontânea quando metade de suas roupas era feita especificamente para você — e escolheu sem pensar uma roupa bem casta. A blusa fina e branca de mangas soltas estilo anos 1950 e a saia estreita Tocca chocolate com margaridas bordadas pareciam, à primeira vista, muito adequadas. Até que você percebesse a fenda que revelava a maior parte da coxa perfeitamente magra e como as linhas do sutiã vermelho Blumarine podiam distrair, vistas através do chiffon delicado sempre que Tinsley se mexia de uma determinada forma, o que podíamos ter certeza de que ela ia fazer. Até os escarpins de camurça roxa Miu Miu implicavam sensualidade reprimida, o que Tinsley sabia que era muito mais sedutor do que a sensualidade patente.

Seu pai era um homem de negócios que viajava pelo mundo, sempre envolvido em dezenas de empreendimentos multinacionais, investindo em empresas que o levavam a lugares como a Cidade do Cabo, Beijing e Oslo. A mãe de Tinsley era fotojornalista e ex-modelo, meio portuguesa, meio dinamarquesa, uma combinação étnica que por acaso era uma das mais agradáveis esteticamente e da qual Tinsley herdara os inacreditáveis olhos violeta. Os pais a tratavam como adulta desde que ela começou a falar, então ela sempre se sentia à vontade com gente mais velha — eles falavam rápido e agiam mais rápido ainda, e era assim que ela gostava de se sentir viva, na maior velocidade possível. Chiedo, seu intérprete e guia no verão, devia ter 25 anos, embora nunca ocorresse a Tinsley perguntar a ele. Eric Dalton, se ele acabou de se formar na Brown, não podia ter mais de 22. Isso não era nada.

Afinal, quando ela o conheceu na capela, ele praticamente babou. Tinsley podia ter se sentido culpada se Brett realmente lhe dissesse o que estava havendo entre eles, mas se Brett *pensava* que ela não sabia e não pretendia contar nada, Tinsley tinha todo o direito de paquerar o Sr. Dalton o quanto quisesse. E pronto.

Ela ouviu uma música de Billie Holiday tocando por trás da porta fechada da sala. *The very thought of you and I forget to do... those ordinary things...* Ela o imaginou diante de seus CDs, tentando decidir qual seria a melhor trilha sonora para sua primeira reunião oficial. Billie Holiday era uma decisão ousada — porque ela era tão jazz clássico que não podia ser considerada inadequada de jeito algum, e no entanto sua voz rouca e dramática era tão patentemente sexy que tinha que revelar alguma coisa sobre as maquinacões do Sr. Dalton. Ela ainda não o conhecia e já lia sua mente.

O Sr. Dalton abriu a porta e Tinsley se sobressaltou novamente com a beleza dele. Seu cabelo estava molhado, o que de imediato conjurou imagens de Dalton saindo do chuveiro e pegando uma toalha muito pequena. Ele tinha cheiro de loção pós-barba Polo, e Tinsley se viu desejando tocar seu rosto macio e recém-barbeado.

— Tinsley Carmichael. É ótimo vê-la novamente. — A voz era grave e muito profissional, mas este era claramente o ponto alto do dia de Dalton. Para onde ele iria depois dali? Tentar ensinar calouros entediados a se importar com Tucídides e Heródoto e todos aqueles historiadores tremendamente antigos? Uma reunião íntima com a aluna linda era sem dúvida a maneira perfeita de começar o dia.

— Oi, Sr. Dalton. — Ela entrou na sala abarrotada, adorando tudo nele e adorando ele. Ele gemeu uma angústia fingida.

— Eric, por favor.—Ele indicou a poltrona de couro diante de sua mesa e Tinsley se sentou, alisando a saia e cruzando as pernas num gesto elegante e único. Eric fingiu não perceber a fenda na saia e se sentou atrás da mesa. Remexeu numa pilha de pastas antes de puxar uma e abri-la. — Sempre achei que os alunos deviam poder chamar os professores pelo nome. Isso os deixa mais humanos. E faz com que eu me sinta menos velho.

Tinsley não tinha dificuldades para pensar em Eric como humano — e um humano saudável, homem de sangue muito vermelho. Talvez ela adquirisse um interesse maior por história antiga se Eric fosse professor dela.

Ele sorriu para ela.

— E então, como vão as coisas desde que voltou para a Waverly?

Pergunta vaga, pensou ela. Que *coisas*? As aulas? Os meninos? Colegas de quarto irritantes?

— Bem. É bom voltar. — Embora fosse empolgante viajar pelo mundo com os pais, havia algo de tranquilizador em estar de volta a Waverly, ao lugar em que ela sabia como deixar os professores tontos, entregar artigos nota A sobre Nathaniel Hawthorne em menos de uma hora e onde a comida não era tão exótica que beirava o incomível. Ele se inclinou na direção dela.

— Como seu orientador, devo ficar de olho em você, garantir que coisas como o incidente do ecstasy não aconteçam novamente. — Eric olhou severamente por um momento e Tinsley sabia que ele estava se divertindo, fingindo intimidá-la.

Ela assentiu com humildade, tentando parecer arrependida.

— Não vai.

— Ótimo — disse Eric, parecendo satisfeito. — Faz parte de meu trabalho cuidar para que você fique no caminho certo.

— No caminho certo?—perguntou Tinsley. —Achei que haveria mais de um.

— Para você, tenho certeza de que há — disse Eric com um sorriso, revelando um branco de creme dental que lembrou Tinsley de quando tinha 11 anos e costumava treinar beijos em uma foto de Ashton Kutcher de 20x25. — E as universidades? Alguma idéia?

— Bom, estive dando uma olhada em Columbia agora mesmo — mentiu Tinsley, odiando até pensar em universidade. Quando pressionada, ela dizia Columbia, mas na verdade Columbia, Princeton, Amherst e Williams pareciam todas versões maiores da Waverly, cheias de mimadinhos estafados exatamente iguais a ela.

— A Columbia é uma boa universidade. E depois da faculdade? —Eric alisou a gravata no peito e olhou a pasta aberta em sua mesa. —Vejo que suas notas são sólidas em todas as matérias... A-menos ou B-mais. Mas... Acho que não situo muito bem onde estão seus interesses.—Ele desviou os olhos da pasta e encontrou o olhar de Tinsley por um tempo mais longo do que o adequado. Um arrepio percorreu a espinha de Tinsley, parecia que ele estava tentando vê-la por dentro. — Alem de tênis, desde que era caloura...—Eric tirou os olhos da pasta para erguer a sobrancelha apreciativa para Tinsley, como se dissesse que adoraria vê-la na quadra um dia desses. — Sua única atividade extracurricular é na Cinephiles, a sociedade de cinema.

— Na verdade eu *fundei* a Cinephiles—respondeu Tinsley, meio na defensiva.

— Bom, isso é mesmo impressionante.

— Não é grande coisa. — Agora Tinsley foi modesta. — Mas há uma sala de projeção de última geração no porão do Hopkins Hall que só é usada quando um professor decide mostrar um filme à turma. — Tinsley sacudiu a cabeça. —Já desceu lá? — A sala de cinema era um dos lugares mais sensuais do campus, com cadeiras de couro reclináveis e caras, uma tela de quatro metros de largura, iluminação *high tech* e som *surround*. Só

havia vinte lugares, então era íntima, como o tipo de sala de projeção privativa que um diretor de Hollywood pode ter em sua mansão de Beverly Hills.

— Não, não fui ainda.—Eric pareceu intrigado. — Nem sabia que a Waverly tinha uma coisa assim... Certamente não me colocaram a par.

— Sem dúvida devia dar uma olhada. — Ela pensou em como seria excitante ficar sentada no escuro com Eric, vendo na tela alguma coisa sexy e dramática, como *Corpos ardentes*. Ou não ver nada. Do lado de fora do prédio, uns nerds de alguma banda discutiam que músicas precisavam aperfeiçoar para o baile de ex-alunos. Manés.

— Sabe o que eu penso? — perguntou Eric, plantando os cotovelos na mesa. Ela podia imaginar algumas coisas que ele devia estar pensando. Ela se mexeu graciosamente na cadeira e reprimiu a vontade de brincar com o cabelo, um gesto que ela pensava que as meninas usavam demais quando tentavam atrair a atenção dos homens, e, em vez disso, se concentrou em sustentar o olhar dele, o que era mais difícil do que ela esperava. Os olhos dele pareciam perfurá-la, — Acho que você é uma das raríssimas pessoas que têm muito talento e dificuldade para decidir qual deles é o correto.

Isso era um enigma. O que significava, o *correto*?

— Não tenho certeza se entendi o que disse — falou ela friamente, puxando a saia por sobre os joelhos.

— Nada de ruim—ele lhe garantiu rapidamente, abrindo seu sorriso íntimo.—É só que você é inteligente e boa em tudo que faz. Só estou tentando descobrir o que estimula você.

Tinsley de repente se encheu de coragem. Sem aviso algum, passou os dez minutos seguintes falando em detalhes de sua experiência na Cidade do Cabo e Johannesburgo, e a emoção de fazer um documentário em um país com um contraste tão chocante de riqueza opulenta e pobreza desesperada enquanto o processo de definição de sua identidade pós-apartheid ainda estava em andamento. A empolgação de ver uma nação inteira tentando criar uma identidade a inspirou e lhe deu vontade de fazer mais documentários, talvez até um sobre o país confuso dela mesma. Foi um verão muito intenso. Ela podia sentir as bochechas brilharem enquanto falava, e se sentia à vontade e animada. As palavras simplesmente tropeçavam para fora de sua boca.

Eric assentiu e fez algumas anotações no bloco. Ela percebeu que ele tinha sardas bem leves nas maçãs do rosto.

Tinsley parou de falar de repente.

— Estou chateando você?

— Nem um pouco. — Tinsley podia imaginar os dois em um café na França, tomando seu terceiro expresso e incapazes de terminar a conversa. — Leu o conto de Fitzgerald, "O Pirata de Alto-mar"?

Tinsley sacudiu a cabeça, o cabelo preto balançando delicadamente em sua blusa.

— Você me lembra a personagem principal. — Seus olhos cinza cintilaram, como se houvesse outra coisa que ele quisesse dizer. Tinsley esperou, mas ele não disse.

— Bom, espero que isso seja um elogio.—Ela riu, já planejando ir à biblioteca no intervalo entre as aulas para ver o conto. Ser comparada a uma heroína de Fitzgerald podia ser um insulto, mas Tinsley tinha a sensação de que, neste caso, não era. — Olha, odeio ter que ir embora, mas preciso ir para a aula. — Ela se levantou, relutante.

— Sempre que precisar de alguma coisa. — Eric parecia estar se esforçando muito para manter a expressão neutra. — Sabe onde me encontrar. — Ele se levantou e foi até a porta, olhando o relógio Cartier no pulso. Ao lado havia uma correntinha de platina gravada. Sem pensar, Tinsley estendeu a mão para tocá-la. Dalton pareceu meio surpreso com seu movimento súbito, mas não a impediu.

— É linda — sussurrou ela, a ponta dos dedos acompanhando o desenho delicado da

corrente.—Meu pai tem uma exatamente igual, que foi roubada. É vitoriana? — Ela olhou para ele e percebeu que seu rosto estava a uns 15 centímetros do dela. Tinsley rapidamente virou a pulseira, passando o dedo no fecho e desfrutando a proximidade da pele dele nos próprios dedos. Se ela se movesse um centímetro para a direita, tocaria seu braço. Seu coração acelerou.

— Acho que também conhece antigüidades. — Eric lhe abriu um sorriso rápido e não fez esforço algum para se afastar. — Sim, hummm, é vitoriana. Era de meu bisavô, na verdade meu trisavô. Foi um presente da família real por... Não sei bem o motivo. — Seu peito subiu e desceu sob a camisa perfeitamente passada e a gravata. Estava claro que ele se sentia agoniado, mas Tinsley ainda não estava pronta para deixar que ele escapasse. Ela viu o rosto dele corar. Arregalou os olhos violeta, sabendo que, do ângulo dele, olhando de cima através das grossas pestanas escuras, eles eram irresistíveis.

— Acha que posso pegar emprestada?—Este, pensou ela, era o teste definitivo. Se ele lhe desse a pulseira, significava que estava pronto para esquecer Brett completamente e aproveitar a oportunidade que tinha com ela. — Adoraria saber como é usá-la, só por um tempo.

Eric piscou os olhos cinza. Sem falar nem se afastar do rosto de Tinsley, abriu o fecho da pulseira com a mão esquerda e entregou a ela. Em vez de pegá-la, ela estendeu o braço, com a palma para cima, para que o próprio Eric a colocasse.

— Mas tenha muito, muito cuidado com isso — ele lhe disse solenemente enquanto mexia no fecho, os dedos roçando o braço de Tinsley. — Seu pulso é muito menor do que o meu, então cuide bem dela. — Tinsley observou enquanto o olhar dele subia pelo braço magro até o seu corpo.

— Vou proteger como se fosse minha vida — prometeu ela, os lábios incapazes de reprimir um sorriso de vitória e paquera. — E vou devolver da próxima vez em que o vir. Prometo. — Por impulso, ela ficou na ponta dos pés, pretendendo lhe dar um beijo no rosto. Ele tinha cheiro de sabonete Ivory e creme dental Crest. Mas assim que os lábios de Tinsley estavam prestes a tocar sua bochecha, Eric virou a cabeça e a boca pousou a meio caminho de seus lábios.

Oops, pensou Tinsley, feliz. Ela manteve a boca ali por um momento antes de finalmente se afastar. Eles se olharam.

Eric falou primeiro, como se sua voz tentasse esconder alguma emoção.

— Então espero vê-la logo. — Ele abriu a porta para ela, mantendo os olhos no rosto de Tinsley o tempo todo. Havia outros alunos no corredor, apressando-se para a aula.

Tinsley se demorou do lado de fora da sala enquanto passava os dedos na pulseira.

— Não se preocupe, me verá logo.

OwlNet ----- Caixa de Mensagem Instantânea

EasyWalsh: E aí, como é q tá?

JennyHumphrey: Com téééedio. Em um seminário de pesquisa na biblioteca. Já sei como usar o sistema decimal Dewey!

EasyWalsh: Que saco... Já soube que é, humm, oficial com a Callie?

JennyHumphrey: Já... Vc tá bem?

EasyWalsh: Tô.

JennyHumphrey: Que bom.

EasyWalsh: Espero mesmo não parecer volúvel, mas quer me encontrar no bosque hoje para o projeto de arte de que falamos ontem?

JennyHumphrey: OK.

EasyWalsh: Te digo como chegar lá no almoço.

JennyHumphrey: Tudo bem. Eu...

EasyWalsh: É... Acho que sei o que quer dizer.

OwlNet ----- Caixa de Mensagem Instantânea

BrettMesserschmidt: Posso te ver mais tarde?

BrettMesserschmidt: Ando pensando em você...

[Eric Dalton desconectou-se na quinta-feira, 12 de setembro, 10:37h]

UMA WAVERLY OWL NÃO POSA NUA NO PRIMEIRO ENCONTRO

Jenny mal conseguia se concentrar na aula de inglês na quarta-feira, embora esta normalmente fosse uma de suas matérias preferidas. Ela adorava a disposição do ambiente, como se fosse uma sala de reuniões — uma mesa oval gigantesca cercada de 15 cadeiras, repletas de alunos com suéteres de cashmere e a ultrabaixinha Srta. Rose, que usava batom rosa-chiclete. Era um debate, o que significava que a Srta. Rose falaria por dez minutos e depois abriria a conversa para os alunos. No começo Jenny ficou chocada com a intimidade e a sofisticação de tudo aquilo. Ninguém levantava a mão nem dava respostas erradas, exatamente como imaginava que seriam as aulas na faculdade. Já estavam em um terço de *Madame Bovary* e Jenny estava completamente enfeitiçada por Emma e sua luta para viver com um homem que não amava. Fazia com que ela se perguntasse como seria jamais encontrar o amor ou ser obrigada a se acomodar a uma coisa inferior só porque era o que as pessoas faziam. Como seria ficar presa a um Charles Bovary quando ela sabia que havia um Easy Walsh lá fora?

— Jenny — disse a Srta. Rose enquanto os outros alunos pegavam seus objetos e saíam da sala. — Está tudo bem? Você ficou estranhamente quieta hoje. — Seu cabelo estava puxado num coque, deixando a aparência um pouco mais severa do que a de costume, mas ela ainda estava bonita, como uma boneca chinesa vestida de calça solta de lã preta Dolce & Gabbana. Sempre que alguém fazia alguma observação que escapasse da questão, como talvez Emma Bovary fosse lésbica, ela dizia, "Tudo bem. Que apoio a isso pode encontrar no texto?", em vez de dizer ao aluno para calar a boca. Jenny achava que tinha aprendido mais com o *modo* como a Srta. Rose ensinava do que com as tarefas da aula.

— Ah, sim, estou bem! — Jenny meteu o caderno em sua bolsa de camurça. Estava lotada de suprimentos de arte para sua saída com Easy. A visão dos pastéis Rembrandt novos e a caixa de lápis Prismacolor afiados e prontos a lembraram novamente de que em vinte minutos ela ficaria sozinha com o recém-solteiro Easy. — Só estou meio... distraída hoje.

A Srta. Rose assentiu com simpatia.

— Bom, gostei muito de seu trabalho comparando o imaginário do romance com o estilo realista da pintura de Gustave Courbet. Achei fascinante que tenha feito estas ligações. Meus parabéns! — Ela entregou o trabalho a Jenny, com um enorme A+ no alto. Era a primeira nota que recebia na Waverly. Um bom sinal para o dia. Ela ficou nervosa com o bilhete que Easy lhe passara no almoço. Sentiu um frio em seu estômago. Jenny não tinha exatamente um histórico estelar de relacionamentos amorosos. E não foram muitos — seu breve lance com o chapado e lindo Nate tinha terminado quando ela percebeu que ele só a estava usando para voltar com a ex-namorada. Depois houve o relacionamento com Leo, que começou bem, mas ela percebeu rapidamente que ele a entediava. Além desses, seu histórico amoroso incluía ser molestada nas mãos do assustador Chuck Bass e apalpada por Heath Ferro no primeiro dia na escola. Ela era tão inexperiente com relacionamentos que não *surpreendia* que estivesse nervosa.

No salão de jantar na hora do almoço, Easy lhe abriu um sorriso e largara um pedaço de papel dobrado em sua bandeja. Ela se obrigou a pegar um sanduíche de atum e preparar uma salada no balcão. Depois se sentou a uma mesa vazia e afastada, grata por só haver lugares marcados em jantares formais. Deu uma mordida no sanduíche e abriu o bilhete:

Como chegar ao campo de pintura Secreto. (Shhhhhh...) Atravesse o pátio principal na direção do bosque. Pegue o caminho para a casa de barcos. A meio caminho para o rio, tem um trecho de bétulas à direita. Entre ali (cuidado com os galhos baixos) e ande uns vinte metros. Ele se abre em uma pequena clareira. Continue andando e chegará a uma clareira maior. Eu estarei lá.

Agora, andando pelo campus com os óculos de aviador baratos comprados na feira da Union Square, Jenny tentou se acalmar e curtir a linda tarde. Não estava acostumada com a terra molhada, a grama aparada e as folhas murchas que a recebiam a cada vez que ela saía de um prédio. Mesmo quando você está no meio do Central Park e pode imaginar que não está em Nova York, nunca tem esse cheiro, e você ainda pode ouvir buzinas de táxis na Central Park West. A medida que Jenny se aproximava do bosque, os aromas agradáveis ficavam ainda mais fortes—pinheiro, misturado com o cheiro de água fresca de um Hudson que não estava poluído. Sentia-se grata por não estar pegando o ônibus da Constance Billard para casa agora, como teria feito há um ano, vestida no uniforme medonho da escola.

Quando viu o trecho de bétulas, o frio na barriga recomeçou, mas ela se embrenhou pelas árvores, com o cuidado de manter os galhos longe dos cachos de seu cabelo. Sentia-se como se estivesse saindo da civilização e entrando em um mundo particular, habitado somente por Easy. E agora por ela. Jenny atravessou a pequena clareira que Easy mencionara, percebendo um isqueiro Zippo perto de um conjunto de pedras. Este obviamente não era o lugar secreto a que ele se referira.

Ela continuou pelas árvores enquanto elas ficavam mais próximas, e desaparecia qualquer vestígio de trilha. Sentiu-se um pouco preocupada em se perder — nunca fora bandeirante — antes de experimentar uma lufada de aguarrás no ar que cheirava a pinho e saber que Easy não podia estar longe. As árvores de repente deram lugar a uma clareira relvada muito maior, mas ela no começo não o viu. Tinha de ser isso, pensou ela, baixando a bolsa numa pedra e admirando a beleza do ambiente. A relva era do tipo silvestre, que arranhava, e troncos altos de ásteres roxos e susanas-dos-olhos-negros cresciam na beira do bosque. Ela se aproximou mais de uma pedra enorme exatamente quando Easy se levantava de trás dela e o coração de Jenny perdeu o compasso, algo que ela achava que as pessoas só falavam por falar. A visão de Easy, e sua Levi's e a camiseta azul-bebê que dizia Food Not Bombs, emocionou a tanto que seu coração realmente se esqueceu de bater.

O rosto de Easy se abriu num sorriso.

— Gosto de sua camiseta — disse-lhe Jenny timidamente, o cabelo crespo comprido dando coceira no alto dos braços. — Meu pai tem um bottom com essa frase.

Easy olhou a camiseta, como que para se lembrar do que estava vestindo.

— Meu pai odeia essa camiseta. Ele me chama de hippie quando me vê com ela. — Ele tinha armado o cavalete e estava dispondo os tubos de tinta, pincéis, frascos de óleo e aguarrás e um pano manchado de tinta.

Jenny se aproximou dele e começou a pegar seus próprios suprimentos na bolsa, colocando-os em uma das grandes pedras cobertas de musgo.

— Bom, o meu pai é meio hippie, então sei que ele aprovaria.

— Sorte sua. — Ele não disse mais nada e Jenny imaginou que ele não se dava muito bem com o pai. Mas ela não queria pressionar. Em vez disso, ele sorriu para ela. — Que bom que você me achou.

— É lindo — disse Jenny, com sinceridade. — Entendo por que você vem pintar aqui. É tão sossegado.

— É, é ótimo. — Easy esticou os braços no alto, a camiseta se levantando um pouco de

modo que Jenny podia ver o alto da samba-canção Calvin Klein saindo de seus jeans. — E aí, já viu a grade de artes?

— Grade? — Jenny não fazia idéia do que era uma grade de artes.

— É — disse Easy, brincalhão. — Sabe como é, aquelas coisas que os professores entregam na primeira aula?

— Tá, gênio, sei o que é uma grade. — Ela mostrou a língua para ele. — Só não me lembro de ter recebido a de artes.

— Bom, o projeto de meio de período envolve incorporar retratos à paisagem. Qualquer meio que quisermos, qualquer modelo, qualquer local. — Ele olhou timidamente para Jenny. — Eu sabia que cenário queria — ele indicou o campo em volta — e estava pensando que você podia ser minha modelo.

Jenny teve que segurar o queixo para não cair. Easy queria pintá-la? Ali?

— Você não me disse que era por isso que queria que eu viesse! Pensei que nós dois íamos... Humm, trabalhar.

— Ah, pode trabalhar também — disse ele com um sorriso. — Pode falar, ou desenhar, desde que não se mexa muito — disse ele, repetindo as palavras dela na aula de artes.

— Não tive a chance de te desenhar na aula, lembra?

— Nem acredito que já está trabalhando no projeto de meio de período!

— Eu sei. — Os olhos azul-escuros de Easy procuraram os castanhos dela. —

Normalmente não sou de produzir muito, por quaisquer padrões. Mas as flores logo vão brotar, então parecia a oportunidade perfeita. Eu sempre quis pintar alguém aqui... — Ele parou depois dessa, parecendo nervoso de repente.

Eu sempre quis, pensou Jenny. O que significa, *nunca fiz*. Ele nunca pintou a Callie aqui? Uau. Era como se ele estivesse esperando por ela. Jenny mal acreditava que isso fosse possível.

— Não preciso ficar nua, né? — perguntou Jenny de repente, e de imediato se arrependeu. Seu rosto corou. — E-eu não sei bem se estou pronta para toda a turma de artes me ver nua — gaguejou Jenny. — Mesmo numa tela. — A turma de artes que se danasse; Jenny simplesmente não conseguia imaginar o que Easy faria com os peitos dela. Iam estourar a tela!

Easy franziu a testa numa decepção fingida.

— Pode ficar de roupa, não tem problema.

Jenny olhou em volta, desajeitada.

— Devo posar ou coisa assim? — Ela mexeu no colar, uma folha de magnólia em um cordão de couro enrolado duas vezes no pescoço, ciente de repente de que a folha parecia uma seta apontando diretamente para o colo amplo. Como se Easy precisasse de alguma placa apontando para lá.

Ele se aproximou dela e segurou pensativo seu queixo.

— Estava pensando em Klimt misturado com Modigliani, se isso faz algum sentido. Na relva, se não estiver molhada e se você não se importar. Em um lugar com florezinhas. Sei que parece totalmente brega, mas acho que pode dar certo se eu não usar cor-de-rosa demais.

Jenny pensou que era mais provável que ela fosse comparada com as mulheres rechonchudas de Rubens do que com as figuras alongadas de Modigliani, mas Easy que visse nela o que quisesse. Era tão legal ele conhecer arte. Nate tinha posado para uma série de retratos que ela acabou destruindo, mas ele só olhava com aquele jeito de chapado sempre que ela falava qualquer coisa sobre arte. Se não envolvesse um cachimbo ou peitos, ele não se interessava.

Jenny olhou ao redor. Fazia um lindo dia ensolarado, a terra estava seca, o sol era quente, as folhas farfalhavam. Easy a levou a uma área plana e ela se esparramou de

lado, o bloco de desenho de frente para ela. Easy lhe deu seu iPod e ela procurou as músicas. Os dois tinham Nirvana e uma boa seleção de Bob Dylan, mas ele tinha mais Lucinda Williams e Emmy Lou Harris, enquanto Jenny tinha Weezer e Lemonheads. Ela escolheu um artista que não conhecia e pegou os pastéis. O sol caía sobre ela, aquecendo seu rosto e sem dúvida fazendo suas sardas se espalharem, mas ela não se importou. Fechou os olhos e deixou que o sol de final de verão entrasse pelas pálpebras, perguntando-se se, anos depois, ela contaria aos filhos sobre este momento, no bosque com Easy, como se isso fosse o começo de tudo. Como os pais deles se conheceram.

Ela sentiu a mão no ombro.

— Ei, dorminhoca. — Easy a sacudiu delicadamente. Seus olhos se abriram e o viram ajoelhado ao lado dela. Ele tinha uma mancha de tinta amarela no nariz. Jenny riu, esperando que o cochilo não tenha sido suficiente para dar mau hálito.

— Nem acredito que dormi. Não ronquei nem nada, né? — perguntou ela, sentando-se. Ele estava de pé e estendeu a mão para levantá-la. Ela tentou memorizar a sensação de seus dedos quentes envolvendo os dela. Mesmo de pé, Easy era muito maior do que ela. Ele a fazia se sentir minúscula.

— Não. — Ele sorriu e a puxou para o cavalete. — Mas falou enquanto dormia. Ela ofegou, sabendo que o irmão, Dan, em geral batia na porta do quarto dela à noite porque ela balbuciava dormindo.

— Tá brincando! O que foi que eu disse?

Easy coçou a cabeça e fingiu constrangimento.

— Estava meio que murmurando, então não posso ter certeza... Mas parecia... "Easy Walsh, você é meu herói."

Meu Deus, ele era tão lindinho.

— Muito engraçado. Mas em geral só falo de estrelas de cinema quando durmo.

— Por falar nisso, você disse alguma coisa sobre eu me parecer com Jake Gyllenhaal. Jenny riu, percebendo que ainda estavam de mãos dadas. O ar tinha cheiro de aguarrás, sabonete Ivory e flores. Ele sorriu para Jenny e ela olhou seus dentes ligeira e adoravelmente tortos. O rosto dele estava tão perto do dela, se ela só... se inclinasse... um pouquinho...

— Vamos ver a tela. — A voz dele era abertamente alta para abafar o ruído de seu coração. Jenny teve um milhão de fantasias de beijar Easy, mas ele só terminou com Callie *no dia anterior*. O mais maravilhoso era que ele parecia entender. — É só um esboço básico, então não fique decepcionada nem nada disso.

Quando viu a tela, Jenny não reconheceu a si mesma. Era o *close* de uma garota, estendida na relva ensolarada, cercada de flores silvestres, exatamente como deve ter passado as últimas duas horas. Um bloco de desenho aberto na frente, os fones de ouvido brancos de um iPod, a mesma camiseta branca, jeans e sapatos cor-de-rosa, a cabeça pousada no braço, os cachos castanhos caindo em cascata. Porém o rosto—era a parte mais acabada da pintura, mas não podia ser o dela. A pele de porcelana perfeita, bochechas rosadas, boca meio aberta, olhos sonolentos cobertos de cílios grossos e luxuriantes — era muito onírico e surreal, como se Easy soubesse que Jenny *queria* ser assim. Será possível que ele realmente a visse desse jeito? Toda a tela, mesmo só semi-acabada, parecia capturar o que ela sentia, deitada ali, ouvindo a música de Easy, curtindo seu espaço secreto e privativo com ele como se fosse o único lugar da terra. Easy deve ter sentido o mesmo.

— Uau — disse ela por fim.

— Espere só até eu acabar — disse ele, meio sonhador. Eles guardaram os objetos lentamente. Easy puxou os galhos para Jenny enquanto eles passavam pelo bosque.

Depois que saíram, andaram lado a lado pelo caminho de volta ao pátio, as pernas roçando uma na outra confortavelmente enquanto Easy erguia as telas grandes pelos caixilhos de madeira.

Foi quando eles viram Tinsley atravessando o pátio na frente deles, toda de preto, portando uma minúscula bolsa de camurça vermelha Marni. Jenny de imediato se afastou de Easy e sentiu como se tivesse sido flagrada, embora Tinsley não parecesse ter notado a presença deles a caminho da casa de barcos.

— Está tudo bem — sussurrou Easy. — Ela não vai morder. Ela nem viu a gente.

Mas Jenny não tinha tanta certeza de nenhuma das duas coisas.

OwlNet----- Caixa de Entrada de E-mail

Para: TinsleyCarmichael@waverly.edu; BrettMesserschmidt@waverly.edu

De: CallieVernon@waverly.edu

Data: Quinta-feira, 12 de setembro, 15:25h

Assunto: URGENTE

Oi, meninas

Está um lindo dia — lindo demaaaais para ir treinar. Idéia melhor: vamos passar a tarde no bar do Waverly Inn tomando gim-tônica e sem falar de um certo cara cujo nome começa com a maldita letra E e que F-E-D-E.

Levem a identidade falsa e pareçam sofisticadas. O barman é velho, então abram o melhor sorriso pervertido e estaremos seguras.

E o que foi aquela escapulida no meio da noite? Conheço você muito bem, Brett Lenore Messerschmidt, e sua máscara vai cair. A reunião forçada do trio de grandes amigas começará às 4 da tarde. Vejo vcs lá...

Bjs

C

OwlNet ----- Caixa de Entrada de E-mail

Para: JennyHumphrey@waverly.edu

De: EasyWalsh@waverly.edu

Data: Quinta-feira, 12 de setembro, 16:16h

Assunto: Domingo?

Oi,

Obrigado por me deixar te pintar hoje. Foi uma tarde genuína e seriamente excelente.

Quer conhecer Credo no domingo?

Espero que sim...

Easy

UMA WAVERLY OWL SABE APARENTAR MATURIDADE ENQUANTO FINGE. E VICE-VERSA.

O Waverly Inn ficava a uma curta caminhada do campus e Brett se arrependeu de estar usando os escarpins pontudos de pele de cobra Kate Spade que pareciam sensuais e sofisticados, mas apertavam seus pés. Com a nova saia apertada Marc by Marc Jacobs de cetim preto e a blusa ultrafeminina de manga bufante rosa-concha Catherine Malandrino, Brett se sentia surpreendentemente feliz por estar a caminho de uma "reunião forçada do trio de grandes amigas", independentemente da merda que isso significasse. Mentalmente, ela jurou ser mais legal com Tinsley. Afinal, Tinsley *tinha* livrado sua pele ao assumir a culpa pelo incidente do ecstasy e passara o verão todo pensando que fora expulsa —mesmo que provavelmente tenha saído com caras sul-africanos o tempo todo — e ela foi totalmente deslocada por Jenny. Mas Brett não ouviu falatório algum sobre ela ser uma tremenda mentirosa de Jersey, então talvez devesse dar um tempo para Tinsley.

Ela entrou no saguão do Waverly Inn, passou pelo piano de cauda empoeirado e foi direto para o bar. O hotel era o mais próximo do campus, onde os pais costumavam se hospedar, e sua aparência de opulência esfarrapada parecia combinar com a escola. O bar claramente já passara por sua era de ouro e caíra em um período de declínio lento e decadente. Estava quase vazio, a não ser por Tinsley e Callie, já sentadas em uma banqueta de madeira no canto com três bebidas diante delas.

— Seu drinque — Tinsley recebeu Brett, indicando o único drinque que não estava pela metade.

Brett sentou-se ao lado de Callie, que parecia uma produtora de cinema ou dona de galeria com sua concha de seda esmeralda e um cardigã tosquiado Theory com um botão de madrepérola bem abaixo dos seios, o cabelo louro e ondulado afastado do rosto por um par de grampos de ouro. Ela teria ficado muito bonita, mas seu rosto parecia meio angustiado, como se não tivesse tirado suas necessárias dez horas de sono de beleza.

— Vocês estão incríveis. — Brett pegou a taça e tomou um golinho. Forte, exatamente como gostava, mas ainda a fazia estremecer ao engolir. Tinsley vestia uma camiseta preta básica de manga curta e jeans mas, com os lábios vermelhos (batom Guerlain KissKiss, como sempre), tinha o ar de uma estrela de cinema escapulindo para um drinque rápido sob o radar dos *paparazzi*.

Brett se recostou na banqueta de madeira e olhou os desenhos a bico de pena do campus da Waverly no estilo Currier & Ives.

— Faz muito tempo desde que estivemos aqui. Eu meio que senti falta disso.

— Não parece ter recebido uma faxina desde a última vez em que viemos. — Callie farejou o ar embolorado. — Mas os mendigos não podem ser seletivos. — Ela tomou outro grande gole de seu drinque e Brett percebeu que o copo já estava quase vazio. Putz. Ela *estava mesmo* conduzindo muito mal o término com Easy.

— Como foi seu dia, Callie? — perguntou Brett sem jeito, e Callie enrijeceu, como se soubesse que Brett lamentava por ela.

— Foi bom. Sabe como é, eu vou sobreviver. Mas eu... Não queria falar do Easy por enquanto, está bem? — Callie olhou melancolicamente para as amigas e girou uma mecha louira no dedo. — Vamos falar de outras coisas.

— Outros caras, quer dizer? — disse Tinsley, secando o drinque. — Comece sem mim. Vou pedir outra rodada. — Ela deslizou da banqueta.

Brett ainda estava sorvendo o primeiro drinque e já se sentia meio avoada.

— Como está Mister D? — perguntou Callie de repente.

— Mister D? — repetiu Brett. — O que é isso, parece que ele é um DJ ruim ou um perverso que só gosta de mulheres de peitões.

— E não é assim? — Callie pôs os cotovelos na mesa e se inclinou para a frente. — Não gosta só de mulheres de peitões?

— Ao que parece, não. — Brett empinou os peitos que mal cabiam no tamanho M. — Ele parece achar que estes são ótimos.

— Como foi que ele soube deles? — Callie riu, depois chupou o canudo do coquetel, fazendo os cubos de gelo girarem no copo vazio.

— Eu diria que eles são conhecidos. — Brett mexeu nos brincos de ouro. A primeira metade de seu drinque subira direto para a cabeça e ela começava a se sentir mais faladeira do que o normal. *É assim que você se mete em encrenca*, pensou ela. Por algum motivo, ela se lembrou da noite do primeiro ano em que ela, Callie e Tinsley compraram biscoitos de centeio, chocolates Hershey e marshmallows e foram para a casa de campo. Atrás, havia uma gigantesca churrasqueira a carvão que às vezes era usada em reuniões pré-jogos e piqueniques da Waverly. De algum modo elas conseguiram acender, e as três tostaram marshmallows, fizeram doces de chocolate grudentos e beberam uma garrafa de vinho tinto. Tudo teve um gosto muito melhor porque o resto do campus estava dormindo.

Brett sentiu um surto de calor humano com relação a Callie e estava prestes a dizer mais alguma coisa sobre Eric quando Tinsley reapareceu com o barman vovô a reboque, trazendo uma bandeja com três taças de champanhe e uma garrafa de Moët & Chandon.

— Para que isso? — guinchou Callie, deliciada. Ela *adorava* champanhe. Era a única coisa que tornava os casamentos e bailes de debutantes suportáveis.

Depois que o barman saiu, Tinsley disse:

— Meu presente. Pensei que a gente podia brindar a nossa primeira saída só de meninas e ao advento da sociedade secreta! — Callie sentiu os homens no bar olhando-as, tentando ouvir o que diziam. Mas em vez de isso assustá-la, fez com que se sentisse sexy e ousada. Agora ela podia desfrutar de alguma atenção masculina, mesmo de alcoólatras de meia-idade que olhavam de banda. — Tintim! — Callie ergueu a taça e bateu na de Brett. *Engole essa, Easy*, pensou ela ao tomar o primeiro gole. Depois ela virou a taça para parar de falar nele em sua cabeça.

— E aí — disse Brett com uma voz risonha, a champanhe claramente fazendo o efeito desejado. — O que uma sociedade secreta *faz* exatamente?

— Só acho que é uma boa idéia as meninas se reunirem, conversarem e fazerem coisas que deixem a gente se sentindo sexy e má — propôs Tinsley.

— Como uma espécie de poder feminino? — perguntou Callie, cética. — Vamos ter que queimar os sutiãs? Porque não preciso do meu mesmo. — Ela riu, indicando o peito quase achatado.

— Eu entendi o que a Tinsley quis dizer — disse Brett, surpreendendo Callie. Apesar de sua sugestão de que elas voltassem ao comportamento normal de grandes amigas, ela pensava que a tensão entre as duas tinha vindo para ficar. — Brianna disse que sempre que termina com um cara, ela tem um esquema de apoio tão forte das amigas que quase não importa.

Brianna era a irmã mais velha e descolada de Brett, aquela que trabalhava na revista *Elle* e com quem Callie sempre tentava se entender bem, só para o caso de sobrar uma das incríveis roupas de grife do armário de moda da revista. Bem que podia acontecer.

— Que tal chamar de Café Society? — perguntou Callie. — Assim não parece um bando de meninas sentadas em roda, bebendo, contando histórias sexuais, dando conselhos e

reclamando juntas, né? Mas uma Paris, nos anos 1920?

Tinsley e Brett sorriram meio bêbadas uma para a outra e Callie definitivamente deixou que o gelo entre elas derretes se. *Olha só como essa história de poder feminino é ótima!*, pensou ela, a cabeça começando a ficar meio agradável e só um pouco tonta.

— Gostei — disse Tinsley. — A gente pode se produzir... E vir aqui ou ter minifestas no nosso quarto! Sem nenhum dos meninos por perto para nos incomodar. — Ela balançou o cabelo e deu um sorriso contagiante.

— É engraçado como falar de sexo deixa a gente mais sexy, né? — disse Brett.

— Conta pra gente suas aventuras sexuais do verão, Tinsley. Você deve ter novidades excitantes para revelar. — Callie se virou para Tinsley. Estava morrendo de vontade de saber das conquistas de Tinsley desde o momento em que ela reapareceu do nada. — Onde foi que conseguiu esse dente de tubarão?

— Ah, Chiedo — respondeu Tinsley sonhadoramente. — Era nosso guia na África do Sul. — Ela se recostou na banquetta e fechou os olhos, parecendo muito teatral. — Vocês não iam *acreditar* em como ele era sexy. Todo musculoso, e toda vez que me tocava ou só olhava para mim, eu achava que ia explodir. Ele fez com que eu me sentisse tão... dissoluta e livre. — Ela estremeceu, como se só a lembrança dele lhe desse calafrios. — Ele foi o segundo. — Ela abriu um lindo olho violeta para avaliar a reação das duas. — O segundo! — Callie ouviu-se arfando. Nem tinha conseguido transar com Easy nesse verão e ele era *namorado* dela.

— Antes de conhecer Chiedo, tive um lancezinho com um universitário holandês na Cidade do Cabo. Ele era meio parecido com o Derek Jeter, só que mais novo e com sotaque. Mas não era nada se comparado a Chiedo.

Brett esfregou as mãos. Embora Tinsley não tivesse dito *exatamente* que tinha transado com eles, Brett podia imaginar isso. Não conseguia deixar de se perguntar qual era o problema dela, levando tanto tempo para perder a virgindade, quando Tinsley podia fazer isso com dois caras mais velhos e insuportavelmente gatos em apenas um verão. Se ela não conseguisse transar com Eric, com *quem* conseguiria?

— Easy e eu nunca transamos. Não é estranho? — perguntou Callie de repente.

— Não — disse Brett, ao mesmo tempo em que Tinsley dizia: "É". Isso foi hilário para elas.

— E você, B? Se não está com o Jeremiah, com quem anda saindo? — Tinsley arqueou uma das sobrancelhas escuras.

Brett sentiu o rosto pálido se encher de cor e pigarreou.

— Sabe como é, eu meio que estou dando um tempo dos meninos. Pode ser muita distração.

— Como é, agora é só com meninas? — Tinsley se inclinou por sobre a mesa, os olhos lampejando de intensidade. — Ou *homens*?

Brett a olhou nos olhos.

— É o que veremos. — Ela não tinha dúvidas de que se Tinsley descobrisse sobre ela e Eric, encontraria uma ótima forma de largar a bomba na frente dos meninos, ou de todo o alojamento, ou do reitor Marymount. Tinsley era famosa por causar sutilmente o equivalente a um tsunami de fofoca. — De qualquer forma, pensei que as regras da Café Society não permitissem namorados.

— Os namorados são diferentes dos homens — disse Tinsley com um bocejo, arqueando as costas e se espreguiçando como um gato. — Os homens são incentivados a entrar.

— Por que não comemos uma pizza? — interrompeu Callie. — Estou morrendo de fome. — Alguma coisa em Callie, cuja magreza recente apontava para um problema maior, dizendo que estava morrendo de fome imediatamente aplacou as duas meninas e

as colocou em movimento.

— Claro — disse Tinsley, terminando a taça de champanhe e colocando-a delicadamente na mesa meio pegajosa. — Vamos nessa.

— Colonial? — disse Brett. — Ou Ritoli's? — Ela podia mesmo comer alguma coisa para aliviar a bebida no estômago, e as pizzarias ficavam na cidade.

— O Ritoli's tem mais *ambiance*—sugeriu Tinsley, claramente referindo-se aos rapazes italianos que trabalhavam lá. Era um restaurante de administração familiar localizado a vida toda no centro de Rhinecliff e era o preferido da população feminina da Waverly. Havia pelo menos três jovens trabalhando o tempo todo, todos morenos, musculosos e lindos.

— Pergunta idiota — disse Brett, e as três riram e saíram do hotel, deixando na mesa uma gorjeta generosa para o barman.

Brett só percebeu que estava com fome quando elas entraram no Ritoli's e uma lufada quente de cheiro de massa as envolveu.

— Hummm—disse Tinsley, afagando a barriga. Depois cutucou Brett de lado ao ver o lindo rapaz indo na direção delas com os cardápios.

— O que vocês vão querer? — perguntou Tinsley.

— Que tal ele? — cochichou Callie meio alto demais.

Hipócrita, pensou Brett.

— Querem dar uma olhada no cardápio ou já sabem o que pedir? — perguntou o rapaz, abrindo-lhes um sorriso malicioso. Ele parecia ter uns 17 anos, com olhos escuros e pele morena macia e os maiores cílios que Brett já vira. Ele a fez se esquecer de Eric Dalton por alguns segundos.

— Três Cocas Diet—disse Tinsley, abrindo-lhe seu sorriso de um milhão de watts. — Mas ainda não decidimos o que mais.

— Tudo bem. Voltarei daqui a pouco.

Estava quente lá dentro, e Brett abanou o rosto com o cardápio e se lembrou de que no ano anterior, depois da primeira grande partida de lacrosse, ela e Jeremiah tinham encontrado Easy e Callie, e Tinsley e Heath, ali na pizzaria. Tiveram que pedir outra pizza porque os meninos devoraram a primeira rápido demais. Ela e Eric nunca poderiam sair com os amigos dela desse jeito, pensou ela com certa tristeza.

Mas eles eram diferentes — não tinham que ficar comendo pizza enquanto os meninos tentavam colocar uma pepperoni na bebida dos outros. Este seria seu primeiro caso de amor verdadeiro, com muito mais em jogo. Tinsley e Callie conversavam sobre o boato de que toda a família da pizzaria era extremamente bem-dotada e se elas podiam ou não provar isso. O garçom voltou e Tinsley pediu uma pizza de massa grossa com queijo extra e champignon na metade.

— Terra chamando Brett. — Tinsley agitou o braço magro diante do rosto de Brett. — Alguém em casa?

Brett não respondeu. Seus olhos estavam fixos na pulseira de platina no braço direito de Tinsley. Ela encarou. Era a de... *Eric*? Parecia exatamente igual àquela que percebera nele quando eles foram a Newport. Aquela do trisavô dele. Como é que Tinsley podia estar com ela?

— Pulseira legal—observou Brett, tentando manter a voz em tom alto embora soasse como um soprano de pânico. — Onde conseguiu?

— Ah, minha tia maluca Elinore me deu da última vez em que a vi—respondeu Tinsley, girando o pulso para admirar a pulseira. — Ela está ficando meio gagá e dá as merdas dela sempre que aparece alguém na casa. Eu saí com esse colar de pérolas também.

Arrã. Qual era a probabilidade de duas pulseiras antigas de platina, incrivelmente raras e

valiosas, que eram exatamente iguais, aparecerem na minúscula cidade de Rhinecliff? Muito pequena mesmo.

OwlNet----- Caixa de Entrada de E-mail

Para: EricDalton@waverly.edu
De: TinsleyCarmichael@waverly.edu
Data: Quinta-feira, 12 de setembro, 21:43h
Assunto: Melindrosas e filósofos

Eric,

Foi um prazer conhecê-lo hoje de manhã. E, é claro, li o conto que sugeri. Tenho um vestido melindrosa fino e pecaminoso que é exatamente igual ao que usaria a heroína de Fitzgerald... Pensei que um dia quisesse me ver nele.

Embora eu ame ter voltado à boa e velha Waverly, às vezes morro de vontade de sentir a calçada da cidade batendo sob meus saltos de novo. Já senti o impulso de desaparecer e se enfiar em um luxuoso quarto de hotel, vadiando na cama a tarde toda e pedindo Dom 1958 para o serviço de quarto? Pensei que devanear pudesse ser outra coisa que temos em comum...

T

OwlNet----- Caixa de Mensagem Instantânea

BrettMesserschmidt: Acabo de terminar uma garrafa de Moët e sabe de uma coisa? Acho que a gente já pegou leve o bastante. Quando vou te ver?

EricDalton: Brett, andei pensando...

BrettMesserschmidt: Coisas boas, espero.

EricDalton: O caso é que não acho mais que seja uma boa idéia — não é inteligente. Desculpe.

BrettMesserschmidt: Como é???

EricDalton: Podemos fazer isso pessoalmente?

EricDalton: Brett, ainda está aí?

BrettMesserschmidt: Tem outra?

EricDalton: Claro que não. Mas precisamos voltar a uma relação puramente de professor e aluna, OK?

EricDalton: Oi?

EricDalton: Brett?

BrettMesserschmidt: Sim, senhor. Acho que entendo. Perfeitamente.

UMA WAVERLY OWL INTELIGENTE SABE RECONHECER UMA INIMIGA NA AMIGA.

— Eu não entendi direito, né? Como pode ser culpa minha? — Callie gritava ao celular, já cansada de ter que ouvir mais uma reclamação de Nicholson Adams, o relações-públicas da mãe. Ao que parecia, uma foto tirada de Callie numa festa na piscina no último verão aparecera na seção de fim de semana do *Atlanta Journal-Constitution*, com a legenda maliciosa *Mary Kate Olsen, Nicole Richie e a Filha da Governadora Vernon: Loucas por Atenção?* E daí que ela tenha emagrecido em Barcelona, lamentando o desastre que era seu relacionamento com Easy? Isso era da conta de quem, afinal? Não era da conta do *Journal-Constitution* e certamente não era da conta do puxa-saco do Nicholson Adams.

Callie estava de pé no quarto vazio, de camiseta e short masculino de cós baixo Hanky Panky, e o telefone tocou quando ela estava prestes a vestir o pijama. Enquanto Nicholson continuava o sermão sobre como um distúrbio alimentar podia repercutir mal na visão que os eleitores tinham dos valores familiares da mãe dela, Callie se olhou no espelho. Virou-se para olhar o corpo fino de vários ângulos, mas em lugar algum via alguma coisa parecida com os corpos esqueléticos de todas as revistas. Sem dúvida ela não era anoréxica nem nada — acabara de devorar três fatias da pizza gordurosa do Ritoli's e meia garrafa de champanhe.

— Minha mãe está preocupada que a filha dela tenha um distúrbio alimentar, ou que as pessoas *ensem* que a filha dela tem um distúrbio alimentar? Se ela realmente estiver preocupada *comigo*, diga a ela que da próxima vez pode ligar ela mesma.

Ela estava prestes a desligar quando ele disse:

— Procure comer alguma coisa de vez em quando, está bem?

— Coma isso! — gritou ela antes de desligar. Depois Brett passou pela porta, parecendo ter testemunhado um acidente de carro. Tinha saído com o celular quando Nicholson ligou.

Callie vestiu a calça do pijama de cetim vermelho.

— Que foi, lindinha? — Sua voz se suavizou de imediato e ela ficou surpresa ao ver como a palavra "lindinha" saiu de sua boca sem esforço algum. Em sua existência pós-Easy, ela devia estar transferindo seus afetos reprimidos para as amigas.

— Acabo de receber uma mensagem de Eric — soltou Brett, a voz cheia de descrença. Seu rosto normalmente pálido era de uma lividez fantasmagórica. — Ele... Ele acha que a gente não deve se ver mais.

— Como é? — Callie gelou. *Que merda*. Parecia coisa da Tinsley. Será que ela realmente chegou no Sr. Dalton? *Já?* — Ela disse o porquê?

— Disse que não era "inteligente"—Brett sacudiu a cabeça de leve. —Mas havia dois dias ele não ligava se era inteligente ou não, quando estávamos praticamente pelados na cama dele.

— Mudou alguma coisa, para ele perceber os problemas em que estava se metendo? — perguntou Callie, na dúvida. — Será que ele esbarrou em Marymount e amarelou?

— Talvez—Brett mordeu o lábio e parecia estar a ponto de chorar. — Mas não sei. Ele não falou nada de Marymount.

Callie se perguntou se Brett desconfiava que isto tivesse alguma coisa a ver com a volta de Tinsley, mas é claro que não ia dizer nada. Meu Deus, por que tudo era uma droga de segredo este ano?

— Bom, foi só uma mensagem instantânea, né? O quanto ele pôde dizer?

Brett olhou Callie com a expressão vaga.

— Mas eu me senti... Tão próxima dele. Nós quase... Transamos. — Com essa, os joelhos de Brett pareceram ceder e ela caiu teatralmente na cama. — E depois eu só disse a ele que finalmente queria que fosse pra valer. E ele escreveu, dizendo que tinha acabado. Isso me deixa tão... irritada e... feito uma idiota. Como se eu fosse uma criancinha boba e ele tivesse perdido a paciência comigo.

— Então, ele que se foda. É um babaca mesmo — disse Callie com veemência. E claro que ela queria desesperadamente animar Brett, mas também sentia uma pontada de alívio por não ser a única abandonada no quarto 303 do Dumbarton.

— Quem é um babaca? — perguntou Tinsley, parada na porta aberta com o BlackBerry se projetando do bolso canguru do moletom de mangas cortadas.

Ninguém respondeu de imediato e, justamente quando estava prestes a ficar esquisito, Callie preencheu o silêncio, sem convencer:

— Nicholson, o relações-públicas da minha mãe. — Se Brett e Tinsley não resolvessem seus problemas logo, ela ia cair fora. — Ele que se foda, me dizendo que estou magra demais.

Tinsley sorriu com complacência. Ia continuar fingindo que acreditava que elas estavam falando disso se Brett achava tão impossível falar quando ela estava no quarto. Tudo bem. Tinsley estava cansada de dar espaço para as manias de Brett — ela que continuasse com isso e fosse à merda.

— Você está tremendamente magra, Cal. Suas roupas parecem um saco. — O que era a verdade.

Callie revirou os olhos e lançou um olhar de muito-obrigada -por-nada a Brett quando Tinsley estava pendurando a toalha, mas Brett estava deitada na cama, ainda com os mocassins de borracha Kate Spade amarelo-táxi, uma única folha amarelada presa na sola de um dos sapatos, encarando o teto, claramente em seu próprio mundo deprimido. Callie se perguntou o que poderia distraí-la e de imediato pensou na Café Society.

— Cadê a quarta mosqueteira? — Tinsley apontou a caminha de Jenny.

Brett olhou, desinteressada.

— Está no Sage, no quarto da Emily. Elas têm prova de francês amanhã.

Tinsley revirou os olhos e ligou o aparelho de som Harmion Kardon preto que tinha colocado no peitoril de uma das janelas. Os alto-falantes *surround* berraram Radiohead e Tinsley diminuiu um pouco o volume, caindo de barriga ao lado de Callie. A sambacção de bolinhas rosa PJ Salvage mostrava as pernas longas e tonificadas.

— Temos um assunto importante para discutir, meninas. Precisamos bolar as diretrizes da Café Society.

— Regras? — perguntou Brett, sentando-se para poder olhar o pulso de Tinsley novamente, que agora estava nu. Muito conveniente. Ou era só paranóia dela? Brett foi até a cômoda e pegou a roupa de dormir favorita na gaveta de cima, uma das velhas camisas J. Crew de Jeremiah, macia como um lenço de papel e tão desbotada que mal se viam suas listras azuis. Brett dormiu com ela por tanto tempo que teria sido estranho devolver depois que terminaram.

— Mais como objetivos — disse Tinsley rolando de costas e cruzando os tornozelos. — Nossas metas, se preferirem.

De repente Brett sentiu como se estivesse numa festinha de dormir com as melhores amigas, quando estava na quarta série. Ela pegou o frasco de Crème de Corps de Kiehl e se empoleirou na beira da cama de Tinsley. Suas pernas nuas estavam lisinhas na expectativa de uma noite com Eric. Então ela tinha perdido tempo, mas ainda era bom ter pernas recém-depiladas.

— Número um. Nada de namorados — disse Brett, forçando um sorriso para Callie e

Tinsley.

Tinsley assentiu para o entusiasmo súbito de Brett,

— Exatamente. É fundamental para nosso crescimento como jovens mulheres não sermos estorvadas por namorados reclamações e egoístas que só estão tentando estragar nosso estilo.

— Dois—piou Callie, o rosto brilhando de interesse. — Sempre deve haver álcool.

— Três. — Tinsley separou o cabelo no meio e alisou cada lado para parecer uma hippie. — As integrantes da sociedade são estimuladas a ficar com meninos lindos, aleatoriamente e pré-aprovados de um jeito nada-de-namoro, só para se divertirem.

— Como é? — De repente Brett se perguntou se o projeto era só outra maneira de Tinsley reafirmar seu domínio sobre todos. — Pensei que era só para *falar* das ficadas.

— O que há de divertido nisso?—perguntou Tinsley. — Mas é claro que não estou falando de sexo grupal, nem nada disso. Pelo menos, ainda não. — Ela abriu seu sorriso cruel, aquele que fazia a gente se perguntar se ela falava sério ou se a vida era só um enorme jogo para ela.

Talvez seja por isso que Tinsley nunca tenha se magoado, pensou Brett. Isso e uma cara que daria vergonha a Helena de Tróia.

— E quem são esses meninos lindos?—perguntou Callie, passando protetor Dr. Hauschka nos lábios e entregando-o a Brett.

— Qualquer um que a gente queira. — Tinsley abriu as mãos como quem indica que esses meninos lindos estavam bem aqui diante delas, só esperando para ser escolhidos.

— Parker Dubois—sugeriu Callie.—Ele é sexy.—Callie gostava de pensar em si mesma como uma boa casamenteira por ter reunido e desfeito tantos casais famosos na Waverly com suas maquinações de bastidores. E embora ela tivesse certeza de que Parker e Brett ficariam ótimos juntos, os dois eram artísticos e rabugentos, Parker era tão gato que Callie não se importaria de abocanhá-lo também.

— E Charlie Soong? — propôs Brett. Charlie era um primeiranista de Taiwan que em geral podia ser visto com um violão e supostamente era um astro pop em seu país, mas ele não falava no assunto. As meninas procuraram o nome dele no Google uma vez no ano anterior e descobriram que havia centenas de sites criados por fãs adolescentes radicais de Taiwan, trocando fofocas, fotos, flagras e se perguntando como era a vida dele na privacidade do internato que ele freqüentava nos Estados Unidos. Foi muito surreal. — Ele tem aquelas pernas ótimas de jogador de futebol, apesar de cantar *a cappella*.

— Ele é uma possibilidade — refletiu Tinsley, perguntando-se como seria beijar um pop star taiwanês. Talvez eles fizessem diferente. Ela se levantou e andou até o antigo espelho de carvalho para examinar as sobrancelhas, procurando por pêlos errantes. Um dos objetivos de Tinsley para si mesma, e que ela jamais compartilharia com seu orientador, era namorar alguém de cada país da terra. Ou pelo menos aqueles que ela podia conseguir sem um pára-quedas ou um trenó de cães. E aquele cara bem alto que ela viu saindo do bosque com Brandon e os outros meninos? Qualquer que fosse seu nome, ele não seria calouro para sempre. Podia entrar na lista.

— Sabe quem tem que ser o primeiro? O cara da pizzeria — disse Callie ansiosa, ainda pensando nos olhos castanhos e calorosos e no cabelo preto e curtinho dele. Ele sempre tinha cheiro de pizza fresca, o que seria ainda melhor do que ter que comê-la. — Me passa meu South of the Highway? — pediu Callie a Tinsley, que estava parada bem perto da cômoda de Callie para pegar seu esmalte.

— Angelo—disse Tinsley, entregando o esmalte cor-de-rosa. — Sim. — As outras meninas a encararam, perguntando-se como é que ela sabia o nome dele. — Eu perguntei — disse ela simplesmente. — Achei que podia ser útil.

— Parece que vamos ter uma festa de pizza, então—disse Brett, sem querer dar a impressão de que era imatura demais para esse tipo de coisa, embora tivesse suas dúvidas. Não seria estranho ficar com alguém que você mal conhecia? Ela observou Callie reaplicar o esmalte com habilidade nas unhas roídas da mão esquerda.

— Acho que é melhor decidirmos quem queremos convidar para a Café Society, além da gente — observou Tinsley.

— Jenny, é claro — respondeu Brett, pegando o esmalte de Callie quando chegou a hora de pintar os dedos da mão direita. Como matou o treino e depois o jantar, Brett não via Jenny desde esta manhã, e de repente sentiu-se culpada por abandonar a nova amiga. Em especial porque foi ela que basicamente disse a Jenny para evitar Callie e o quarto por um tempo. Brett se perguntou se ela estava bem.

Tinsley revirou os olhos para Callie e franziu o nariz perfeito.

— Mas ela é do segundo ano.

— É, mas ela é legal — argumentou Brett, na defensiva. Havia alguma coisa em Jenny, uma espécie de *calor*, que fazia com que Brett sentisse saudade quando ela estava ausente.

— Ela é?—Tinsley fingiu examinar as pontas brancas das unhas bem-cuidadas.—Quer dizer, ainda não conversei bem com ela, O que você acha, Cal?

— Acha que está rolando alguma coisa entre ela e Easy? — perguntou Callie, hesitante.

— Vamos saber, não vamos?—respondeu Brett com lógica, embora não parecesse convincente. — Quer dizer, ela mora com a gente. De qualquer forma, seria cruel deixá-la de fora da Café Society.

Callie deu de ombros. Era difícil saber se Jenny era uma ameaça séria.

— E Benny? Ela precisa entrar nessa também.

— E Celine, e Alison. E Emily? — disse Brett.

— Eca. Emily é tão acanhada. Ela pode ficar de fora. — Tinsley fez uma careta. — A gente devia convidar a Sage Francis, embora ela possa ser uma cretina. Ela é meio divertida.

— E Verena Arneval? — perguntou Callie. Verena era uma veterana de Buenos Aires cuja mãe era produtora de uma novela argentina de sucesso. Tinha um sotaque sexy e um corte de cabelo supercurto, e sempre andava produzida e de saltos, como uma estrela de cinema de antigamente. — Ela é bacana — disse Callie.

As três olharam quando ouviram vozes no corredor.

— A gente se vê na aula—disse Jenny ao abrir a porta do quarto 303 do Dumbarton. Quase pulou quando viu as três colegas encarando-a.

— Ah! Oi, gente... — Jenny olhou para Brett. — O que é que tá pegando? — Ela ficou parada na soleira da porta por um momento, preocupada por ter invadido alguma coisa particular. Colocou as mãos nos bolsos do cardigã de lã Citizens of Humanity. — Estou interrompendo alguma coisa? Porque posso pegar minha escova de dente ou...

— Não, entra — disse Brett, dando um tapinha na cama ao lado dela. — Você sem dúvida está nessa. — Brett lançou um olhar para Tinsley e as duas se encararam por um momento longo e estranho. Jenny fingiu não perceber e afundou na cama de Brett.

— É—começou Tinsley depois de uma longa pausa. — Estamos criando nossa sociedade secreta. E queremos estender o convite a você. — Ela abriu um sorriso generoso para Jenny, e o coração de Jenny martelou. Tinsley queria incluí-la? Jenny teve que reprimir o impulso de pular e abraçar a todas no quarto — ela estava *dentro*! É claro que ela sabia que não seria a coisa mais elegante de se fazer, então conseguiu se conter, embora não tenha resistido a esfregar as mãos de empolgação.

— Uma sociedade secreta? — perguntou ela, meio tonta. — Parece muito divertido.

— A idéia é essa. — Tinsley balançou o cabelo longo e preto nos ombros e se recostou

nos travesseiros de sua cama. *Como Cleópatra*, pensou Jenny.—Mas primeiro queremos falar de uma coisa com você.

O estômago de Jenny desabou. É claro que não podia ser assim tão fácil. Ela devia saber que haveria condições, como Tinsley querer que ela fosse a *faxineira* da sociedade ou coisa assim.

Callie se levantou abruptamente e foi até a cômoda. Pegou a escova de pêlo de javali e começou a escovar o cabelo, mas Jenny sabia que ela a estava observando pelo espelho. — Todas nós sabemos como os boatos podem ser perigosos — continuou Tinsley. — Que podem acabar magoando todos os envolvidos. E eu acho... e sei que vai concordar comigo... que devemos esclarecer um determinado boato. — Tinsley parou para dar efeito dramático e sorriu para Brett e Jenny. — Jenny, sei que Callie lhe pediu para paquerar Easy para ela não ser acusada de recebê-lo aqui no quarto. E foi muito legal de sua parte concordar e ajudar Callie a se livrar desse problema. — Tinsley olhou para Callie. — Mas o caso é que agora acabou... Ninguém mais está encrencado. E no entanto ainda estou meio que ouvindo coisas sobre você e Easy — Tinsley fez um biquinho e olhou diretamente para Jenny. — Existe alguma coisa que devamos saber? O queixo de Jenny quase caiu. Alguma coisa que elas devessem saber? Tipo assim, o quanto Jenny queria beijar Easy? Passar as mãos nos cabelos dele? Que ela ia — *Aiii!* — cavalgar com ele no domingo?

— Er, não... Quer dizer, o Easy é legal. Gosto dele. — E antes que pudesse se conter, as palavras tropeçaram para fora de sua boca. — Quer dizer, como amigo. Sabe como é, somos colegas do curso de artes. Mas é só isso.

Tinsley assentiu, mas não disse nada. Callie continuou a escovar o cabelo e observar Jenny pelo espelho. Jenny não conseguia olhar para Brett, que sabia de sua paixão por Easy, mas não estava dizendo nada.

Jenny sentiu que começava a entrar em pânico e não estava raciocinando muito bem. Este momento, com as quatro no quarto do alojamento, preparando-se para dormir, era o tipo de cenário com o qual ela sonhou — ela *precisava* entrar para a sociedade secreta. Era sua chance de ser uma delas. Como poderia deixar que isso escapulisse entre os dedos?

— Ah, gente — disse Jenny com sensatez —, Easy não pode estar interessado em mim. Não depois de *você*, Callie. — Jenny quase sufocou com as palavras, era tão difícil pronunciá-las. Mas não estava inventando, ela meio que acreditava no que dizia. — Você parece uma estrela de cinema. Eu sou só... eu.

O nariz de Callie franziu ao olhar o próprio reflexo. Jenny podia imaginar o que ela pensava, talvez até como o bobo do Easy ficaria com *ela*, a baixinha-eu-sou-só-eu Jenny Humphrey. Jenny mordeu o lábio.

Callie girou abruptamente e abriu um sorriso malicioso para Tinsley.

— Ela tem razão. Easy é meio alto para ela. — As duas dividiram o mesmo olhar convencido e Jenny de repente se sentiu cem vezes pior do que antes de abrir aquela boca enorme.

— Que bom.—Tinsley bateu palmas. — Então, está resolvido. Bem-vinda à Café Society, Jenny. Sei que ainda vamos ser grandes amigas.

Jenny mordeu o lábio com mais força ainda. Não tinha lá muita certeza disso.

OwlNet----- Caixa de Entrada de E-mail

Para: CallieVernon@waverly.edu;
BrettMesserschmidt@waverly.edu;
SageFrancis@waverly.edu;
CelineColista@ waverly.edu;
BennyCunnLingham@waverly.edu;
AlisonQuentin@waverly.edu;
JennyHumphrey@waverly.edu;
VerenaArneval@waverly.edu
De: TinsleyCarmichael@waverly.edu
Data: Sexta-feira, 13 de setembro, 10:05h
Assunto: Café Society

Minhas mais amadas, adoradas e suntuosas amigas,

Todas estão oficialmente convidadas a um novo empreendimento denominado Café Society, um clube secreto apenas para as Waverly Ows mais interessantes e charmosas. Somos criaturas jovens e sexies. O mantra de nossa sociedade é: Produza-se. Demonstre. Seja. Ostente.
A primeira reunião extra-oficial acontecerá amanhã, às 7 em ponto, no Ritoli's. Observação: Exigem-se trajes apropriados. Namorados serão motivo de expulsão imediata. Levem seus drinques preferidos e sua malícia.

Com amor, da pouco comportada,
T

OwlNet----- Caixa de Entrada de E-mail

Para: RufusHumphrey@poetsonline.com
De: JennyHumphrey@waverly.edu
Data: Sexta-feira, 13 de setembro, 17:55h
Assunto: OBRIGADA!

Querido papai,

Vou sair para jantar agora, mas saca essa: estou mandando o mail de MEU TELEFONE NOVO. Não é incrível??? Muuuuito obrigada. Prometo escrever mais no fim de semana.

Te amo,
Jenny

P.S.: Diga a Vanessa que agradeci também!

P.P.S.: Sempre gostei daquele suspensório de arco-íris. É sério!

OwlNet----- Caixa de Mensagem Instantânea

EricDalton: Recebi seu e-mail. Idéia interessante, uma viagem de campo.

TinsleyCarmichae!: Achei que poderia gostar.

EricDalton: Sim, e muito...

COM A PRODUÇÃO CERTA, ATÉ OS NERDS DE HISTÓRIA EM QUADRINHOS PODEM SER CORUJAS SEXIES.

Tinsley entrou no salão de jantar dez minutos antes do horário oficial de encerramento, plenamente ciente de que as pessoas esperavam que ela aparecesse. O salão de jantar ficava em um prédio magnífico com teto cavernoso de catedral e vitrais em cores vivas, mesas enormes e cadeiras de carvalho almofadadas e pesadas que muitas meninas mais franzinas, com aquele ar de abandono, tinham dificuldade de puxar. A entrada ficava no lado oposto da área do bufê e assim, depois que você entrava, ainda tinha que atravessar a sala diante de centenas de olhos que o observavam para pegar sua bandeja e começar a empilhar frango *cordon bleu* ou qualquer gororoba que estivesse sendo servida. Tinsley não se incomodava com isso, enquanto a maioria das pessoas que entrava sozinha no salão de jantar tinha plena consciência da jornada longa e tortuosa que precisava fazer antes de se esconder atrás das enormes tigelas de cereais.

Ela deu uma olhada no ambiente, os olhos varrendo habilidosamente as mesas em busca das amigas. Localizou Benny, Brett e os meninos em uma das mesas compridas de sempre, perto da lareira. Assentiu para eles, com o cuidado de não olhar para Brett, e continuou a caminhar para a fila da comida.

Pegou uma das bandejas de plástico bege e percebeu Heath Ferro esperando que lhe servissem um fumegante prato de berinjela ao parmesão. A visão de sua bunda dura com a calça Lacoste marrom de listras laterais douradas fez Tinsley sorrir. Ela se aproximou por trás e disse numa voz rouca, diretamente em seu ouvido, antes que ele pudesse se virar:

— Adivinha quem é... Senão, você tem pau pequeno.

Heath riu ao pegar o prato da funcionária que lhe servia e colocar em sua bandeja.

— Não vai me enganar com essa voz, Tinsley. Eu a ouço em meus sonhos. Se quiser que eu baixe as calças, é só pedir.

Tinsley gemeu e Heath se virou, os olhos verdes com pontinhos dourados piscando preguiçosamente ao focalizarem seus lábios cor de maçã. Tinsley bateu o quadril no dele, depois deslizou a bandeja pelo trilho de metal até as vagens.

Vestido num avental branco e usando um boné da Notre Dame, Lon Baruzza estava atrás do balcão de vidro diante da tigela enorme de vagem, segurando uma colher imensa. Era um bolsista de Chicago e Tinsley sempre gostava de vê-lo, mesmo que o coitado tivesse de colocar vagens nos pratos de crianças ricas e mimadinhos — ele era mais bonito do que qualquer outro dos funcionários do salão de jantar.

— Estou vendo que hoje está encarregado da vagem — disse Tinsley. — É uma promoção em relação ao creme de milho de ontem?

— Não — disse Lon que, embora estivesse namorando Ticia Rieken, claramente gostava de servir um prato de comida a Tinsley. — Na verdade é um rebaixamento... Me pegaram fumando no meu intervalo de ontem. Então, por ora, só os verdes para mim.

— Que bom — disse Tinsley. — Só peguei milho ontem porque queria falar com você. Prefiro vagem.—Enquanto ele lhe passava um prato por cima do balcão, ela abriu o sorriso de ultrapaquera para ele e olhou para Heath, que tinha passado à sessão de hambúrgueres, obviamente amuado por ela estar falando com Lon. Ela sorriu para si mesma. Um dos maiores prazeres da vida era paquerar meninos na frente de outros meninos. Fazia com que eles percebessem que tinham que lutar por ela.

Ela deslizou a bandeja para junto da de Heath enquanto ele lutava com uma pinça

complicada, tentando pegar um pão de gergelim, e fingia não perceber sua aproximação. Por fim, ele desistiu e o pegou com a mão.

— Que feio—disse Tinsley.—Isso está aqui por um motivo, para que meninos como você não coloquem as patas nojentas na comida dos outros. — Ela manuseou a pinça com habilidade e colocou um pãozinho no prato.

— Ah, não percebi que você estava aí. Pensei que ainda estivesse azarando o Baruzza

— disse Heath numa surpresa fingida. Ela sabia que ele não se incomodava realmente com isso — Heath era sua contraparte masculina, sempre sabendo quando abrir o sorriso arrasador e quando dar uma piscadela brincalhona. Se alguém entendia a emoção por trás das paqueras inofensivas, era Heath.

— Desculpe, querido. Nunca vou falar de novo com outro menino. Feliz assim?—

Tinsley apunhalou um hambúrguer vegetariano cozido demais com o garfo comprido e o largou em seu prato. Desde que seu pai produziu um documentário sobre matadouros, quando Tinsley tinha oito anos, ela não conseguia comer tipo algum de carne vermelha. Dava-lhe arrepios. Infelizmente, não tinha a mesma facilidade para tomar a decisão de não comprar couro.

— Só está irritada comigo porque não vamos deixar você entrar na nossa sociedade secreta.—Heath piscou para ela por sobre o ombro enquanto ia para a máquina de refrigerante, pegava um copo na pilha enorme e colocava Pepsi até a metade, completando depois com Dr. Pepper. Tinsley o seguiu e encheu o copo com Pepsi Diet.

— Não exatamente. Só fui em frente e criei a minha. Só de meninas.

— O que vocês vão fazer... Dar festas de cosquinhas? De calcinha e sutiã? — Heath lambeu os lábios com a idéia.

— Um pouco mais sofisticado do que isso. E um pouco mais picante.

— Ah, é?—disse Heath, gostando do que lhe parecia. — Talvez nossas sociedades secretas possam ter uma reunião secreta juntas. Num lugar sexy e proibido.—Heath parecia estar brincando quando começou com aquela idéia, mas depois um olhar sonhador atravessou seu rosto, como se de repente ele estivesse imaginando uma reunião clandestina em que Tinsley, Jenny e as outras meninas, de sutiã e calcinha, faziam uma guerra de travesseiros de penas, o cabelo ficando todo embaraçado e pegajoso. — Tipo em Boston. Vamos alugar uns quartos no Ritz-Bradley. Tinsley colocou o copo na bandeja. Imaginou dois quartos enormes e cheios de estilo no Ritz, a porta de comunicação entre eles aberta enquanto meninas de vestido melindrosa e meninos de smoking iam e voltavam, passando taças de champanhe e dividindo abraços chiques e elegantes.

— Pode ser a melhor idéia que teve na vida, Heath.

Heath continuou.

— Todos podemos usar fantasia, como os *Superamigos*.

— Nossa, agora você está viajando.

— É sério. Viu aquele episódio de *OC* em que Summer se veste de Mulher Maravilha? Foi a coisa mais sexy do mundo. — Heath baixou a bandeja e olhou objetivamente para Tinsley. — Você daria uma Mulher Maravilha ótima. Tem o corpo para isso. E o cabelo. — Heath aproveitou a oportunidade para tocar as mechas longas e pretas de Tinsley. Ela afastou a mão dele, embora pudesse imaginar a si mesma como uma heroína de quadrinhos, com o cabelo em ondas pretas e luzes azuladas. E usando um traje pequenininho, é claro. — E o Ritz será nossa Liga da Justiça.

Ela o encarou com a expressão vaga.

— Nossa Liga da Justiça?

— Sabe como é, a sede. Nossa base. Para nossas missões, entendeu?

— Agora está começando a me assustar. Podemos falar a sério por um momento?

Precisamos combinar isso.—Tinsley pegou um par de talheres nos tubos de plástico e olhou para sua mesa de amigos, que agora terminavam a refeição. Callie acenou.

— Fechei com você — concordou Heath. — No fim de semana que vem, no Ritz.

Podemos reservar quartos vizinhos.

— Vamos a rigor. Não como super-heróis — acrescentou ela rapidamente, percebendo a excitação de Heath. — Só produzidos. —Ela pensou maliciosamente na roupa que pretendia usar em seu encontro com Dalton em Nova York: o vestido de chiffon coral sensual, apertado no tronco, com a saia rodada coberta de delicadas contas prateadas.

— Confie em mim. Não há nada mais sexy do que a malha da Mulher Maravilha.

— Pode ser. Mas vamos com uma coisa um pouco mais sofisticada.

Heath sacudiu a cabeça.

— Não é possível.

— Devo dizer que nunca vi este seu lado, Heath.

— Que lado?

— O lado nerd.

Heath fingiu rosnar para ela.

— Não comece a sacanear os quadrinhos. Por favor. Tenho você em alta conta e não quero que isso mude.

Tinsley sorriu. Era bom Heath não ter medo de que ela o achasse um imbecil. E era cativante que ele ficasse tão excitado com a idéia da Mulher Maravilha com sua malha colante. Talvez um dia ela comprasse um traje desses só para ele ter um ataque cardíaco. Ela olhou em volta e percebeu que Benny, Callie, Alan e Teague estavam vendo os dois, perguntando-se por que eles não vinham para a mesa.

— Vamos nos sentar. Vamos conversar sobre isso mais tarde, Batman.

— Pode rir — alertou ele. — Vai nessa, vou pegar um biscoito.

Tinsley foi sozinha para a mesa, percebendo Callie olhando triste para o outro lado do salão de jantar.

Ela seguiu os olhos de Callie e viu o que ela olhava: Easy. Ele estava sentado a uma mesa com Jenny, Alison Quentin e alguns outros alunos de artes. Todos davam gargalhadas.

— Você está bem, Cal? — perguntou Tinsley enquanto baixava a bandeja. — Jenny garantiu que não há nada entre eles.

— Eu sei. — Uma bandeja cheia de comida estava na frente de Callie, intocada. — Mas não tenho certeza. Você tem?

— É claro que não está rolando nada — respondeu Tinsley. Como *poderia* estar? Jenny era baixinha e praticamente desfigurada, os peitos tão gigantescos. Tinsley olhou a mesa de nerds de artes. Easy ouvia Jenny, arrebatado, sorrindo e piscando os cílios escuros, todo satisfeito. *Ooops*. Ela *conhecia* esse olhar. Era o olhar de adoração total e completa que ele lhe dera na noite em que os dois ficaram no Alasca, o mesmo olhar que ela viu, com algum ciúme, ele lançar a Callie umas cem vezes. Certamente *havia* alguma coisa rolando ali. Ou haveria logo. Tinsley tinha certeza disso.

— Eu só... — Callie interrompeu sua epifania. Pegou o garfo e baixou-o novamente. — Eu só queria não ter que vê-lo todo dia, sabe? Sempre que acho que estou bem, eu o vejo andando pelo pátio ou sentado a uma mesa rindo com Jenny. — Ela fez um gesto para a mesa do outro lado do salão.

Tinsley de repente se lembrou de ter visto Easy e Jenny saindo do bosque juntos na quarta-feira à tarde, parecendo cheios de conspiração. Que canalha. O que é que ele estava *fazendo*, magoando Callie em troca dessa monga? Como ele se *atreve*?

Tinsley semicerrou os olhos, vendo o modo como Easy olhava para Jenny. Mesmo do outro lado do salão, Tinsley sabia que os dois estavam em seu próprio mundo. Mas não

por muito tempo, se ela pudesse interferir de algum jeito.
— Você deve querer que ele desapareça ou coisa assim, né? — sugeriu Tinsley.
— É.—Callie pegou um pedaço de brócolis com o garfo e o examinou.
Bom, pensou Tinsley. Talvez eu possa dar um jeito nisso.

OwlNet----- Caixa de Mensagem Instantânea

BrettMesserchmidt: Parece que agora vc pode parar de evitar o quarto 303, J.

JennyHumphrey: Não vejo a hora.

BrettMesserchmidt: Então vc e EZ não estão...

JennyHumphrey: Não... Não aconteceu nada, mas sabe como é.

BrettMesserchmidt: Sei.

JennyHumphrey: Vc estava muito quieta ontem à noite.

BrettMesserchmidt: Acabou. Oficialmente.

JennyHumphrey: Eu sinto muito. Vc tá legal?

BrettMesserchmidt: Tô... Mas pode me perguntar depois, para ter certeza?

JennyHumphrey: Pode contar com isso.

UMA WAVERLY OWL É SEMPRE CAUTELOSA.

Brandon adorava as manhãs de sábado na Waverly. As festas de sexta à noite nunca eram tão loucas nem tão regadas a álcool como aquelas das noites de sábado, e os alunos não andavam por ali parecendo totalmente destruídos como faziam nas manhãs de domingo. As manhãs de sábado sempre pareciam mais saudáveis, com as meninas e os meninos usando seus moletons marrons amarrados na cintura, indo assistir às partidas de futebol ou aos jogos de hóquei. A galera da cidade pegava o trem para passar o fim de semana em suas coberturas no Upper East Side e iam para a balada à noite com seus lindos amigos de escolas particulares ou outras escolas preparatórias da Nova Inglaterra. Brandon era de Connecticut — nascido e criado em Greenwich — e embora os gramados lindamente bem-cuidados da Waverly não lhe fossem exatamente uma paisagem estranha, a Waverly lhe parecia muito mais com um lar do que Connecticut. Seu pai se casara de novo há três anos e a madrasta era um pesadelo de mulher, uns dez anos mais velha do que Brandon, e agora os meios-irmãos gêmeos engatinhavam pela casa, roendo e vomitando na mobília cara enquanto a mãe deles babava por eles serem tão inteligentes. A madrasta, cujo nome ele jurou que não passaria por seus lábios, parecia estar convencida de que ele era gay e lhe disse uma vez que se um dia ele assumisse, o pai "provavelmente ainda o amaria". Pelo menos ele nunca sentia saudade de casa.

O dia estava ensolarado, mas meio frio. Brandon atravessou o pátio, os mocassins Bruno Magli pegando pedaços de grama ainda molhada do orvalho. Ele foi para o Maxwell Hall, um prédio de H. H. Richardson que abrigava o centro estudantil, um café, a sala de correspondência e algumas de estudo, e servia denexo social do campus. Devia-se ir à biblioteca quando se estava estudando para uma prova ou escrevendo um trabalho cuja nota não podia ser menor do que C. As pessoas que iam ao Maxwell estavam interessadas em um estilo de estudo mais social, o tipo preguiçoso que adora o barulho das máquinas de cappuccino e as interrupções de membros atraentes do sexo oposto. Talvez Callie estivesse lá, tomando o expresso duplo e lendo a última edição da *Vanity Fair* em vez de estudar cálculo. Brandon pretendia desabar por algumas horas em uma poltrona enorme em um dos nichos na sacada, tomar seu latte e começar *Democracia na América*, de Tocqueville, um livro tão chato que se os Pais Fundadores tivessem sido obrigados a ler, certamente teriam criado uma ditadura.

O espaço principal do Maxwell, com suas paredes de pedra maciça, arcos romanescos e uma lareira enorme que jamais era acesa, parecia uma caverna e era aconchegante. Estava lotado de gente e Brandon, depois de colocar os três sachês de Splenda na bebida, seguiu para a escada rangente dos fundos até um dos nichos escuros no andar de cima, onde se podia olhar a área de estar principal e ver todo mundo que entrava.

No começo Brandon ficou decepcionado ao ver um emaranhado de cachos escuros em vez das mechas longas e loiras de Callie, mas depois reconheceu que eram de Jenny.

— Oi — disse ele, satisfeito por ela de algum modo ter ido para o lugar do prédio que ele mais gostava. Havia duas poltronas imensas viradas uma para a outra, com uma mesinha de madeira entre elas. Brandon passou muitas horas sentado aqui com seu iPod, desejando Callie. Havia alguma coisa tão íntima em ler ao lado de alguém, de vez em quando tirando os olhos do livro para trocar olhares e talvez se beijar um pouco. Jenny levantou a cara do livro, evidentemente imersa em pensamentos. Precisou de um momento para focalizar Brandon mas, quando conseguiu, seu rosto se abriu num sorriso doce. Suas bochechas eram de um rosa-claro, e o nariz pequeno e meio arrebitado era

pontilhado de sardas. Ela vestia uma blusa florida J. Crew que não era exatamente apertada, mas conseguia envolver suas curvas, uma saia jeans curta e desbotada, leggings preta e sandálias de camurça cinza que pareciam sapatos de criança. As pernas estavam cruzadas delicadamente nos tornozelos.

— Oi, Brandon! E aí?

Brandon ficou distraído por um momento pelo movimento dos peitos de Jenny quando ela se sentou ereta, mas ele não queria ser um daqueles caras que só conseguiam olhar para os peitos de uma garota, mesmo que fossem convidativos, então obrigou seus olhos a voltarem para o rosto dela.

— Importa-se se eu me sentar aqui? — perguntou ele, indicando a outra poltrona.

— Claro que não. Estava ficando meio solitário aqui, só eu e Madame Bovary.

Brandon riu, percebendo que não tinha pensado em Callie nos últimos trinta segundos. Está vendo, ele não era um obcecado. Ele se lembrou de que não queria falar com ninguém semanas depois que Callie terminou com ele. Com sorte, ela não levaria tanto tempo para superar Easy. Brandon afundou na poltrona ao lado de Jenny, colocando a xícara na mesa entre eles.

— Como está Callie? — ele baixou a voz, de repente achou que era um absurdo falar tão gravemente de um rompimento. Como se Callie estivesse em coma ou coisa assim. Jenny balançou os ombros.

— Não a tenho visto muito. Tinsley e Brett têm ficado com ela praticamente o tempo todo. — Jenny parou e mordeu o lábio. — Mas não acho que ela vá me escolher para conversar sobre esse assunto — acrescentou ela, os olhos castanhos baixando de culpa.

— Quer dizer que há realmente alguma coisa rolando entre você e o Walsh? — perguntou Brandon. Ele ficou feliz por ter Easy fora da vida de Callie, mas não queria exatamente que ele estivesse na vida de Jenny. E isso o fez se sentir mal por Callie, uma vez que ele sabia muito bem o quanto doía ver uma pessoa que você amava nos braços de outro logo depois do rompimento.

Jenny encontrou os olhos dele de novo.

— Na verdade eu não sei — admitiu ela. — Quer dizer, nós somos amigos, mas...

Brandon se sentou direito na poltrona.

— Bom, espero que dê certo — interrompeu ele. As palavras saíram mais frias do que ele pretendia. Ele queria que Jenny se desse bem com Easy; queria de verdade. Mas não queria que Callie acabasse odiando Jenny, como ele odiava Easy. Em especial porque as duas tinham que *morar* juntas.

— Não sei o que há nele — soltou Jenny em voz baixa.

Eu sei, pensou Brandon. *Ele é alto e parece um modelo da Ralph Lauren. Monta cavalos, é artista e "profundo".* Ele tentou não revirar os olhos. *Não é para amar?*

— Sabe como é, só procure se lembrar de como isso vai magoar Callie por um tempo. Quer dizer, este campus é pequeno. Vai ser difícil para ela se afastar dele.

Brandon de repente se lembrou de como ele entrou na sala de correspondência um dia depois de Callie ter terminado com ele e viu Callie e Easy encostados numa parede de caixas de correio se agarrando—Callie com o suéter de cashmere azul-claro Diane von Furstenberg que Brandon dera a ela no aniversário de um ano. Ele sabia que ela não faria isso por maldade; Callie nunca magoava as pessoas intencionalmente. Bom, não ele, de qualquer forma. Mas só a idéia de que ela estava tão arrebatada por Easy que nem pensou duas vezes de onde vinha o suéter e o que ele significava, fez Brandon querer ir até lá e dar um murro no sorriso perfeitamente torto de Easy.

— É um *quarto de alojamento* pequeno — assinalou Jenny. — E já me sinto bem estranha. Não é que exista alguma coisa entre nós. E só que pode *caminhar* desse jeito. Brandon assentiu.

— Acha que tenho chances de voltar com Callie?— perguntou ele, meio timidamente. Ele era tão lindo, pensou Jenny. Podia ter a maioria das garotas da Waverly, mas ainda assim só queria Callie. Ocorreu a ela que se Callie entendesse como era fácil ficar encantada com Easy Walsh e se esquecer completamente de um cara ótimo como Brandon, ela podia perdoar Jenny por também ficar encantada com Easy. Jenny suspirou. Ou talvez não.

— Acho que agora ela deve estar querendo algum espaço. — Jenny tomou um gole do chá verde, agora frio. — Ela ainda não quer sair com ninguém. Além disso, estamos naquela sociedade nova, e não é permitida a entrada de namorados.

Brandon gemeu.

— Você também está na sociedade da Tinsley?— Ele abriu o zíper da bolsa de couro, tão maravilhosamente envelhecida que parecia ter vindo da Segunda Guerra Mundial, e pegou um livrinho. Ele precisava pelo menos fingir ter algum trabalho a fazer.

— É— admitiu Jenny, ainda empolgada por ter recebido o e-mail de Tinsley no dia anterior. Talvez Tinsley finalmente estivesse disposta a perdoá-la por ser a garota nova e esquisita que roubou sua cama. Tinsley era a rainha coroada da Waverly. Era tranquilamente a menina mais descolada e mais linda do campus, o tipo de pessoa que não espera que coisas bacanas aconteçam, ela sai e *faz* com que aconteçam. Se Jenny não podia *ser* a Tinsley, ser amiga dela era a segunda melhor coisa do mundo. Talvez parte do glamour passasse para ela por osmose. — Parece divertido.

— Claro que é — disse Brandon com um sorriso. — Tinsley não se envolve em nada que não seja divertido.

— Não parece um jeito ruim de ser, não necessariamente.

Brandon hesitou.

— É mais do que um jeito de ser para Tinsley. Ela transformou a diversão numa forma de arte. A qualquer custo.

Jenny se recostou na poltrona e tentou digerir as palavras de Brandon. Sabia que ele tinha razão — afinal, Tinsley fora suspensa da Waverly por ter "se divertido"—e no entanto não parece que ela tenha perdido nada de seu fascínio. Deve mesmo ter aumentado. Tinsley fazia o que queria.

— Olha, se isso significa que ela vai ser legal comigo, vou aceitar. Por causa dela e de Callie, eu passei todo o fim de semana com medo de ir para o meu quarto.

— Tenha cuidado — aconselhou Brandon, os olhos castanho-dourados de repente sérios. Em geral Jenny achava que era injusto que estes cílios lindos pertencessem a um homem, mas eles deixaram Brandon tão elegante. Lembrava a ela um astro de cinema mudo com aquele queixo macio, os olhos expressivos e o cabelo estrategicamente desarrumado. E ele era *legal*. Callie não sabia a sorte que tinha por ter um cara como Brandon louco por ela.

— Vim de uma escola que era cheia de meninas como a Tinsley. — Jenny jamais se esqueceria das Blair Waldorfs com que ela crescera meio temendo, meio invejando, meninas que faziam você se sentir que não existia, até que por acaso precisassem de alguma coisa de você. Elas achavam que você estaria disposta a largar tudo por elas, o que, é claro, você faria mesmo. Mas as meninas verdadeiramente perigosas eram as Serena van der Woodsens do mundo, porque elas eram tão perfeitamente lindas e *legais*, que eram quase inumanas. Tinsley estava em algum lugar entre as duas: tinha todas as perfeições físicas de Serena, e mais a mente que ficava sempre maquinando como a de Blair, sempre querendo mais.—Posso lidar com ela. — Mas Jenny de repente ficou totalmente insegura de si. Nunca seria uma Blair, uma Serena ou uma Tinsley, só uma Jenny. Será que ela sempre ficaria na vontade?

— Bom, tem alguma coisa anormal na Tinsley... Ela faz com que você queira ser amigo

dela, mas você não pode confiar nela. *Nunca*.

Ele era tão veemente que Jenny se perguntou se acontecera alguma coisa entre eles.

— Tudo bem. Vou dormir de olho aberto.

Brandon riu.

— Não é má idéia.

UMA WAVERLY OWL JAMAIS ABANDONA SEUS COMPROMISSOS. A NÃO SER QUE TENHA UM MOTIVO MUITO, MUITO BOM.

Prezado Sr. Dalton, receio não poder mais ajudá-lo em suas tarefas no escritório. Continuarei, é claro, meu trabalho no Comitê Disciplinar como representante da turma, uma vez que levo a sério meu compromisso nesta função. Obrigada por sua compreensão.

Brett olhou o bilhete, escrito em sua caligrafia inclinada para trás em um dos cartões de correspondência Crane verde-lima com monograma. Seria pessoal demais usar um deles? Talvez ela só devesse mandar um e-mail. Mas não, parecia mais adequado terminar seu malfadado caso escrevendo um bilhete em seu papel caro, com BLM gravado no canto. Talvez, ela pensou absorta, isso o fizesse se perguntar qual era seu nome do meio. Além disso, talvez a fizesse se sentir uma heroína de romance de Jane Austen, uma mulher magoada tão elegante que conseguia escrever uma carta educada ao homem que a traía.

Não que ela estivesse com raiva. Só se sentia desanimada e confusa. Se Eric queria que nada acontecesse entre os dois, devia ter freado as coisas nas muitas oportunidades que teve de fazê-lo. Mas ele a estimulou, não foi? Brett odiava ficar tão na defensiva com isso, perguntando-se se ela só imaginou que um dia houve alguma coisa entre eles.

Não, isso não era certo, respondeu Brett a si mesma enquanto atravessava o campus na direção do Stansfield Hall, aberto mas em geral silencioso nos fins de semana. Ela voltou a pensar no dia em que conheceu Eric Dalton, pensando no início que ele era um aluno. Ela foi incapaz de se livrar da sensação de que, desde o começo, embora ele tenha ficado meio intimidado pela atração que sentia por ela, ele não tentou escondê-la. E não foi só uma paquera casual—ele a convidou para jantar fora, levou-a em seu avião à casa dele em Newport e tinha bebidas esperando por ela no barco. Ele lhe dera vinho, acendera velas para ela, mandara um carro para pegá-la e levá-la de volta ao campus, convidara-a para passar a noite com ele, tirara as roupas dela... Esta não era uma atitude de um homem que tinha medo de ser inadequado.

Ela subiu os três lances da escada de mármore até a sala dele, os saltos ecoando alto, e parou quando ouviu lá dentro um arrastar e uma música suave. Em silêncio, colocou o bilhete na frente da porta e voltou na ponta dos pés pelo longo corredor.

Uma hora depois o sol estava caindo no céu da tarde e Brett ainda vagava a esmo pelo campus. Era uma linda tarde quente de outono e ela estava deprimida demais para ficar entre quatro paredes e passar seu sábado na biblioteca sozinha, sem nem um cara bonitinho para trocar mensagens.

Brett enxugou o nariz pateticamente nas costas da mão. Não falava com Jeremiah havia uma semana, desde o Sábado Negro, quando ele a pegou saindo do veleiro de Dalton nas docas. De repente ela sentiu uma pontada de anseio no estômago, lembrando-se como era bom só sair com Jeremiah, fumar Parliaments e zombar, juntos, das famílias dos dois. Brett se viu com saudade de seu sotaque de Boston que somente na última semana ela achara tão irritante.

Sem pensar no que estava fazendo, os Jimmy Choos de Brett a levaram pelo caminho que passava na extremidade norte do campus da Waverly, na direção do antigo cemitério. Callie pensava que ela era mórbida por gostar de andar por ali, mas era um lugar retirado, a lápide mais moderna datava do final dos anos 1800 e ela e Jeremiah sempre o acharam tranquilo e romântico por baixo do dossel do bosque, atrás da estrada

principal. Era uma boa caminhada, passando dos portões da Waverly. Ela se lembrava de como ficou empolgada na noite em que o carro de Dalton veio buscá-la. Brett sacudiu a cabeça, tentando se esquecer de como foi idiota e infantil, e se concentrou na linda tarde quente.

Mas quando passou pelo enorme portão enferrujado, percebeu um conhecido corpo atlético encostado no muro de pedra musgosa. Sua respiração ficou presa na garganta.

Jeremiah. Caramba. Será que ela o conjurou de algum jeito?

Jeremiah olhou ao ouvir alguém se aproximando e se surpreendeu ao ver Brett. Ela ficou paralisada por um segundo, sem ter certeza se devia se aproximar dele, mas depois um sorriso de boas-vindas se abriu nos lábios de Jeremiah.

— *Ei* — disse ele, olhando-a de cima a baixo, feliz.

Brett colocou no alto da cabeça os óculos de sol espelhados em dourado Oliver Peoples e tentou não corar. Parou sem jeito a alguma distância de Jeremiah, sem saber se devia lhe dar um abraço ou sei lá o quê.

— *Ei* — respondeu ela. — Achei que tinha jogo hoje.

— Não, foi ontem à noite. A gente arrasou. O treinador me colocou de *quarterback*. — Jeremiah corou de modéstia e se içou no muro a suas costas. — É bom ver você de novo.

— Você também — admitiu ela timidamente.

— Como é que está? — Seus grandes olhos azuis brilhavam e pareciam felizes.

Brett se viu meio distraída pelo familiar cheiro de recém-saído-do-banho de Jeremiah.

Chutou um montinho de grama e depois subiu no muro de pedra ao lado dele, os sapatos pendurados a vários centímetros do chão.

— Já estive melhor. — Ela deu de ombros e o olhou através de uma cortina de cabelos vermelhos, percebendo a testa franzida de preocupação dele. — Não vai querer saber.

— Como sabe, se não me dá a oportunidade? — Ele se apoiou nos cotovelos, o cabelo castanho e solto caindo do rosto. — Sou um bom ouvinte. — Jeremiah *era mesmo* um ouvinte incrível, paciente e sempre interessado no que quer que ela dissesse. Seria totalmente estranho e egoísta falar com ele sobre todo o problema com Eric Dalton. Mas Jeremiah era a pessoa mais gentil e mais franca que ela conhecia. Se ele não quisesse saber, não teria perguntado.

Brett respirou fundo e olhou uma das lápides esfarelentas diante deles.

— Eu só... Bom, não ando no meu juízo perfeito ultimamente, sabia? — Ela o olhou através dos cílios. — Eu meio que me envolvi numa coisa. Eu, er, não sei o quanto você sabe... — Brett parou, sentindo-se culpada e com nojo de si mesma.

— Bom, acho que sei o básico. — Ele lhe abriu um sorriso de estímulo. — As novidades viajam rápido. Dizem que você está caidinha pelo famoso e encantador Sr. Dalton. — Jeremiah pigarreou. — Mais do que isso... você vai ter que me dizer.

— Bom, acho que é um resumo adequado. — Brett deu uma risadinha seca. — É meio idiota... Nós só, bem, passamos algum tempo juntos, e acho que eu fiquei meio convencida de que de *gostava* de mim. — Brett suspirou e puxou os pés para cima do muro. — Até que recebi uma mensagem dele outro dia que meio que dizia: "Foi bom, mas acabou." — Ela deu de ombros de novo. — E foi isso.

Jeremiah soltou o ar lentamente, como se estivesse prendendo a respiração durante todo o tempo em que Brett falava.

— Bom, quer ouvir minha opinião profissional?

Brett riu. Estava surpresa de como se sentia bem em compartilhar o que aconteceu com alguém. Ou talvez fosse só Jeremiah?

— Sim, por favor.

— Pelo que entendo, você não imaginou *nada*. É óbvio que Dalton gostou de você... Por que não gostaria? Você é a Srta. Brett Lenore Messerschmidt... A ruiva mais inteligente, mais gpiosa e mais talentosa a vir para a Waverly desde Rita Hayworth. É claro que ele não resistiu. — Jeremiah sorriu e, embora seu tom fosse simpático, Brett pensou ter detectado alguma amargura em sua voz. — Até que de repente... Talvez ele tenha percebido que estava infringindo a lei e violando cada ética de professor imaginável... Ele se lembrou, peraí um minutinho, você tem 16 anos. Ele é um *adulto*. Devia saber muito bem que não dá.

De repente Brett se lembrou da época em que Jeremiah a levava ao Fenway Park para ver um jogo dos Red Sox. Os pais dele tinham ingressos para lugares que ficavam praticamente em cima do campo. Eles ficaram tão perto que Brett achou que podia sentir o cheiro do suor dos jogadores — um nojo, mas também meio sexy. Ela estava distraída olhando o *center filder* gato quando uma bola foi mandada voando para a cabeça dela — ela nem percebeu, até que Jeremiah estendeu o braço e pegou a bola com a mão nua um segundo antes que a atingisse no rosto. Todos em volta começaram a dar os parabéns a Jeremiah pela bela pegada, mas ele os ignorou—só queria ter certeza de que Brett estava bem.

E agora, depois de tudo, ele ainda era igualmente meigo.

— A Rita Hayworth veio para a Waverly?

— Não—disse Jeremiah. — Mas essa é a única parte que não é verdade.

Brett sentiu um sorriso bobo cruzar seu rosto e fingiu tirar uma pedrinha do sapato. Não conseguia acreditar no quanto se sentia melhor depois de falar com Jeremiah só por dez minutos.

— E aí, você, er, sabe como é... — começou Jeremiah numa voz baixa, parando no final.

— Se transei com ele? Não! — Brett definitivamente detectou alívio na cara dele quando disse isso. Meu Deus, e se tivesse transado? Em vez de se arrepender de *não* ter dormido com Eric, Brett de repente sentiu um surto de alívio por todo o corpo. Que erro horrível teria sido. Mesmo na tarde quente, ela tremia.

Uma hora depois, eles estavam deitados de costas no alto do muro, olhando os trechos de céu azul entre as folhas amareladas, e ainda conversavam. Brett de repente se sentou para olhar o relógio.

— Tenho que voltar para a reunião boboca da Café Society — disse ela pensativamente.

— Mas obrigada por me ouvir tagarelar, sabe como é, sobre tudo isso. Foi... legal.

Conversar com você de novo. Mesmo sobre isso.—Brett piscou os olhos de gata para Jeremiah. Esperava que ele entendesse o quanto ela lamentava por magoá-lo, mas ela não ia levantar esse assunto depois de passarem uma tarde tão boa.

— Ah, sobre a sociedade... andei conversando com o Teague Williams numa jogada na semana anterior e ele falou de uma viagem a Boston... — Jeremiah bateu os calcanhares no muro de pedra. — Estava pensando em ir, se não tiver problema para você.

Ela sorriu.

— Gostaria muito.

— Tá legal, ótimo. Agora... Tem certeza de que não quer que eu dê um bom soco nele?

— Jeremiah pulou do muro e deu um gancho de direita no ar. — Quer que eu leve uns atacantes fortões até a casa do cara para dar um susto nele? — brincou.

— Obrigada. — Brett riu. — Mas está tudo bem. — Ela desceu do muro, pousando diante de Jeremiah e cambaleando um pouco antes de ele estender a mão para equilibrá-la. — Obrigada — sussurrou ela de novo e, antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, ela passou os braços em volta dele e enterrou a cabeça em seu peito, dando-lhe

um abraço rápido. O corpo de Jeremiah se enrijeceu de surpresa e ele afagou as costas de Brett delicadamente antes de se afastar.

— Não se sinta mal porque as coisas não dão certo entre você e um babaca desses — disse ele suavemente. — Isso só significa que você é boa demais para ele.

— Acho que você pode estar desperdiçando seu talento de líder de torcida — disse Brett, percebendo que o tempo todo em que eles se abraçaram, ela prendera a respiração. — A gente se vê logo, tá legal?

Jeremiah sorriu, mas ela não conseguiu captar o que ele estava pensando.

— Tudo bem. Divirta-se hoje à noite. — Ele se virou rapidamente e se afastou.

Enquanto voltava para o Dumbarton para se arrumar para a primeira reunião da sociedade secreta, Brett esfregou os braços. Estava com arrepios e mais confusa agora do que quando saiu nesta tarde. Mas de certo modo era uma confusão muito, mas muito mais agradável.

OwlNet----- Caixa de Mensagem Instantânea

AlanStGirard: Quer uma cerveja antes do jantar? Na cratera?

HeathFerro: Valeu.

AlanStGirard: O Buchanan vai?

HeathFerro: Não, está naqueles dias. Sabe como é, ouvindo Natalie Merchant o dia todo, fazendo beicinho.

AlanStGirard: É melhor ele superar isso na viagem para Boston. Ele não vai perder, vai?

HeathFerro: Tá brincando? E deixar Calie sozinha nas garras de animais como nós? Mas nem pensar!

UMA WAVERLY OWL CORRETA NÃO TENTA PEGAR O CARA DA PIZZARIA.

Jenny subiu a escada do Dumbarton, esperando pegar as colegas de quarto se arrumando para a reunião da Café Society. Ela adorava a idéia das quatro se vestindo juntas. Talvez Tinsley emprestasse um top a Jenny—bom, talvez não um top, por causa da discrepância no tamanho dos seios — ou um cinto ou coisa assim, dizendo, "isso ficaria ótimo em você". Jenny sempre quis ter uma irmã. Mas quando abriu, cheia de expectativa, a porta do quarto 303 do Dumbarton, encontrou-o vazio, com apenas um vestígio de J'adore de Dior de Tinsley ainda pairando no ar.

Jenny suspirou e começou a vasculhar o armário, hesitante, sem querer se produzir demais ou de menos, uma vez que Tinsley deixou claro no e-mail, "exigem-se trajes adequados". Ela pegou a calça mais elegante do cabide, a de algodão de seda azul-real Philosophy di Alberta Ferretti que lhe custara cinco meses de mesada na Barneys Warehouse Sale. Era o tipo decalça que conseguia parecer sexy e sofisticada, e esconder todas as falhas de quem a vestia. Não admira que as pessoas ricas sempre fiquem tão bonitas. Elas podem pagar por roupas bem-feitas assim. Jenny tentou vestir uma bata *baby doll* Calvin Klein que comprara sem experimentar em uma liquidação na Saks, mas de algum modo a fazia parecer grávida e piranhuda ao mesmo tempo. Ela a amarfanhou e largou no canto. Alguns outros tops foram empilhados antes de ela decidir por um de lantejoulas prateadas com arremates de renda e seu blazer azul-marinho macio e ajustado Ben Sherman.

— Alguém aí está incrível! — gritou Brett ao irromper pela porta sem fôlego e se despir de imediato. Brett olhou o armário por meio segundo antes de pegar um par de botas Stuart Weitzman de cetim prata-escuro com um broche em cima. Jenny as tinha visto na *InStyle* e ficou chocada quando Brett as estendeu para ela, dizendo: — Você calça 37, não é? Estas devem ficar ótimas em você.

— Como sabe que eu calço 37?

Brett olhou timidamente.

— Bom, outro dia eu experimentei aquelas botas de camurça vinho que ficam debaixo da sua cama. Eu calço 37,5 e *precisava* ver se cabiam.

Jenny riu, colocando os sapatos de Brett nos pés delicados.

— Pode pegar emprestado quando quiser. Se não for desconfortável demais para você.—Ela se virou e viu Brett totalmente vestida, arrumada, o cabelo recém-escovado, as botas nos pés, colocando um de seus minifrascos de Chanel nos pulsos.

— Nossa, como você é rápida — observou Jenny, totalmente pasma.

Quando elas entraram no Ritoli's, as outras meninas já estavam lá, sentadas em torno de uma das grandes mesas redondas no canto. A julgar pelas roupas, Callie, Benny, Verena e Tinsley dava a impressão de terem saído diretamente da passarela.

— Tomem seus lugares, senhoras — Tinsley as recebeu grandiosamente, bebendo um golinho de uma coisa rosa, gelada e inidentificável em uma garrafa de Nalgene na mesa

— Ainda estamos esperando por Sage e... quem mais?

— Celine — respondeu Callie de pronto, claramente a segunda em comando.

— Aí estão elas.—Verena acenou os dedos cheios de anéis para Sage e Celine, que tinham acabado de entrar. Brett se sentou ao lado dela e Jenny sentou-se na cadeira vazia ao lado de Alison Quentin, a linda coreana de sua turma de artes.

— Oi, gente. —Jenny se sentia a garota nova outra vez, mas estava grata por ser

incluída numa reunião de meninas bonitas e populares. Ela pegou uma das garrafas de plástico que ela e Brett tinham enchido de merlot barato e a colocou na mesa.

— O que você tem aí? — Alison arrotou. — Benny e eu estamos tomando vodca com limão desde as três horas. — Ela assentiu tristonha para a garrafa de Gatorade quase vazia.

— É um vinho bem ruim. Fique à vontade, se quiser matar — ofereceu Jenny enquanto Celine Colista se aprumava em seu vestido de jérsei de seda vinho Vera Wang sem alça e *stilletos* prata Manolo. O cabelo preto recebera uma escova há pouco tempo.

— Bem ruim — confirmou Benny. — Papai comprou um vestido novo para alguém. — O pai de Celine era um grande diretor de cinema e tinha acabado de fazer um filme estrelado por Kate Hudson e Mark Ruffalo, como Celine lembrava a todos com frequência.

— Não — disse Celine, girando um pouco para mostrar como a cor complementava com perfeição sua pele morena. — Ele pegou do figurino. Kate usa no filme. — Ela pousou as mãos na cintura fina. — E claro que tive que ajustar. — Jenny encontrou os olhos de Brett e as duas sufocaram uma risadinha.

— Vocês todas vão a uma festa ou coisa assim? — Um cara muito lindo tinha aparecido em sua mesa sem que ninguém percebesse, mas agora que ele estava ali a meio metro delas, todas as meninas ficaram muito conscientes de sua presença. Jenny o vira antes, quando parou para comer uma fatia de pizza depois de matar o almoço, mas ele estava mais lindo do que naquele dia, usando camiseta preta básica e calça cáqui meio larga Abercrombie & Fitch.

— Esta aqui é a festa, Angelo — disse Callie de um jeito recatado, os dedos acompanhando a borda do cardápio de couro. Jenny ficou um tanto surpresa ao ouvir como o tom de Callie era familiar. Ela o conhecia?

— Bom, então fico feliz por estar trabalhando hoje. — Angelo pegou um bloquinho de papel do cós da calça.

— Nós também — disse Tinsley, piscando. Claramente Angelo ficou vidrado. Não devia ser toda noite que aparecia um grupo de meninas meio bêbadas e muito produzidas, ansiosas para paquerá-lo. Jenny tomou um gole de sua garrafa esportiva, na esperança de que isso a ajudasse a se sentir um pouco menos deslocada,

— Sabem o que vão querer?

— Hummm — disse Sage Francis, atirando o cabelo platinado por sobre o ombro e inclinando-se para Angelo.

— Quanta pizza acha que devemos comer? — perguntou Benny, definitivamente nada disposta a ficar de fora. Ela bateu os cílios dos olhos enormes e castanho-escuros para Angelo.

Angelo as fitou, fingindo avaliar a situação com o olho de um especialista em pizza. Até Jenny se remexeu nervosa, esperando que ele a achasse bonita.

— Bom, meninas, vocês nunca comem o que devem. São todas magras demais. Eu diria que podem pedir três grandes. — Todas elas sorriram. Quem não gosta de ser chamada de magra? Elas debateram por um minuto, depois decidiram por uma de queijo e *funghi*, uma de pesto e a terceira com pepperoni e azeitona.

— Ele é uma coisa — exclamou Sage assim que Angelo se afastou.

— Talvez eu diga alguma coisa em italiano a ele... — Benny mordeu os lábios, pintados de rosa-claro com batom Foolish Virgin de Vincent Longo. A cor era meio fraca, mas Trinsley sabia que era o preferido dela por causa do nome. Tinsley e Benny uma vez tomaram um porre enquanto estudavam para a prova final de história européia e Benny dissera a ela que se considerava uma virgem convertida, sem qualquer implicação religiosa, porque tinha perdido a virgindade por acidente nas férias de Natal com um

veterano da Universidade da Pensilvânia que os pais aproximaram dela. Ela preferia não contar essa, uma coisa que Tinsley achava totalmente engraçada.

Celine franziu o nariz.

— Isso não é meio racista? Só porque ele é italiano, não quer dizer que fale italiano. Ou seja, só porque Alison é coreana, não significa que fale coreano, né?

— Eu falo coreano — admitiu Alison como quem se desculpa.

— Aposto que posso ficar com ele antes de qualquer uma de vocês — anunciou Callie abruptamente. Jenny a encarou, perguntando-se de onde vinha essa súbita explosão de imprudência. Hoje Callie parecia mais louca do que o normal, trocando o visual de patricinha clássica por uma roupa que ela podia ter usado numa noite com Lindsay Lohan: um provocante minivestido roxo BCBG Max Azria com saia pregueada. O vestido tinha uma gola baixa que deixaria imoral qualquer uma com os peitos de Jenny, mas em vez disso só revelava a tábua ossuda de Callie. Meu Deus, ela precisava comer alguma coisa, pensou Jenny, querendo ela mesma poder passar algum peso extra, isto é, de seus peitos GG, para Callie.

— Cinquenta pratos como posso te derrotar nessa—contra-atacou Benny alegremente. Sage e Celine rapidamente quicaram.

— Angelo é um gato. — Tinsley se recostou na cadeira, sabendo que ficava linda com a blusa de chiffon cru Elie Tahari inspirada num espartilho. Combinava com sua pele bronzeada e o cabelo preto, que emoldurava o rosto em ondas longas e cheias. — Mas prefiro um cara mais maduro.

— Talvez queira ficar com o pai dele — sugeriu Brett, tomando um longo gole da garrafa de plástico. Elas trocaram um olhar carregado e Jenny se perguntou o que estava rolando. Ela estremeceu um pouco, pensando em todas as coisas subentendidas que devia estar perdendo, essas meninas se conheciam havia anos e ela acabara de chegar.

— Aí, já é meio velho *demais*—Tinsley sorriu com malícia. —Não poderia namorar alguém com mais de uns 25 anos, mesmo que fosse muito bem-dotado.

— Toda a família tem fama de ser enorme feito cavalo — cochichou Alison a Jenny, que quase cuspiu o vinho morno.

— Tenho certeza de que alguém pode descobrir, né? — Jenny riu ousadamente. Ela precisava comer algo rápido, ou ia ter problemas. Sua cabeça já começava a girar.

— Tenho que fazer xixi — disse Callie sem eloquência alguma. Ela se levantou e foi ao banheiro no fundo do restaurante, cambaleando um pouco nos saltos.

Tinsley virou os olhos violeta para Jenny pela primeira vez naquela noite.

— Pode descobrir por si mesma. Ou está de olho em outro? — O tom de voz era simpático e leve, e se fosse outra pessoa perguntando, e não Tinsley, Jenny imaginaria que só estava sendo curiosa. Mas Tinsley tinha visto Jenny e Easy saindo do bosque, agora Jenny tinha certeza disso, e parecia meio conveniente demais que ela esperasse que Callie sáísse para dar início ao assunto, como se esperasse investigar Jenny e revelar alguma coisa.

— Isso não seria permitido, não é?—perguntou Jenny com inocência. — Pensei que os namorados estivessem proibidos.

— Excelente—Tinsley a elogiou com um sorriso diabólico. —Você estava prestando atenção. — Seu olhar atravessou a mesa antes de Jenny desviar o dela e tomar outro gole do vinho.

— Só os namorados estão proibidos, né? — disse Celinc, nervosa. — Não, nada do tipo, uma ficada com caras?

— Isso, minha querida, é estimulado—anunciou Tinsley suntuosamente, recostando-se na cadeira de novo. Ela parecia uma pantera, magra, forte e meio entediada, como se esperasse pelo momento perfeito para dar o bote.

Angelo apareceu com uma bandeja enorme com três pizzas fumegantes. Ele as serviu habilidosamente nos pratos das meninas enquanto elas sorriam para ele, paquerando-o. Enquanto segurava o prato para Angelo, Jenny o viu olhando seu colo. Quando ela olhou para ver se mais alguém tinha percebido, encontrou o olhar malicioso de Tinsley. De repente, toda sua fome desapareceu. Por algum motivo, Tinsley estava de olho nela. E essa não era uma sensação agradável.

OwlNet----- Caixa de Mensagem Instantânea

RyanReynolds: Como foi a primeira reunião? Alguém dançou pelada na mesa?

BennyCunningham: A noite é uma criança... Acabamos de sair do Ritoli's.

RyanReynolds: Vc está de porre?

BennyCunningham: Digamos que o mundo todo está girando agora mesmo e estou com vontade de nadar nua.

RyanReynolds: Poupe isso para Boston. Soube que o Ritz tem Jacuzzis em todos os quartos.

OwlNet ----- Caixa de Mensagem Instantânea

TinsleyCarmichael: Andei bebendo vinho e pensando em você...

EricDalton: Onde você está?

TinsleyCarmichael: Não é da sua conta.

EricDalton: Então quando posso ver você de novo?

TinsleyCarmichael: Em breve. Soube que essa ausência torna o coração mais terno.

EricDalton: Ou a ausência toma o coração mais torturado... Vamos a Nova York.

TinsleyCarmichael: Achei que você nunca me convidaria. Sempre quis ficar no 40 Banfield do Soho.

EricDalton: Isso pode ser arranjado. Na terça? Nós dois podemos alegar doença.

TinsleyCarmichael: Uma Waverly Owl não mata aula! Brincadeirinha. Gostei da idéia.

EricDalton: Ótimo.

TinsleyCarmichael: E por falar em matar... Vi Easy Walsh matando aula... Sei que ele está sob condicional.

EricDalton: Parece que vou ter que dar uma palavrinha com ele. Esse garoto é fogo.

TinsleyCarmichael: Nem me diga.

EricDalton: Então, na terça? Estou ansioso por isso.

TinsleyCarmichael: É claro que está.

UMA WAVERLY OWL NUNCA USA O EX-NAMORADO COMO ARMA.

As meninas andavam num grupo compacto pela noite fria, esbarrando umas nas outras enquanto seus saltos delicados desciam pela calçada de pedra de Rhinecliff. Callie estava prestes a reduzir um pouco o passo e esperar que Tinsley aparecesse por trás e passasse o braço no dela, mas justamente neste momento sua minúscula bolsa de cetim Jimmy Choo começou a vibrar. Por um segundo breve e maravilhoso ela pensou que talvez fosse uma ligação de Easy, mas depois reconheceu o número de Brandon. Ele devia estar ligando para saber como ela estava, se não estava bêbada demais e ela, embora não quisesse exatamente ouvir isso, *estava mesmo* bêbada o bastante para ansiar por uma voz masculina.

— O que é que tá pegando, Brandon? — Sua língua parecia meio pesada na boca.

— Nada.—Brandon tinha uma voz surpreendentemente grave ao telefone, o que o fazia parecer mais velho e mais misterioso do que realmente era. — Só pensei que você podia querer tomar um café ou coisa assim.

— Estamos voltando do jantar. Não sei se estou com humor para café.—Callie olhou para Tinsley e percebeu que ela trocava mensagens instantâneas com alguém. Virando a cabeça um pouco, Callie viu que Benny e Alison faziam o mesmo. Que porra é essa? De repente a vida de todo mundo parecia muito mais interessante e cheia de amor do que a dela. Numa onda de autopiedade, ela se perguntou se sair com Brandon podia dar uma levantada em seu ego completamente arrasado. — Bom, talvez sim.

— Estou saindo do Berk — O Berkman-Meier era o centro de música, um complexo enorme de prédios de laje de concreto no estilo anos 1970, que abrigava um grande auditório em que se apresentavam vários grupos de música da Waverly, possuía salas de aula de música e dezenas de pequenas salas à prova de som para a prática individual. A mãe de Brandon fora primeiro violino da Filarmônica de Nova York e ele tocava para se sentir próximo dela. Ela morrera quando Brandon tinha apenas quatro anos e esta foi a primeira coisa que ela lhe ensinou a fazer, mesmo antes de ler. Era sexy que Brandon fosse tão bom em alguma coisa sem esforço algum—mas Callie queria que ele fosse um prodígio no baixo ou num instrumento um pouco mais de roqueiro. — Quer me encontrar no portão da frente?

Brandon estava esperando por ela no portão quando o grupo de meninas se aproximou. Tinsley o viu primeiro e lançou um olhar mordaz para Callie.

— Olha lá seu *namorado* esperando por você.

— Não posso evitar os admiradores que tenho. — Callie observou Jenny desviando os olhos, pouco à vontade. Era irritante ter uma menina mais nova com pena dela, em especial uma menina que tinha ficado tão amiga de Easy. Pelo menos Jenny garantiu a elas que não estava acontecendo nada. Callie já se sentia bem humilhada por ter sido largada, mas ser largada por causa de *outra* era dez vezes pior.

Brett piscou para Callie por sobre o ombro enquanto o resto das meninas continuava na direção do campus, lançando olhares maliciosos a Brandon e rindo ao passarem.

— O que foi tudo isso? — perguntou Brandon. Ele vestia jeans bem passados da Paper Denim & Cloth e um moletom do Brooklyn, embora ele fosse de Greenwich. Callie ficou grata por ele não estar com o violino.

— Só estão sendo idiotas —respondeu Callie meio de mau humor, sentindo seu alvoroço desaparecer. Depois ela percebeu que Brandon a fitava. Mesmo que se irritasse com Brandon, Callie tinha que admitir que era bom ter alguém olhando para ela desse jeito, como se não pudesse tirar os olhos dela.

— Eu só queria ver como você estava—disse ele inseguro, com um sorriso terno.

— Não me venha com essa solidariedade falsa. Sei que está adorando que Easy tenha terminado comigo. — Callie, que ultimamente fumava feito uma chaminé, pegou o maço quase vazio de Parliaments do bolso do casaco de jeans True Religion que antigamente se ajustava perfeitamente, mas agora estava largo e irritante.

Brandon pareceu magoado.

— Não lamento que não esteja mais com ele... Ele não merece ficar com você. Mas lamento que você esteja mal.

Callie suspirou e acendeu o cigarro. Brandon era tão *legal*. Talvez o problema fosse este. Mesmo depois que ela terminou, ele era um doce com ela, deixando claro que sempre estaria presente e que sempre a amaria. Mas embora isso parecesse muito nobre da parte dele, não o tornava nem um pouco mais atraente. Ele só tornava tudo *fácil* demais.

— Não sei. Eu devo estar recebendo o que mereço, né?

— Callie, o que você merece é ser tratada como a deusa que você é. — Brandon sacudiu a cabeça. — Não fique tão melindrada porque Easy deixou você. — Ele segurou o rosto fino e contraído de Callie e pareceu assustado por um momento, percebendo como ela estava magra e triste. — Você é muito superior a ele, é loucura.

Callie suspirou de novo. Era fácil falar isso com alguém que tinha acabado de ter o coração arrancado do peito e atirado no chão frio — ele não a merece, é boa demais para ele, você pode fazer muito melhor. Bom, e daí que Easy não a merecesse? Isso não a impedia de *querê-lo*.

Mas lá estava Brandon com sua camisa pólo com o emblema do cavalo de Ralph Lauren no peito, as pontas dos sapatos Calvin Klein marrons remexendo nervosamente a grama. Pelo menos Callie tinha o poder de deixar um cara nervoso em sua presença.

— Easy mal conseguiu olhar para mim quando terminou comigo... Era como se eu fosse tão repulsiva que ele quisesse apagar cada centímetro de mim de sua memória. — Callie olhou o chão e passou as mãos pelos braços pouco vestidos.

— Que coisa ridícula! Você é tão linda! — Brandon protestou imediatamente, como Callie sabia que faria. Mesmo que toda a interação deles fosse inteiramente previsível, Callie já se sentia melhor. Afinal, não era Tinsley nem Brett tentando animá-la. Brandon era homem. O fato de ele a achar linda tinha um significado muito maior. — Quer dizer, meu Deus. Às vezes me dói só *olhar* para você.

— Por quê?

Brandon suspirou.

— Porque eu não tenho você. — Ele a fitou, querendo que ela o contradissesse, mas Callie ficou em silêncio por um momento, pensando no quanto queria que fosse Easy parado ali no escuro, na noite fria, dizendo-lhe essas coisas.

Mas não era Easy. Era Brandon, um cara que Easy detestava, achando-o por demais sentimental, conservador e claramente reprimido. Um cara que deixaria Easy irritado ao saber que ela havia voltado para ele — e, na Waverly, as novidades viajam rápido.

Por impulso, Callie se aproximou de Brandon e pousou a mão magra em seu braço nu. O braço tremeu um pouco quando ela o tocou.

— Está dizendo isso só para que eu me sinta melhor? — perguntou ela timidamente.

— Você sabe que eu falo sério — disse com delicadeza.

E assim ela se inclinou e colocou os lábios nos dele antes que ele pudesse dizer alguma coisa que a fizesse mudar de idéia. A boca de Brandon era macia e familiar, e tinha gosto de chiclete de canela, uma novidade. Quando Callie sentiu que ele começava a se afastar, apertou seu corpo contra o dele, esperando que alguém passasse por ali.

— Obrigada—ela tentou murmurar sensualmente ao se afastar dele. — Por ser tão meigo. Você salvou a minha noite. — Era uma coisa que uma personagem de cinema teria dito.

Brandon tocou o cabelo dela, afagando-o gentilmente, como costumava fazer.

—Você salvou o meu ano.—Isso deixou Callie triste de repente, porque ela havia dito a frase sem a sinceridade com que Brandon falara.

— Me leva de volta? — perguntou ela, querendo sair dali, querendo ver seu e-mail para o caso de Easy ter escrito, e querendo se enroscar no pijama de seda Natori preferido quando descobrisse que ele não escrevera, e chorar sozinha até dormir.

OwlNet -----Caixa de Mensagem Instantânea

EmilyJenkins: Aquelas piranhas não me convidaram para o clube delas, mas eu vi Callie juntinha do seu colega de quarto.

HeathFerro: BRANDON??

EmilyJenkins: Em carne e osso.

HeathFerro: Vc acha que é para provocar ciúme em EZ?

EmilyJenkins: Dããã.

OwlNet----- Caixa de Mensagem Instantânea

HeathFerro: Aí, Callie tá beijando Brandon lá fora.

EasyWalsh: OK.

HeathFerro: Vc não liga? EJ acha que é para deixar vc com ciúme. Vc está?

EasyWalsh: Não.

HeathFerro: Cara, diz alguma coisa!

EasyWalsh: Vai se foder, Ferro.

OwlNet----- Caixa de Entrada de E-mail

Para: Sociedade Secreta - Undisclosed Recipients

De: HeathFerro@waverly.edu

Data: Domingo, 15 de setembro, 11:43h

Assunto: Boston

Caros Superamigos,

É isso mesmo, vocês entenderam. Hora de olhar em seu intimo e encontrar seu próprio super-herói: talvez seja a Mulher Maravilha, ou quem sabe, se você é como eu, seja o Hugh Hefner.

Vocês têm menos de uma semana para se preparar. Detalhes a seguir.

Afetuosamente,
HF

UMA WAVERLY OWL USA PROTEÇÃO ADEQUADA NA CABEÇA QUANDO SE ENVOLVE EM ATIVIDADES FÍSICAS PERIGOSAS.

Jenny tinha procurado *roupas de hipismo* no Google, então sentia-se relativamente preparada para aparecer nos estábulos na tarde de domingo para seu encontro de cavalgada com Easy. Os sites diziam que era melhor usar jeans apertados nas pernas, se você não tivesse calças de montaria, o que Jenny sem dúvida não tinha. Então ela vestiu uma calça jeans Diesel apertada nas pernas que tinha desde a quinta série, quando ela parou de crescer. Bom, de crescer para cima — seu peito obviamente continuou aumentando. Seu cabelo comprido caía em duas tranças nas costas, o que ela esperava lhe dar um ar de chique boêmia e não um ar de Heidi pirada.

Embora estivesse claro que Callie ainda estava abalada pelo rompimento com Easy, Jenny não conseguia parar de pensar nele. Quando Emma Bovary se apaixonou por Rodolphe, Jenny deu a ele a cara de Easy, e quando, no final, se apaixonou incontrolavelmente por Leon, Jenny imaginou que ele era irresistível como Easy. Ela só esperava não viver desastre algum como a coitada e boba da Emma.

Quando chegou aos estábulos, viu Easy levando dois cavalos para a pastagem, um preto, outro castanho-escuro. Ela o observou por um minuto, percebendo que inclinava a cabeça para os cavalos enquanto afagava os dois no pescoço, falando com eles. Suas mãos passaram pelas selas e pelos estribos.

— Qual deles é Credo? — perguntou Jenny quando Easy finalmente percebeu que ela se aproximava.

Ele afagou a crina lisa do preto.

— Esta é a minha paixão. Não é linda?

Jenny andou devagar até Easy e a égua, sem querer assustá-la. Credo era enorme.

— Credo é fêmea? Ela é tão grande.

Easy riu.

— Nem tanto. Vou montar na égua do reitor Marymount, Diana, porque é muito maior do que Credo. E eu disse a Credo para ser gentil com você.

— Que bom — disse Jenny, tocando hesitante o pescoço da égua, onde Easy a estivera afagando. Seu pêlo era surpreendentemente macio e brilhante. Credo se mexeu um pouco ao toque de Jenny e virou a cabeça para olhá-la. O movimento rápido assustou Jenny, mas ela não vacilou e continuou acariciando o animal gigantesco enquanto admirava seus enormes olhos castanhos e fluidos.

— Deixe que ela cheire sua mão — disse Easy por sobre os ombro. — Vai ajudá-la a conhecer você mais rápido.

— Assim? — Jenny estendeu desajeitada a palma da mão diante do focinho de Credo. Como qualquer outra pessoa, teria ficado apavorada de que a égua arrancasse sua mão numa dentada, mas ela confiava em Easy. Credo bufou pelas narinas e passou o focinho macio e molhado na mão de Jenny. Jenny riu. — Ela parece muito mais feliz do que os coitados dos cavalos de Nova York que têm de passar o dia todo puxando carruagens pelo Central Park para os turistas.

— Meu Deus, você é mesmo uma garota da cidade — disse Easy com afeto. Ele estendeu o capacete de hipismo de veludo preto. — Toma — disse ele. — Veja se cabe.

— Vou ter que usar capacete? Isso quer dizer que há uma possibilidade de ela me derrubar ou coisa assim? — Ela o segurou sem jeito, de repente assustada de novo, imaginando seu corpo voando e caindo com um esmagar de ossos na terra dura e

compactada.

— Não, Credo gosta de você.

— Como sabe disso?

Easy coçou a cabeça.

— Bom, não tenho certeza.—Ele deu de ombros. —Mas Credo gosta das garotas que são legais comigo. — Ele ergueu a sobrancelha para ela, levando-a a esquecer todo o medo de Credo. — Então, é melhor você ser legal comigo.

Ah, tá, pensou ela. Como se houvesse algum risco de eu não ser legal.

Easy tirou o capacete das mãos de Jenny e o colocou delicadamente em sua cabeça, depois pressionou a mão em cima dele e o girou de um lado para o outro, e de cima para baixo, Jenny podia sentir o couro cabeludo se mexendo junto com o capacete.

— O que está fazendo?

— Estou vendo se cabe. — Ele tirou a mão da cabeça de Jenny e se ajoelhou para que seus olhos ficassem no mesmo nível dos dela. Examinou como o capacete ficava nela, o rosto a centímetros de distância, de modo que ela praticamente podia contar os cílios dele se quisesse. Os olhos de Easy por fim encontraram os dela. —Você está linda — disse ele suavemente.

— E por que *você* não está de capacete?

— Porque não estou preocupado comigo—disse ele com doçura, embora Jenny ainda não achasse justo. Ela imaginara o próprio cabelo voando ao vento, mas quem sabe da próxima vez? — Está pronta para montar?

— Já? — gritou ela, apavorada.

— Quer ficar parada aqui conversando o dia todo?

Jenny olhou para ele.

— Mais ou menos.

— Vamos. É divertido e você vai ficar bem. Credo sabe o que está fazendo, e ela não vai arrancar num galope nem nada disso. —Easy lhe deu mais algumas instruções básicas e estímulos, mas ela sabia que ele era um professor do tipo aprender-fazendo, então Jenny se obrigou a respirar fundo algumas vezes e montar. Ele juntou as mãos para lhe dar impulso e ela girou a perna por cima do dorso de Credo, desajeitada, quase chutando Easy na cabeça com a bota. Ela balançou na sela de couro lisa, colocando-se em posição. — Está confortável?—perguntou Easy, ajeitando os estribos e colocando as rédeas nas mãos dela.

— Parece que estou montada num elefante — disse ela com um riso meio tonto. Estar em cima de um cavalo a fazia se sentir tão... *alta!*

Easy subiu no cavalo de Marymount.

— Pronta para começar a andar agora?

Respira fundo, respira fundo.

— Sim — guinchou Jenny.

— Então aperte Credo um pouco com o calcanhar. É só deixar seus quadris seguirem os movimentos dela. Tudo vai se encaixar. — Easy partiu com Diana e Jenny apertou as pernas delicadamente nas laterais de Credo. Ela começou a respirar rapidamente quando Credo começou a se mexer.

— Estou trotando? — perguntou ela ansiosamente.

— Ainda não. — Easy riu. — Tem certeza de que já está pronta para isso?

Seus olhos se encontraram acima da grama e ele espicou a égua que montava a um trote, afastando-se de Jenny rapidamente.

— Vem! — gritou ele, olhando por sobre o ombro, os cachos soprando na brisa leve.

— Vou ser hiperlegal com Easy se você for legal comigo— sussurrou ela para Credo antes de apertar as pernas e sentir a égua se lançar para a frente debaixo dela.—Nossa—

ela arfou.

Uma hora depois eles estavam de volta aos estábulos, as pernas de Jenny doendo do esforço. Ela não acreditava em como foi divertido, cavalgando a enorme e meiga Credo pelos campos, mesmo que Jenny não conseguisse ir mais rápido do que um trote, por mais que Easy a estimulasse. O céu estava nublado quando eles partiram, mas escureceu rapidamente, e começaram a cair grossas gotas de chuva das nuvens cinzentas e ameaçadoras. Eles entraram montados no estábulo, que estava limpo e escuro e tinha o cheiro de Easy, só que muito mais concentrado.

Easy desceu da égua e a levou para uma baia antes de voltar para Jenny.

— Gostou?—perguntou ele, embora soubesse a resposta pelo sorriso arrebatado e sem fôlego no rosto de Jenny.

— Agora sei que é demais. —Ela soltou a bota do estribo e desmontou com um pouco mais de graça do que montara. — Foi tão divertido. — Suas pernas tremiam um pouco da tensão e, ao tirar o capacete, ela percebeu que o cabelo estava suado e devia estar colado na cabeça, mas Jenny não se importou.

— Faz você se dar conta de que está viva, né? — observou Easy enquanto tirava a sela de Credo e a pendurava em um gancho enorme de metal. Ele levou Credo para a baia, um cercado enorme e cheio de feno.

— E me faz me dar conta de outras coisas também— respondeu ela obliquamente, sentindo-se ousada. Ela sentiu o sangue correr pelas veias, a adrenalina em seu pico máximo. Em cima de Credo, Jenny sentia que podia disparar pelo mundo e agora, sobre as próprias pernas de novo, achava que podia fazer o que quisesse. E o que ela queria era beijar Easy.

— Tipo o quê?—Ele arqueou as sobrancelhas, fitando-a. Jenny não respondeu. Estava chegando mais perto, bem devagar. Queria capturar cada momento que levasse a isso. Ela sentiu o cheiro do estábulo. O barulho da respiração de Credo. O começo da chuva batendo no telhado de metal. O esmagar da palha sob as botas. O modo como suas pernas tremiam. A maneira como Easy a tocava no queixo e o erguia. E o jeito de ele levar os lábios aos dela e a beijar, e nesse momento ela parou de pensar em qualquer outra coisa além da sensação de beijar o cara que ela nunca pensou que um dia beijaria.

OwlNet----- Caixa de Entrada de E-mail

Para: RufusHumphrey@poetsonline.com

De: JennyHumphrey@waverly.edu

Data: Domingo, 15 de setembro, 15:58h

Assunto: Vida no campo

Pai,

Não vai acreditar nisso, mas fui cavalgar hoje. É isso mesmo, eu montei num cavalo — uma criatura enorme de dez toneladas com dentes realmente grandes. E não tive nem um pouco de medo! Bom, fiquei com um pouco de medo, mas tinha um especialista me ajudando o tempo todo. Um especialista muito lindo. Mas não vou dizer mais nada sobre isso agora... Não quero que dê azar.

Estou me divertindo aqui — tirei meu primeiro A+, fiz uma assistência no último jogo de hóquei e conheci um monte de gente legal. É meio estranho não ter uniforme para usar na aula todo dia. (Parece um pouco mais difícil me arrumar de manhã!) Ainda me sinto meio como a garota nova, tentando entender todas as regras tácitas. Mas estou

conseguindo pegar o jeito.

Como está o apartamento sem mim e sem Dan? Vanessa fica bastante tempo aí para lhe fazer companhia? Diga a ela que se quiser pintar o quarto de laranja e encher meu armário com toda a Barneys CO-OP, tudo bem.

Estou morrendo de saudade de você. Diga a Dan para mandar um e-mail de vez em quando à irmã mais nova — quem sabe, talvez ela até esteja com saudade dele!

Sua filha preferida,
Jenny

OwlNet----- Caixa de Entrada de E-mail

Para: EasyWalsh@waverly.edu

De: EricDalton@waverly.edu

Data: Segunda-feira, 16 de setembro, 9:45h

Assunto: Reunião

Prezado Sr. Walsh,

Peço desculpas pelo aviso de última hora, mas confio que receberá este e-mail a tempo. Peço-lhe que, por gentileza, passe em minha sala hoje antes do almoço.

Atenciosamente,
EFD

UM WAVERLY OWL SABE QUE O ORIENTADOR TEM SEUS MELHORES INTERESSES EM MENTE. CERTO?

Era de se pensar que Easy estava duas horas atrasado em vez de cinco minutos, a julgar pelo olhar de Dalton quando abriu a porta.

— Desculpe pelo atraso—disse Easy, perguntando-se por que ele sempre parecia estar se desculpando com esse cara.

— Sente-se. — Dalton assentiu para uma poltrona de couro reluzente enquanto se acomodava atrás de sua mesa, parecendo um aluno de curso de teatro que tinha acabado de aprender a fazer cara de durão.

Três horas antes, Easy estava sentado à mesa de reuniões em seu seminário de história européia, bocejando incontrolavelmente e tomando goles enormes do latte triplo, tentando não pensar em Jenny. Ele estava ligado demais para dormir na noite anterior e ficou acordado jogando GameCube até as 3h, então mal conseguiu tirar a bunda da cama quando o despertador tocou às sete. Ficou impressionado com a rapidez com que Jenny se acostumou a montar Credo. Easy teve medo de que ela ficasse apavorada demais para fazer algo além de apenas afagá-la, mas ela subiu direto na égua e, embora parecesse completamente apavorada, conseguiu trotar por quase 45 minutos. Meu Deus, ela era demais.

Por baixo da mesa, Easy verificou seu e-mail no celular, esperando um bilhete de Jenny, dizendo-lhe quando eles iam se encontrar de novo. Mas, em vez disso, só tinha uma mensagem de Eric Dalton convidando-o a ir à sala dele antes do almoço. Do que se tratava?

Ele achava que Dalton só queria verificar, uma vez que ele ainda estava sob condicional por ter sido pego no quarto de Callie depois do toque de recolher. Agora parecia fazer tanto tempo. Nem se lembrava de que ele e Callie quase transaram naquela noite; só se lembrava da primeira vez em que tocou em Jenny, quando ele se sentou meio de porre na cama dela, Jenny tinha um cheiro tão bom — de sono, laranja e pasta de dente — que ele quis dormir ao lado dela.

Easy encarou Dalton. Sempre soube que o cara era evasivo. Easy tinha visto o modo como Dalton interagira com as meninas. Como se não acreditasse na própria sorte, cercado de tantas meninas bonitas que o bajulavam, esquecendo-se completamente de que eram vetadas a ele. E Easy ouviu os boatos sobre ele e Brett.

— Easy?—Dalton juntou as mãos e falou devagar, como se estivesse falando com alguém meio retardado. — Você entende o que significa *condicional*?

Easy fingiu não ouvir o tom paternalista de Dalton, perguntando-se se isso era uma espécie de teste. Talvez Dalton só precisasse se sentir durão de vez em quando.

— Significa não cometer mais nenhum erro ou ser expulso.

— Obrigado. — Dalton se recostou, os cotovelos nos braços da poltrona e os dedos nas têmporas. — Preciso lhe dizer que recebi várias denúncias de você ter quebrado sua condicional.

— Quebrado? — perguntou Easy, sem acreditar, — Como? Nem tenho feito nada. Quem te disse isso?

— Recebemos várias denúncias — repetiu Dalton, sem se deixar perturbar — de que você andou matando aula.

— Ah, é? De quem? — Easy pensou no dia em que encontrou Jenny no bosque para o projeto de pintura. Naquele dia, o último tempo de Jenny estava vago e ele ficou tão ansioso para se encontrar com ela que matou a aula de

história da arte avançada. Mas era uma aula enorme, dada no auditório do Berkman-Meier, no escuro, e o professor Johnson agia como se os alunos pensassem que era um privilégio estar em sua aula e nunca se incomodava em fazer a chamada. Se o professor não o dedurou, então quem foi?

— Anônimo. — Dalton claramente bancava o durão porque sabia que não tinha nada nas mãos. Easy começou a relaxar um pouco. — E você não pode ser expulso com base num boato... A verdade é essa. Mas, graças a isto, você terá mais duas semanas de suspensão, recluso, e se for pego fazendo mais alguma coisa errada, bom, não vou poder ajudar você.

Você é o último cara a quem eu atiraria uma corda, Easy queria dizer. Mas em vez disso gemeu, percebendo que a viagem a Boston estava planejada para o fim de semana seguinte. O Ritz, Jenny com alguma fantasia sexy — tudo parecia tão bom.

— Não estou entendendo... Isso não faz sentido algum. Não fiz nada. Não pode me dar uma folga?

— Regras são regras. Você sabia o que significava *condicional*. Devia ter sido mais inteligente.

— Regras *são mesmo* regras—repetiu Easy pensativamente. — É engraçado, partindo de você. — Easy falou sem pestanejar, observando a cara de Dalton, procurando por sua reação. Então ele assumiu um cargo em um pequeno colégio interno particular e na primeira semana tentou pegar uma, ou mais, das alunas? No Kentucky, você seria arrancado da sala e espancado até aprender a ser um cavalheiro. E aqui estava ele, tentando ser todo disciplinar e hipócrita.

A sala caiu num silêncio completo por longos e estranhos segundos enquanto Easy se perguntava o que Dalton diria. Por fim Dalton pigarreou.

— Não sei o que está tentando insinuar, mas no seu lugar eu deixaria de me preocupar com os outros e tentaria continuar focado em não ser expulso.

— Por que está sendo tão rigoroso? — Dalton claramente tinha uma necessidade estranha de se sentir poderoso e humilhar alguns estudantes submissos.

— Por que está sendo tão burro? A Waverly é a melhor coisa que aconteceu com você, então é melhor cair em si e parar de estragar o seu futuro. — Era o tipo de coisa que um dos irmãos de Easy diria a ele, só que os três eram mais velhos do que Dalton e, mesmo que tratassem Easy como um garoto pirado, eles não eram nem de longe tão condescendentes quanto Dalton. Qual era a desse cara, aliás?

— Obrigado pela orientação, *orientador*. — Easy sacudiu a cabeça e se levantou. — Tenho que almoçar... Não quero que apareça nenhuma denúncia que perdi isso também.

OwlNet----- Caixa de Entrada de E-mail

Para: CallieVernon@waverly.edu;

BrettMesserschmidt@waverly.edu;

SageFrancis@waverly.edu;

CelineColista@waverly.edu;

BennyCunningham@waverly.edu;

AlisonQuentin@waverly.edu;

JennyHumphrey@waverly.edu;

VerenaArneval@waverly.edu

De: TinsleyCarmichael@waverly.edu

Data: Segunda-feira, 16 de setembro, 17:43h

Assunto: La iniciação

Minhas amadas da Café Society,

Soirée de Iniciação com Pizza HOJE À NOITE. É essencial para todas as que queiram ficar nas boas graças da sociedade que compareçam ao tête-à-tête de fim de semana em Boston. Quarto 303 do Dumbarton, às 20h. Apareçam.

O Sr. Pardee, vulgo Señor Convencido, comprou ingressos para a filarmônica desta noite. (Ele também mandou flores à Sra. Pardee — parece que está tentando amaciar alguma coisa!) O feliz casal só chegará em casa bem depois da meia-noite. Obrigada, Sage, por sua bisbilhotice diligente!

Vamos pedir a pizza de nosso restaurante preferido, o Ritoli's, é claro.

Advertência: O traje obrigatório é curto, apertado, que provoque um ataque cardíaco.

Decadentemente,

T

QUANDO EM ROMA, UMA WAVERLY OWL INTELIGENTE PENSA DUAS VEZES ANTES DE AGIR COMO OS ROMANOS.

— O que você acha que os meninos fazem no clube deles? — Callie colocou um pouco de vodka em sua caneca da Waverly cheia de limonada Country Time e mexeu com uma colher de plástico. Estava de pé junto à janela onde fora montado o bar improvisado e olhava o pátio escuro, ainda meio vestida com a saia preta apertada e espartilho de renda branca. Sem qualquer maquiagem, ela parecia uma criada francesa pervertida.

— Quem sabe?—Brett bateu o cigarro de cravo na xícara de chá Limoges de borda dourada que atualmente usava como cinzeiro. Ela errou e a cinza se esfarelou no chão. Jenny vasculhava distraída as gavetas, de vez em quando tomando um gole da caneca da Waverly decorada com silhuetas de coruja marrons e douradas e cheia de limonada batizada. O quarto 303 do Dumbarton estava, pela primeira vez, limpo como no dia em que todas chegaram. As meninas guardaram as roupas e os livros, limparam as mesas e empurraram as camas para as paredes. Arrumaram os travesseiros, passaram aspirador de pó e dispuseram lanternas chinesas vermelhas pelo teto, compradas naquela manhã na loja de artes em Rhinecliff. O iPod de Tinsley tocava sua lista de músicas pré-festa.

"All I want to do is have some fun...", grasnava Sheryl Crow libidinosamente.

— Não sei se tenho alguma coisa que provoque um ataque cardíaco. — Jenny se virou para as outras meninas. Era *assim* que o internato devia ser: ficar com as colegas de quarto, beber limonada batizada em canecas de plástico e pedir pizza, conversando sobre os meninos e talvez dançando um pouco. Ela tentou ignorar o buraco que se formava em seu estômago, tornando-se cada vez maior a cada vez que ela pensava que mentira para Callie e Tinsley a respeito de Easy.—O que devo vestir?

— Ah, o que é isso — zombou Callie. — Só o que *você* precisa fazer é mostrar um pouco do seu colo.

— É, *francamente*. —Brett se sentou. Já estava vestida com um top preto C&C fininho com alça no ombro direito, deixando o ombro esquerdo nu, bem dramático. — Eu posso ter o melhor sutiã *push-up* do mundo, mas não há grande coisa para levantar.

— Tá brincando comigo? — guinchou Jenny. — Não ia querer isto aqui. — Ela apontou o próprio peito. — Sempre que visto alguma coisa tenho que me perguntar se não me deixa muito parecida com uma *atriz pornô*. Sabe o que eu daria para poder vestir esse top? Ou não ter que usar sutiã, se não tivesse vontade? — Brett e Callie riram. — Eu ia balançar por todo lado, como um... monte de balões de água.

Callie franziu o nariz e colocou um par de pingentes de jade nas orelhas.

— Ai. Isso é medonho.

— Nem me fale. —Jenny decidiu por uma camiseta preta dos Raves sem mangas, com cortes estrategicamente planejados para mostrar a pele só nos lugares certos. Com a saia jeans curta Juicy Couture, ela se sentia muito punk rock.

— Já estão quase prontas?—Tinsley irrompeu pelo quarto vestida num tubinho turquesa, do tipo que Jenny sempre viu nos catálogos da Victoria's Secret — do tipo revelador e ultracolante que só podia ser usado por supermodelos e meninas com sorte suficiente para ter curvas exatamente nos lugares certos e nem um grama de gordura nos lugares errados. Sem dúvida Tinsley era uma dessas pessoas. Suas pálpebras estavam cobertas de sombra dourada, brincos de argola grandes como maçãs pendiam dos

lóbulo das orelhas e ela vestia sandálias sem salto Giuseppe Zanotti enfeitada com pedras preciosas. Caraca. Será que ela era *humana*? Jenny olhou a si mesma e viu Brett e Callie, todas de preto, depois olhou novamente o vestido azul de Tinsley.

— Bonito vestido, Tinsley — ela se ouviu dizer. Ela não falava muito com Tinsley desde que, bom, desde que a conhecera, mas foda-se. A limonada batizada estava subindo para a cabeça e ela se sentia meio corajosa. E daí que Tinsley fosse a rainha da Waverly? *Ela* beijou Easy Walsh!

— Ah, obrigada. — Tinsley lhe abriu um sorriso de propaganda, mal olhando para ela enquanto ia até o abajur e atirava um lenço roxo sobre a lâmpada, banhando o quarto de violeta.

— Toc-toc. — Benny Cunningham empurrou a porta, com Sage Francis ao lado. — Estamos atrasadas? — Ela trazia duas garrafas de bordeaux em uma das mãos e um saca-rolhas em formato de coelho na outra. — Cortesia de papai Cunningham.... Ele acaba de mandar estas aqui no pacote de volta às aulas.

— Meu pai só me manda recortes de jornal—piou Jenny, por um segundo esquecendo-se do telefone novo.

Benny sorriu com pena para Jenny.

— Que droga. — O cabelo moreno de Benny estava traçado atrás e ela vestia o que parecia um cachecol enrolado no peito, revelando a barriga magra e o minúsculo *piercing* de ônix no umbigo. — Onde devo abrir essa?

— Quando colocou isso? — perguntou Tinsley, apontando a jóia na barriga, que Jenny pensou que parecia um carrapato que se aninhara na barriga de Benny.

— Ah, neste verão...

— Para impressionar um *cara* — disse Sage, passando os braços bronzeados nos ombros de Benny. O cabelo platinado fazia contraste com as mechas escuras de Benny.

— Não deu certo. — Ela deu um beijo no rosto de Benny, deixando uma mancha violeta.

— Cretina. — Benny enxotou Sage. — Onde fica o bar?

— Bem aqui. — Callie andou até o peitoril da janela que fora designado como área de bebidas e ajudou Benny a abrir a garrafa de vinho e servi-lo em copos de plástico que Brett roubara do banheiro da biblioteca. — Estes são para o vinho — brincou Callie, pegando um dos copos cheios e atirando o líquido garganta abaixo.

— Pega leve, garota. — Benny bebericou do próprio copo de plástico. — Ou vai acabar enrascada no banheiro esta noite.

Logo as outras meninas chegaram, usando as exigidas roupas curtas e apertadas e trazendo embalagens de seis latas de Diet Coke e uma garrafa de Bacardi Limão.

Tinsley mudou a lista de músicas para "festa", e começou a tocar Black Eyed Peas.

Jenny, Celine e Brett chutaram os sapatos para o canto e começaram a dançar. Jenny costumava invejar as meninas que dançavam como se estivessem treinando para o clipe de alguém, mas depois percebeu que também podia fazer isso. De repente houve uma batida na porta. As meninas ficaram paralisadas, mas Tinsley, destemida, abaixou um pouco o volume e foi até a porta antes que elas pudessem esconder a garrafa de rum.

A porta se abriu a uma visão bem-vinda: Angelo com uma Levi's desbotada e casaco de moletom com capuz azul-marinho, segurando quatro caixas de pizzas com um cheiro delicioso. *Oba!*

— Sua safada! — gritou Callie, pensando que tinham sido flagradas. — Nem sabia que já tinha pedido!

— Obrigada, Angelo, por trazer tudo isso até aqui para a gente. É muita gentileza sua. Pode colocar na mesa, por favor? — Tinsley indicou uma das malas que fora coberta de

tapeçaria e, quando Angelo foi nessa direção, ela fechou a porta causalmente. Jenny respirou fundo. Tinha a sensação de que, na cabeça de Tinsley, a festa só estava começando.

— Posso lhe servir um copo de vinho? Uma Cuba Libre? — Celine se inclinou para Angelo e afagou sugestivamente o gargalo da garrafa de vinho. Ela estava mesmo tentando ganhar a aposta?

— É, hummm, não sei se vou poder ficar.—Os olhos do Angelo vagaram pelo quarto e ele mexia os pés, nervoso. — Nunca estive num quarto de alojamento feminino. É muito bacana.

— Você precisa ficar para um ou dois drinques. — Callie passou uma caneca da Waverly sobressalente, cheia de rum e Coca, para a mão dele.—Ou vai ferir nossos sentimentos. — Ele a fitou, petrificado, e pegou a caneca. Ela deu um sorriso triunfante para Celine, que lhe mostrou a língua. Jenny esperava que talvez Callie se apaixonasse loucamente por Angelo. Assim ela não se importaria com *quem* Easy estivesse.

— Todas as noites de segunda são assim por aqui? — Angelo se sentou no chão ao lado de outra mala coberta com tapeçaria. Ele ainda parecia pouco à vontade, como se realmente quisesse chamar os amigos e grudar neles para se proteger do bando de adolescentes furiosas.

— Às vezes pedimos comida chinesa. — Tinsley se sentou ao lado de Angelo, segurando um prato de papel com uma fatia gordurosa de pizza de champignon. Ela se recostou na cama, ele arrastou os olhos dela para a sua bebida, concentrando-se. Tomou um gole enorme, enxugando os lábios grossos com as costas da mão.

— E às vezes fazemos uns joguinhos. — Callie se sentou do outro lado de Angelo, inclinando-se para ele. — Quer jogar?

Coitadinho, Ele devia estar pensando: *Que meninas esquisitas!* Jenny se lembrou da cena de *Monty Python e o Santo Graal* (um dos filmes preferidos do irmão, embora ele fosse esnobe demais para admitir isso na frente dos outros), quando Sir Galahad descobre o castelo cheio de freiras lindas e solitárias, elas o colocam para dentro e praticamente o devoram antes que ele seja resgatado — para consternação dele — por Lancelot. Angelo parecia saber que estava prestes a ser devorado e parecia adequadamente assustado e excitado. Ele passou a mão no cabelo preto.

— Er, que tipo de jogo?

Benny se ajoelhou na frente dele, segurando a garrafa de vinho vazia.

— Bom, temos uma garrafa...

— Como vai funcionar com tantas meninas? — Alison cutucou Benny, sentada de pernas cruzadas com sua calça de cetim vermelho. O resto das meninas formou uma roda no carpete. — Posso estar bêbada, mas não vou me agarrar com você, Benny.

Benny sorriu para ela.

— E por que não? Você se agarra com todo mundo.

— Que tal isso? — disse Tinsley, como se acabasse de ter uma idéia brilhante, mas Jenny desconfiou de que ela planejou tudo desde o começo. —Vamos girar a garrafa e, em quem ela parar, beijará Angelo.

Merda, pensou Jenny, tentando olhar nos olhos de Brett. Ela não queria beijar Angelo. Será que havia um jeito de escapar daqui antes que as coisas ficassem muito doidas? Talvez ela possa fingir que precisa ir ao banheiro e passar o resto da noite lá. Mas talvez não chegue a tanto... Ela realmente não queria ser uma estraga-prazeres, não quando estava começando a sentir que finalmente pertencia a este grupo.

— Acho que preciso de outro drink. —Angelo passou a mão nos olhos e riu para si mesmo. Callie se levantou e lhe serviu mais um, desta vez usando um pouco mais de rum, e tomou mais vinho. Andou com cuidado de volta à roda, como se já pudesse

sentir a sala começando a girar.

— Faça as honras e gire a garrafa primeiro, Angelo. — Tinsley colocou a garrafa no meio do pequeno tapete persa que a mãe de Callie mandara para a escola como um presente para aquecer um quarto de alojamento.

Ele girou. A garrafa gorda rodou e rodou no tapete antes de parar meio torta, apontando diretamente para Benny. Ela soltou um guincho de prazer e engatinhou pela roda, parando para se sentar de frente para Angelo, que olhava seu pescoço longo e o cabelo puxado num rabo-de-cavalo calculadamente malfeito.

— Essa é de graça. — Benny se inclinou e colocou a boca nos lábios grossos de Angelo. Ele pareceu chocado com o movimento repentino, mas depois se rendeu rapidamente e todas as meninas viram os lábios dos dois se mexerem.

Talvez Benny não seja a puritana que todo mundo achava que era, pensou Jenny, meio surpresa. Benny finalmente se afastou e voltou a seu lugar na roda, os lábios molhados e retorcidos num sorriso enorme.

— Minha vez — ordenou Callie, com ciúme que Benny tivesse beijado Angelo primeiro. Ela virou a boca da garrafa para si mesma, depois agarrou Angelo e o beijou apaixonadamente e com força, como se pensasse que eles estavam numa novela de TV. Brett cutucou Jenny enquanto o beijo se prolongava, sem parar. Angelo estava prestes a estender a mão e tocar o cabelo de Callie quando Tinsley pigarreou com autoridade.

— Desculpe.—Callie se afastou, mantendo os olhos grudados em Angelo, que parecia querer que o jogo acabasse para ele poder beijar exclusivamente Callie. Em seguida Brett girou a garrafa de qualquer jeito e o coração de Jenny desabou quando a viu parar entre ela e Verena, mas claramente mais perto de Jenny.

— Foi por pouco!—exclamou Verena, decepcionada. — Vai nessa, Jenny, é você.

— É, mas está no meio. — Embora Angelo fosse bonito, a idéia de se agarrar com alguém que não fosse Easy dava náuseas em Jenny. Não havia como ela fazer o que Callie fizera, agora que tinha beijado Easy. Parecia simplesmente vulgar beijar outro cara.

— Qual é o problema, Jenny? Não quer jogar? — Tinsley sorriu. — Verena terá a vez dela, não se preocupe.

Jenny podia sentir que todos a observavam. E de repente a luz arroxeadada no quarto ficou meio apavorante. Os olhos de Callie pareciam penetrá-la. Merda. Merda. *Merda*. Callie ia saber que alguma coisa estava rolando se ela se recusasse a participar do jogo.

Com o coração na garganta, Jenny engatinhou até Angelo, os joelhos nus ardendo no tapete. Parou na frente dele. Ele ainda estava meio confuso, mas estava claro que decidira continuar com aquilo. Rapidamente, ela colocou os lábios no rosto dele e recuou.

— Não nos insulte. Um beijo de verdade, por favor. — Tinsley se inclinou para a frente, o cabelo caindo no rosto como uma cortina, os olhos violeta como feixes de laser. — Até parece que tem outro, né?

Como sempre, a voz de Tinsley era leve e aparentemente despreocupada, mas Jenny sabia o bastante para perceber que era um teste — se ela não fizesse direito, podia muito bem se despedir de seus sonhos de pertencer ao mundo íntimo da elite da Waverly. E isso era tudo o que ela queria, não era? Ser uma das meninas lindas e populares, amigas de gente como Tinsley Carmichael. Isso era inestimável — será que ela não podia dar um minúsculo beijinho na boca por isso?

Sem dizer nada, Jenny de repente se virou para Angelo de novo e, antes que pudesse se reprimir, beijou-o em cheio na boca. Ela pretendia manter os lábios ali por um tempo, mas Angelo claramente tinha entrado no jogo e ela sentiu a língua dele abrir seus lábios e entrar em sua boca. Ela se obrigou a contar até três antes de se afastar e se retirar para

seu lugar na roda, mal conseguindo resistir ao impulso de pegar a tamanho família de Scope na cômoda de Brett para fazer um gargarejo.

Jenny olhou para Tinsley, na esperança de ver algum sinal de aceitação nos olhos dela, mas eles não estavam diferentes de trinta segundos antes.

— Não se esqueça de girar — disse Tinsley friamente, encostando-se na cama com os braços cruzados, parecendo uma rainha que acabara de ver uma apresentação medíocre de uma de suas serviçais e agora estava pronta para a seguinte. Ela cutucou a garrafa para Jenny com o pé.

De repente, com uma sensação horrível de depressão, como se o elevador em que estava tivesse caído vinte andares, Jenny percebeu que conquistar a aprovação de Tinsley não ia ser tão simples como se agarrar com o cara da pizzaria.

Jenny girou a garrafa às cegas e, à medida que o jogo continuava, teve que morder a bochecha por dentro para não explodir em lágrimas como a bebezona que era. O que foi que ela fez? Estava com nojo de si mesma — como pôde deixar que Tinsley a forçasse a isso? E como pôde fazer isso com Easy? Ela estava louca para escovar os dentes e se livrar do gosto horrível de outro cara.

— Quem topa um *strip poker*? — Callie se levantou, cambaleando, o salto do Kate Spade de cetim abrindo um buraco numa fatia meio devorada de pizza que estava no chão. — Porra. — Ela tirou o pé do sapato, deixando-o onde estava.

— Vai ficar e jogar com a gente, Angelo? — Sage se sentou ao lado dele e passou o braço em seus ombros, amargurada por não ter tido a chance de beijá-lo, mas disposta a trocar a oportunidade para vê-lo se despir.

— Acho que posso ficar um pouco mais.

— Ei. — Brett cutucou Jenny, parecendo preocupada. — Quer sair daqui? Podemos ver TV na sala ou coisa assim.

Jenny segurou o braço de Brett, agradecida, sentindo-se bêbada e deprimida e precisando desesperadamente de uma pausa para respirar.

— Meu Deus, por favor. Vamos. — Brett se levantou e puxou Jenny de pé.

— Aonde vocês vão? — perguntou Callie, vasculhando a gaveta da mesa em busca de um baralho que guardava ali.

Brett alongou as costas e bocejou.

— Vamos para a sala ver um filme. Estou muito bêbada. Se beber mais, vou ficar enjoada. Não sou muito de jogar cartas mesmo. — Ela pegou um prato descartável e colocou algumas fatias de pizza antes de fugir pela porta com Jenny, que parecia estar a ponto de chorar. — A gente se vê.

Callie fechou a gaveta e semicerrou os olhos. Brett não parecia bêbada, embora Jenny certamente sim. O que elas estavam pensando, deixando a reunião da Café Society antes que alguma coisa realmente boa acontecesse?

— Brett anda *tão* chata. — Tinsley embaralhou as cartas como uma profissional, passando-as para Celine, que as distribuiu, rindo o tempo todo e cutucando Angelo, que parecia bem bêbado. Sage tirou a fivela de tartaruga do cabelo de Celine e a colocou na cabeça de Angelo. Todas explodiram numa gargalhada de porre.

— Ela tem sido uma cretina o ano todo — disse Callie, amargurada por Brett ter rejeitado sua companhia de novo. — E ela está chateada porque o Sr. Dalton perdeu o interesse. Callie pegou a caneca pela metade de alguém e a secou. Sabia que estava ficando embriagada, mas isso a distraía de se lamentar por si mesma. Por que Brett e Jenny se deram tão bem sei sem ela? O que deixava *as duas* tão íntimas? Ela não teria se importado de ficar enroscada num dos sofás do primeiro andar com a manta de cashmere e um saco de Cheetos para ver um filme de Lindsay Lohan com as duas, *se* elas pensassem em convidá-la.

— Quanto a isso... — Tinsley se inclinou confidencialmente. — Talvez eu saiba o motivo para uma mudança repentina nos afetos dele.

— Você? — Callie tentou não parecer apavorada. Ela olhou em volta. Benny e Alison estavam se servindo de mais bebida e não prestavam atenção, e Verena, Celine e Sage estavam completamente envolvidas com Angelo.

Tinsley assentiu reluzente.

— É... Tivemos uma reunião muito... *promissora* na semana passada. E ele vai me levar a Nova York amanhã para uma escapadela romântica. — Ela sorriu, orgulhosa.

Callie precisou virar o rosto. Como Tinsley podia *fazer* isso? E o Sr. Dalton? Com quantas alunas ele ia tentar dormir? Coitada da Brett. É claro que Tinsley era a culpada. Callie estremeceu, perguntando-se se devia descer e falar com Brett no mesmo instante.

Mas esta, sem dúvida, estava ocupada

demais com sua *nova* melhor amiga, Jenny.

Em vez disso, ela se serviu de outra bebida. É verdade que Tinsley era horrível, mas pelo menos era franca. Callie não conseguiu deixar de sentir que Brett e Jenny eram igualmente más... Só que mais dissimuladas. Mas talvez o vinho fosse responsável por isso. Talvez.

OwlNet----- Caixa de Entrada de E-mail

Para: Alunos de Eric Dalton

De: EricDalton@waverly.edu

Data: Terça-feira, 17 de setembro, 8:55h

Assunto: Sem aulas hoje

Caros alunos,

Devido a circunstâncias inesperadas, não poderei dar aula hoje. Por favor, continuem com as tarefas programadas na grade. Obrigado — vejo vocês amanhã,

Atenciosamente,

EFD

OwlNet----- Caixa de Entrada de E-mail

Para: CallieVernon@waverly.edu

De: BrandonBuchanan@waverly.edu

Data: Terça-feira, 17 de setembro, 9h17

Assunto: Vc tá doente?

Oi, Callie,

Estou na aula de latim, mas você não está aqui. Só queria saber se quer que te leve uma sopa ou um croissant de amêndoa... Ou um Gatorade?

Com amor,

Brandon

PARA EVITAR UMA RESSACA, UMA WAVERLY OWL DEVE SE HIDRATAR.

Callie acordou com uma dor de cabeça descomunal e sua boca tinha gosto de serragem. Ela espiou de baixo da manta de cashmere e foi recebida pela luz do sol, quente e ofuscante. Que horas eram? Precisava fazer xixi, mas qualquer movimento fazia sua cabeça latejar e ela não tinha certeza se queria sair da cova aconchegante para enfrentar o dia. Seu estômago revirava — o quanto ela bebeu? Tinha uma vaga lembrança de roubar os copos de plástico com vinho e as canecas da Waverly cheias de rum e Coca dos outros. O cheiro de rum vindo de uma das canecas no chão revirou seu estômago vazio. Ela se lembrou de passar algumas horas no banheiro, vomitando tudo o que havia no estômago, o que na verdade era só álcool, uma vez que ela não comeu da pizza. Não era de surpreender que sua boca estivesse tão seca. Ela precisava beber água, ou iria morrer. Que horas eram mesmo? Hoje era terça-feira, né? Callie tinha certeza de que estava perdendo alguma aula, mas sua cabeça doía só de tentar pensar em qual delas. Ela chutou a manta, revelando um quarto vazio e banhado de sol. Caixas de pizza ainda se espalhavam pelo chão. Pegou o celular e o ligou. Em seguida, de camisola, levantou-se para pegar uma garrafa de Evian e dois comprimidos de analgésico. Tinsley. Lágrimas lhe vieram aos olhos. Tinsley nunca ficava bêbada como todo mundo e sempre conseguia se lembrar da água. Ocorreu-lhe uma imagem da noite passada — Tinsley segurando seu cabelo loiro enquanto ela se ajoelhava perto da privada. Suando, Callie cambaleou, xingando e chorando, e Tinsley se sentara com ela no banheiro, fazendo-a beber água e segurando seu cabelo enquanto ela vomitava. Tinsley a ouvira lamentar por Easy durante horas, tranquilizando-a, dizendo que tudo ia ficar bem e que ele ia ter o que merecia.

Ela adorava essa garota, mesmo que ela tenha roubado o Sr. Dalton de Brett. Isso era uma loucura completa. Mas não era da conta dela, não mesmo. Brett e Tinsley que resolvessem isso; não tinha nada a ver com ela. Callie abriu a garrafa de água e tomou o Tylenol antes de desabar no travesseiro com o celular na mão. Eram 10h29 da manhã. Ela puxou a coberta sobre a cabeça, escondendo-se da luz irritante do sol. Tinha sete novas mensagens. Pelo menos uma delas podia ser de Easy, né? Seu polegar clicou por elas. Cinco de Brandon. Duas de Angelo — quando foi que ela dera o número a ele? Provavelmente quando colocou a língua na garganta dele. Qual era o problema dela? Talvez porque ela só quisesse uma pessoa e ele não estivesse interessado. Callie discou o número dele de qualquer forma, sentindo-se segura sob as cobertas. Quem sabe ele só precisasse de um tempo sozinho? Será que ele estava com saudade dela? Mas o telefone dele nem tocou, caiu direto na caixa postal: "Aqui é Easy. Deixe seu recado." A única coisa que podia ser pior do que deixar um recado de ressaca na secretária de um ex-namorado era deixar um recado bêbada, e ela ficou grata por Tinsley ter tirado seu telefone na noite anterior; caso contrário, ela provavelmente teria tentado isso também. Ela fechou o celular antes do sinal e apertou o rosto no travesseiro. Talvez pudesse dormir o dia todo. Ou o ano todo.

UMA WAVERLY OWL NÃO FAZ ALARDE.

Jenny andou pelo campus na manhã de terça-feira, tão cheia de culpa que não conseguia ficar parada. Fora incapaz de dormir na noite anterior, mesmo depois de Brett tê-la tirado do quarto, e as duas riram assistindo a *O virgem de 40 anos* na sala. Mas Jenny ainda estava atormentada porque ela, feito uma idiota, deixara Tinsley convencê-la a beijar Angelo. Ela ficava doente só de pensar nisso. O que foi que ela fez?

Parte dela queria se esconder o dia todo embaixo do cobertor azul-bebê áspero, mas ela achava que ia sufocar respirando o mesmo ar que Callie e Tinsley. Agora ela estava no pátio, mas ainda sentia a mesma bolha sufocante em torno da cabeça. Se não saísse dali, ia pirar seriamente. Ela pegou o novo telefone e discou para a única pessoa que conhecia que podia fazer com que se sentisse melhor.

— Mufflupugus! — O barítono grave de Rufus trovejou alto no celular novo. A voz dele a fez sorrir, embora ela precisasse segurar o telefone longe da orelha. — Como, diabos, você está?

— Estou... Estou bem, pai. — Jenny puxou um cacho comprido do cabelo. — Eu meio que esperava que você ligasse para a administração da Waverly e conseguisse que eles me dessem um dia de saúde mental.

— Um o quê? Dia de saúde mental? Você está bem? — Que ótimo, deixá-lo preocupado com a possibilidade de você ser expulsa de outra escola.

— Eu só precisava de uma tarde em Nova York, mas não vou comprar nada, só ir a alguns museus. Você podia me encontrar. Vamos comer bolinho frito naquele restaurante mexicano da Amsterdam.

— Não vai dar, meu amor. Vou ajudar Vanessa em um filme hoje à tarde... Tem um esquilo enorme de gordo no Bryant Park Queremos capturar o que ele come em um período de 24 horas, só que estamos trapaceando um pouco. Mas então, está tudo bem com você aí? — Rufus parecia preocupado. — Pensei que estivesse gostando... As notas A, o hóquei de campo, as cavalgadas?

— Estou indo muito bem, eu juro. — Jenny cruzou os dedos enquanto mentia. — Só estou com saudade da cidade... É meio sufocante.... ficar aqui com todo esse ar puro. Acho que posso estar consumindo oxigênio demais ou coisa assim.

Ele soltou um suspiro pesado, mas Jenny sabia que ele não ia resistir.

— Está bem. Vou ligar para a administração e dizer a eles que preciso que venha passar o dia em casa.

Jenny guinchou e agradeceu profusamente ao pai. No segundo em que desligou, ela chamou um táxi para pegá-la no portão da frente e praticamente voou de volta ao alojamento para pegar a carteira. De repente a Waverly não parecia tão sufocante, agora que ela sabia que podia passar o dia fora. É, ela ferrou tudo, mas com alguma sorte Easy não descobriria, e na verdade *foi mesmo* só um beijinho. Além disso, ela e Easy nem estavam namorando... Não oficialmente. Ela estava louca para pegar o próximo trem, sair desse mundo incestuoso e chegar à cidade grande e maravilhosa.

— Jenny! — Ela girou e viu Easy correndo pelo gramado na direção dela, sua pele formigou. As pernas longas dele a alcançaram com muita facilidade. Ele estava lindo com uma calça de veludo cotelê marrom-escuro (ela nunca o vira sem uma Levi's) e uma camiseta branca básica. — Está correndo para onde?

— Ah, hummm, vou passar o dia em Nova York... Sabe como é, preciso respirar um ar poluído. — Jenny sentia-se irrequieta, convencida de que Easy podia ver através dela.

Ela bateu a bota vermelha na grama.

— É, ar puro demais não pode ser bom para uma garota da cidade. — Um cacho escuro caiu na frente de seus olhos e ele o soprou. — A Waverly pode parecer uma bolha gigante e às vezes a gente se esquece de que nada por aqui é realmente de vida ou morte.

— *Exatamente*. — Jenny sorriu. — Ei, você quer... vir comigo? — perguntou ela impulsivamente. Embora estivesse fantasiando sobre andar pelos longos corredores do Met sozinha, de repente a imagem parecia bem mais completa com Easy lá também. E, talvez, se ela pudesse ficar sozinha com ele no mundo real, as coisas que aconteceram na bolha da Waverly na noite anterior não importassem tanto. — A gente pode almoçar, talvez ir a alguns museus.

— É? — Easy olhou o rosto de Jenny com ansiedade, depois franziu a cara numa expressão de desagrado. — Bem, eu estou sob condicional dupla do Dalton. E como não sei que espões ele tem, não sei se posso me arriscar a irritar ainda mais o cara.

Jenny ficou boquiaberta.

— Eu me esqueci totalmente disso. Ah, bom, a última coisa que eu quero é que você seja expulso daqui...

— Só que... — Easy interrompeu Jenny e sorriu para ela. — Dalton mandou um e-mail hoje de manhã dizendo que estava doente. Então imagino que ele não esteja por aqui... Vamos.

Os olhos castanhos de Jenny se arregalaram.

— Mas...

Ele pegou a mão dela e a sensação de seus dedos quentes e ásperos em sua pele a silenciou.

O trem para a cidade estava apinhado, mas Jenny e Easy encontraram dois lugares juntos, brincaram de jogo-da-velha no bloco de desenho e ouviram o iPod de Easy com um fone cada um até que pararam na estação Grand Central. Eles pegaram um táxi para o Met mas, antes de entrar, Easy comprou para eles um cachorro-quente de uma carrocinha e eles se sentaram na escada do museu ao sol de início de outono. Ela fez isso tantas vezes, na esperança de que uma das meninas descoladas como Blair e Serena percebessem sua presença, ou que alguém famoso se sentasse ao lado dela e de repente ela aparecesse na *US Weekly* como a companheira misteriosa de um ator famoso.

Jenny se encostou nos degraus de pedra e suspirou. Durante anos, só o que ela queria era ser uma daquelas meninas de que as pessoas falavam. Quando Sócrates disse que uma vida "não examinada" não era digna de ser vivida, Jenny concordou completamente — e daí que ele estivesse falando de um exame *pessoal* de sua vida e não de um exame da Page Six? Significava o mesmo para ela. Ela sabia que era fútil, mas não conseguia evitar. Toda a literatura era repleta de mulheres arrasadoramente lindas e sedutoras cuja imagem ficava gravada na mente de todos no ambiente, fazendo-os sorrir ou gemer de angústia quando pensavam nela, o que inevitavelmente fariam. A maluquinha Daisy Buchanan de *O grande Gatsby*. Lily Bart de *A casa da felicidade*. Laura de Petrarca, Beatriz de Dante. Ela não queria, necessariamente, que alguém escrevesse um livro sobre ela — mas queria ser o tipo de pessoa que *podia* inspirar alguém a fazer isso. Era tão errado assim?

Mas agora, sentada ali com Easy, de repente Jenny não se importava se era o tipo de garota de que Jay Gatsby se lembraria anos depois, ou Heath Ferro, ou Tinsley vacalouca-e-medonha Carmichael. Ou se ela um dia ia aparecer na Page Six de novo. Só o que importava era Easy sentado ao lado dela em um de seus lugares preferidos, com uma manchinha de ketchup no rosto.

— A Waverly definitivamente é pequena. Em especial quando você começa como fez... Com estardalhaço. — Ele deu outra dentada no cachorro-quente.—Mas as pessoas teriam conhecido você de qualquer forma.

Jenny limpou o ketchup com o polegar.

— Por que diz isso? — Ela pensou nervosamente em seus peitos: não eram muitas as meninas de estirpe e que usavam suéter de tricô de cashmere e saia Theory de tweed que tinham os peitos G que ela exibia. É claro que ela não queria um soneto escrito para eles.

Easy engoliu.

— Porque... Sei lá, parece idiotice... Mas você tem uma *centelha*.

— *Eu?*—Ela olhou para os degraus de cimento, sentindo-se meio tímida mas totalmente lisonjeada.

Easy se limitou a sorrir e pediu um "giro especial Jenny Humphrey" pelo museu. Eles terminaram andando pelas galerias várias vezes, procurando pelas coisas de que Jenny mais gostava — uma tela de Cézanne com dezenas de maçãs espalhadas em uma mesa, um retrato em rosa de Klimt de uma menina linda que Jenny sempre quis ser, o tranqüilo Vermeer de uma jovem segurando um jarro de água, o nebuloso George Inness de uma garota sozinha andando por um pomar, os manuscritos islâmicos com aquela caligrafia linda. Easy parou diante de cada um deles, absorvendo em silêncio e depois a beijando.

Ela sabia que nunca mais veria essas obras de arte da mesma maneira. Agora elas eram mais do que suas telas preferidas. Agora faziam parte do dia mais perfeito de sua vida.

UMA WAVERLY OWL SABE GUARDAR UM SEGREDO, MESMO UM BEM PICANTE.

— Eu queria não ter que voltar — Tinsley fez beicinho. Ela baixou o martíni de lichia no tampo de vidro do balcão e deslizou a pulseira antiga na mão. — Mas obrigada por me emprestar isso.

— O prazer foi meu. — Eric sorriu para Tinsley e ela sustentou o olhar. Eles chegaram uma hora antes e se acomodaram no elegante bar do hotel enquanto a recepção mandava a bagagem para o quarto. Já estavam no terceiro martíni, embora ainda não tivessem dado o primeiro beijo. — Agora. Isto é um...

— Segredo — interrompeu Tinsley. Depois dos e-mails de paquera, ela achou que eles arrancariam as roupas e transariam na limusine de Eric assim que ele a pegasse. Em vez disso, ele pediu a ela para contar histórias de sua família e lhe falou do pai que pegava no pé dele. Até aquele momento, o dia juntos fora extraordinariamente *nada* sexy. Mas ela estava pronta para mudar tudo isso.

— Quem não gosta de um bom segredo?

Eric se inclinou para ela.

— Bom... Sei que eu gosto.

Pronto. Assim estava um pouco melhor.

— Deve ter alguns dos bons — sugeriu Tinsley. Por algum motivo, ela queria ouvi-lo contar que gostava de Brett, mas que tinha mudado de idéia no minuto em que pusera os olhos *nela*. Queria ouvir o quanto ela era mais inteligente, mais sexy e mais descolada.

— Eu? Não. — Ele se recostou, tomando outro gole da taça. O barman trocou a música para um jazz ardente, como se estivesse lendo a mente dele. — Mas tenho certeza de que *você* tem.

— *Hummmm...* — Ela fingiu pensar. Se ele não ia soltar nada, ela podia dar uma ajudazinha. — Bom, tenho uma amiga, a Brett...

Eric pigarreou. Uma modelo de 1,80 metro de altura que Tinsley reconheceu do desfile de moda do ano anterior da Bluemarine entrou no bar, mas Eric não tirava os olhos dela.

— Tinsley, eu...

— Então não é bem o *meu* segredo — continuou ela, tirando os olhos da modelo. — Mas ela contou a todo mundo da Waverly que a família dela salva papagaios-do-mar ou coisa assim em Terra Nova, embora o pai dela na verdade seja especialista em lipoaspiração em Nova Jersey. Dá pra *acreditar*?

— Ela me falou sobre isso uma vez. — Eric olhou nervoso o salão pouco iluminado. — Então acho que não é um grande segredo.

Peraí, *como é*? Este era o maior segredo da vida de Brett e ela contou a Eric? A Eric Dalton? Tinsley de repente foi tomada por uma sensação de pânico de que talvez houvesse mais no lance dele com Brett do que ela pensava. Talvez ele *não* achasse que ela era mais sexy e mais bonita do que Brett.

— Não tinha percebido que vocês eram tão próximos — murmurou ela friamente.

— Não fique assim — ralhou ele e ela gostou, surpreendendo-se com isso. De repente se sentia como a estudante perversa que era. Ele estendeu a mão, colocando-a em concha no queixo de Tinsley, e encontrou o olhar dela. — Sei que as pessoas devem dizer isso a você o tempo todo, mas você tem os olhos *mais lindos* do mundo.

E, com essa, ele se inclinou para beijá-la. Enquanto seus lábios se encontravam, ela não pôde deixar de pensar que sim, as pessoas *diziam* isso a ela o tempo todo. Ela esperou a

vida toda por alguém que dissesse que o sinalzinho escondido atrás da orelha era a coisa mais sexy que tinha visto, mas até agora ninguém sequer falou nele. Mas à medida que Eric passava a mão pelo pescoço dela e os dedos na abertura de seu vestido azul-marinho delicado, ela jogou o cabelo preto e volumoso para trás. Podia muito bem dar a ele a *oportunidade* de vê-lo, não é?

— Vamos ver nosso quarto? — sussurrou ele.

— Vamos.

UMA BOA WAVERLY OWL NÃO TRAMA NADA... EMBORA UMA PERVERSA POSSA TRAMAR.

No início da noite, Jenny e Easy estavam aninhados a uma mesa aconchegante no Balthazar, uma *brasserie* elegante e movimentada no Soho, e o garçom nem piscou quando eles pediram uma garrafa de pinot noir. Jenny se encostou na banquetta de couro vermelho, desfrutando o modo como Easy ficava ao lado dela no salão de teto alto, escuro e revestido de carvalho. As mesas ficavam próximas e estavam cheias de *hipsters* elegantes curtindo aperitivos e se aquecendo para uma noite na cidade. Um espelho gigantesco de *brasserie* parisiense pendia no alto. Eles pediram um prato de bife com fritas. Jenny bebericou da taça de vinho.

— Vou dar um pulinho lá fora para ver minhas mensagens. Vou ver se Dalton não ligou para me controlar ou coisa assim. — Ele revirou os olhos. — Volto logo. Não coma as batatas sem mim, está bem?

— Não vou prometer nada. — Jenny tocou o cabelo, certificando-se de que os grampos não caíram, ou se ele já se transformara num emaranhado crespo. — Eu sonho com essas batatas.

— Vou correndo. — Ele lhe deu um beijo rápido na boca.

Ela era tão beijável! Era legal sair do campus pelo menos uma vez e ficar sozinho com Jenny sem ter que se preocupar que Callie os visse. Ele andou pelo espaço pequeno entre as mesas apinhadas, pensando em como seria bom se ele e Jenny pudessem ir a uma *brasserie* parisiense de verdade. Seu coração martelava ao começar a pensar nela no sótão do apartamento dos seus pais em Paris, deitados na pequena cama francesa, totalmente nus.

Enquanto ele saía na movimentada rua do Soho, uma multidão de compradores de fim de tarde descia a rua portando sacolas de papel pardo da Bloomingdale's e bolsas de compras pretas da Barneys Co-op. Ele precisou de um minuto para reconhecer a garota parada diante dele, vestida num cardigã de cashmere de cintura baixa que parecia da Boêmia por cima de um vestido de chiffon azul-marinho que estava prestes a se abrir. Easy imaginou que a cara dele devia revelar o mesmo choque que estava na de Tinsley quando ela se virou e o viu. O que é que ela estava fazendo aqui? Mas Tinsley rapidamente recuperou a compostura e tirou o cigarro dos lábios vermelhos e reluzentes.

— Pensei que estivesse sob condicional.

Easy a encarou e subitamente se lembrou de ver Tinsley quando ele e Jenny saíam do bosque juntos. Então ela os *vira* mesmo.

— Vai me dedurar de novo?

Tinsley estreitou os olhos cuidadosamente maquiados. Deu outro trago no cigarro e pensou por um momento, decidida a escolher as palavras com cuidado.

— Sei que está aqui com Jenny. Estou vendo a garota lá dentro. Mas sabe de uma coisa?

— A cara de Tinsley rapidamente assumiu uma expressão presunçosa e Easy cerrou o punho no bolso. — Jenny ficou com outro ontem à noite. Que tal isso para uma namoradinha doce?

Peraí, *como é*? Por um minuto, o estômago de Easy desabou, mas depois ele percebeu de onde esta informação vinha — da ardilosa Tinsley, amargurada por não ser aquela de que todos falavam no momento.

— Vai se foder. Não acredito em nada do que tem a dizer. — Ele abriu a porta para voltar para dentro. — Você tem problemas de verdade, sabia?

— Não sou a única. — Tinsley sorriu docemente para ele, um sorriso que fez os dedos dos pés dele se enroscarem.

Voltando para Jenny, Easy se obrigou a se acalmar. Só queria curtir o resto do dia e se esquecer daquela cretina invejosa do lado de fora. É claro que ela ia dizer alguma coisa assim sobre Jenny. Ela era doce, gentil e sincera — três qualidades que ninguém jamais atribuiria a Tinsley.

— Senta, rápido. — Jenny pegou a mão de Easy e o puxou para a banqueta. — Olha! — Easy virou a cabeça e olhou pela vidraça, esperando ver os olhos de Tinsley fitando-os. Em vez disso, teve um vislumbre de Tinsley andando pela Spring Street no braço de alguém. *Dalton*. — Acha que eles nos viram? — perguntou Jenny, claramente preocupada com a condicional de Easy.

Easy assentiu, ainda olhando pela vidraça.

— Eles podem ter visto a gente, mas eu tenho uma idéia. — Uma idéia que, sem dúvida, usaria para baixar a bola de Dalton.

UMA WAVERLY OWL DEVE DENUNCIAR QUALQUER COMPORTAMENTO INADEQUADO DO CORPO DOCENTE.

Easy sempre esperava pela aula de literatura francesa avançada nas manhãs de quarta-feira, mas hoje ele esperava porque era uma das aulas que ele fazia com Brett Messerschmidt e ele precisava da ajuda dela. Precisava dedurar Dalton antes que Dalton o *expulsasse*. Aí entrava Brett. Ela era representante de turma. Se ela acusasse Dalton de alguma coisa, todo mundo ouviria.

Madame Claubert estava de pé na frente da sala, o cabelo grisalho comprido preso em uma fivela na nuca. Ela era uma daquelas mulheres mais velhas cuja beleza só parecia aumentar e se intensificar com a idade. As maçãs do rosto eram perfeitamente delineadas, o pescoço longo de cisne, o corpo rijo de uma bailarina. As mulheres francesas eram tão sensuais.

— Monsieur Walsh, *entrez*. — Ela estava do lado de dentro da porta, esperando para fechá-la.

— *Bien sûr*, madame. — Easy entrou e deslizou para a carteira vazia na frente de Brett. Ela lhe deu seu típico meio sorriso de sobrelance erguida. A pele de Brett tinha mais cor agora do que na maior parte da última semana.

— Obrigada por se juntar a nós. Agora podemos começar. — Ela ergueu uma pilha de papéis e os passou a cada fila.

— Por favor, formem pares e respondam às dez perguntas neste *examen petit*. — Ela bateu palmas. — *Dix minutes*.

Easy girou na cadeira.

— Mademoiselle Messerschmidt. Pode me dar a honra?

— *Mais oui*. — Brett vestia um suéter verde militar que deixava seus olhos mais verdes e uma saia cáqui que ia até o meio da coxa. Ela estava simplesmente linda e com uma aparência jovem e inocente. Easy entendia por que Dalton se sentira atraído por ela, mas como ele podia ser tão baixo a ponto de concretizar esse desejo?

— Olha... — disse Easy quando eles já tinham respondido a metade das questões. Ele a olhou de lado, tentando ser sutil. Não queria constrangê-la nem nada disso. — Soube de uma coisa... Aconteceu mesmo alguma coisa entre você e o Sr. Dalton?

Brett ficou de queixo caído, revelando uma obturação de platina em um dos molares inferiores que Easy nunca percebera. Ela se içou rapidamente e lhe lançou um olhar fulminante que parecia mais defensivo do que de raiva.

— Vai pro inferno.

— Não, não, eu não estou tentando meter você em problemas nem nada disso — disse Easy rapidamente, os dedos girando a caneta tinteiro. — Você sabe que eu não faria isso. Brett olhou desconfiada. O que ele quer, então? Ele parecia tão ansioso. Easy normalmente não era de fofocar. Ela mordeu o lábio e fingiu olhar a lista de perguntas enquanto Madame Claubert saía da sala.

— Então por que está perguntando?

— Você não vai gostar de ouvir isso, mas eu encontrei a Tinsley no Soho ontem. — Ele parou. — E ela estava com o Sr. Dalton.

Brett deixou que as palavras entrassem em sua cabeça lentamente. Ficou enjoada ao assimilar o significado. Ela *sabia*. Sabia que Tinsley estava usando a pulseira de platina de Eric naquela noite. Como Tinsley *pôde* fazer isso? Por quê? E Eric

— ela significava tão pouco para ele que, no segundo em que Tinsley apareceu, Eric a largou feito as botas Prada do ano passado? Ela não era tão *idiota*.

— Mas que... *babaca*. — Brett não conseguia pensar em nada mais forte para dizer. Imaginar os dois na cama na cobertura do Soho Grand encheu Brett de raiva. E se ela realmente tivesse perdido a virgindade com Eric? De repente, toda a confusão que sentia rapidamente se transformou em pura fúria. Ele mentira para ela. Ele não achava que o que faziam era antiético; só queria transar com Tinsley. — Ele devia ser preso.

— Mas não há como provar que eles estão juntos. Só porque eles estavam em Nova York juntos não quer dizer... — ele suspirou.

— *Quer* dizer sim para alguém que conhece Tinsley. — Brett mexeu nervosa nos brinquinhos de ouro na orelha. Aqueles que Eric tinha beijado com tanta doçura. Tudo fazia parte de uma interpretação dele, pensou ela colérica.

Easy afundou em sua cadeira.

— E eu não queria que tivesse que revelar seus problemas. Acho que você já sofreu o bastante.

A idéia de ter que contar à administração, em detalhes, o que aconteceu entre ela e Eric

— o Sr. Dalton, que seja — deixou Brett totalmente nauseada. Ela sacudiu a cabeça.

— É, acho que não posso fazer isso.

Easy deu de ombros.

— Então temos que pegar o cara em outra coisa.

Madame Claubert abriu a porta da sala.

— *Vite! Vite!* — gritou ela jovialmente. — *Deux minutes!* Brett atirou o cabelo e folheou seu exemplar de *Le rouge et le noir*.

— Peraí um minutinho... — Ela largou o livro na mesa e apertou o braço de Easy. — Quando fui na casa dele, tinha um saco de maconha na cômoda. Quem sabe a gente pode usar isso?

— Mas você não pode contar a Marymount onde o viu. — Easy tamborilou os dedos na mesa de madeira. — A não ser...

— A não ser... — continuou Brett, seguindo a linha de raciocínio de Easy. — Eu digo que fui à casa dele para pegar uns arquivos do CD e ele propôs *fumar* comigo... Posso dizer exatamente onde está na casa dele, e...

Easy assentiu, terminando a frase dela.

— E o que Dalton vai dizer? Que ele não lhe ofereceu, que você só viu no quarto dele quando por acaso passou a noite lá?

Os lábios de Brett formaram um sorriso leviano.

— Ele não se arriscaria a negar e me fazer contar a verdade. Dá para imaginar, um Dalton sendo acusado de estupro?

Easy teve vontade de abraçá-la.

— Ele vai ser obrigado a se demitir.

Pela primeira vez desde que começou toda a saga Eric Dalton, ela sentia que tinha o controle da situação.

— Exatamente.

Depois da aula de francês, Easy deu um afago de boa sorte nas costas de Brett. Ela sorriu corajosamente para ele e foi direto para a sala de Marymount no Stansfield Hall. O secretário de Marymount, o Sr. Tomkins, um careca que só usava gravatas florais, estava sentado atrás de uma mesa de carvalho quando Brett entrou.

— Oi, Brett, querida. — Os adultos sempre gostavam de Brett, e o Sr. Tomkins a tratava como se ela iluminasse seu dia. — O que posso fazer por você?

Brett endireitou os ombros e disse com a voz mais prática que tinha:

— Gostaria de falar com o reitor Marymount, por favor, A mão do Sr. Tomkins hesitou

sobre o interfone enquanto ele se preparava para chamar o reitor.

— Devo dizer a ele do que se trata?

— É confidencial. — Brett sorriu como quem se desculpa. *Mas não por muito tempo.*

UMA WAVERLY OWL SOLÍCITA NUNCA DEIXA DE SER GENTIL COM OS MENOS AFORTUNADOS.

Depois que o Signor Giraldi finalmente liberou a turma de italiano avançado de sua torturante aula de história do soneto petrarquiano, Tinsley atravessou o pátio, os saltos de suas botas de camurça com tiras em T Moschino furando as folhas de início de outono que se espalhavam ao acaso. Só voltara de seu encontro com Dalton algumas horas antes e ainda podia sentir os lábios dele em seu pescoço. Mesmo que não tenha conseguido chocá-lo com o segredo de Brett ser de Jersey, bom, ela certamente fizera sua parte por Callie. Seria só questão de horas para Easy ser chamado na sala do reitor Marymount e encontrar Eric sentado ali, com uma denúncia de que Easy esteve em Nova York no dia anterior. Callie nunca mais teria que ver Easy de novo e a vomitantemente doce Jenny teria exatamente o que merecia. Tinsley teve que morder o interior da bochecha para não sorrir do surto inebriante de poder que sentia. Tinsley Carmichael *estava de volta*.

Ela sentiu um par de olhos conhecidos e se virou, vendo um rapaz de cabelo louro desgrenhado, esparramado preguiçosamente na escada da capela. Um sorriso lento se espalhou pela cara de Heath Ferro quando ele percebeu que tinha chamado a atenção dela. Tinsley de imediato mudou de direção e andou para a capela, gostando do olhar de Heath para seu vestido Cynthia Streffe de decote em V e padronagem Renaissance. A seda italiana tremulava em sua pele e os olhos de Heath seguiam o balanço de seus quadris enquanto ela andava até ele e colocava o pé direito no primeiro degrau.

— O que é que tá rolando, Ferro?

— Só estou curtindo a paisagem. — Heath esticou os braços no ar. Vestia uma camiseta cuidadosamente desbotada com a palavra SUPER-HOMEM.

Tinsley sacudiu uma unha cor-de-rosa perfeita, coberta de esmalte Oh, Behave, no rosto dele.

— Gostei da camiseta.

— Senta aqui—propôs Heath, batendo no próprio colo.

— Valeu a tentativa. — Tinsley se empoleirou delicadamente no degrau acima de Heath, os joelhos nus junto ao rosto dele. Ele os olhou por um momento antes de se arrastar para dar espaço para ela.

— Tem planos para o fim de semana? — perguntou ela.

— Ah, este fim de semana... Mas é claro! — Heath estalou os lábios e esfregou as mãos. — Tomei a liberdade de reservar duas suítes presidenciais no Ritz de Boston, com porta de comunicação. E vista para o jardim da jacuzzi *king-size*.

— Hummmm. Parece uma delícia. Vou colocar meu biquíni na mala.

— Ou não. — Heath deu de ombros. — Aí é com você.

Tinsley sorriu para ele.

— Bem que gostaria disso, não é?

— Precisa perguntar?—Heath bocejou e fechou os olhos, obviamente imaginando Tinsley nua numa banheira borbulhante e vaporosa de água quente, o cabelo preto e longo num coque no alto da cabeça.

Tinsley deu um tapa nele com as costas da mão.

— Pode pensar em outra coisa que não seja me ver nua por cinco minutos? — perguntou ela, satisfeita, como sempre, com a adulação de Heath.

— Só com muita dificuldade.

Tinsley se inclinou para ele e baixou o tom de voz.

— Quem você acha que vai ficar neste fim de semana?

— Além de você e eu?

Tinsley revirou os olhos.

— Chega.

Heath passou os dedos pelo SUPER-HOMEM no peito.

— A resposta óbvia é Easy e a Srta. Peitões. — Ele estava um pouco amargurado porque só conseguiu beijar Jenny bêbado, e mal se lembrava disso. Ele não se importaria de colocar as mãos naquele corpo gostoso de Jenny. — Se eles já não fizeram isso, quer dizer.

— Bom, tenho uma novidade picante sobre ela. — Tinsley sorriu. — Sabia que ela ficou com alguém que definitivamente *não era* Easy na segunda à noite? — Essa garota a aborrecia. Todo mundo achava que ela era tão legal, com seu sorrisinho doce e seu rostinho corado, mas pular no namorado de Callie no segundo em que eles terminaram? E isso era legal? Ela não via Callie desde que voltara, mas sabia que, quando a visse, precisava contar à amiga sobre ter esbarrado em Easy e Jenny em Nova York.

— Ah, é? — Heath esfregou as mãos como quem conspira. — Que interessante.

— Quem mais? — perguntou Tinsley, satisfeita por ter semeado um boato que certamente ia dar num escândalo completo.

— Não sei... Ryan Reynolds quer chegar em Brett... Ele acha que tem chances.

— Só se for no inferno — zombou Tinsley. — Ela não está *tão* desesperada.

— E por falar em desespero... — Heath assentiu para o pátio. Brandon Buchanan andava para eles com calças Theory de lã risca-de-giz e uma camisa pólo cinza Zegna por baixo do blazer marrom da escola.

— Vocês parecem suspeitos. — Ele parou diante dos dois. — Discutindo segredos de Estado?

— Chegou perto. Falando desse fim de semana. — Heath pegou um maço de cigarros em um dos bolsos laterais da calça cargo Allen B.

Brandon virou-se para Tinsley.

— E por falar nisso, como está Callie?

Tinsley o olhou desconfiada.

— Está bem. — Quando é que ele ia superar isso? — Na verdade está ótima.

Brandon equilibrou a bota Salvatore Ferragamo cinza no primeiro degrau. Ele devia ser, *era*, o único cara na Waverly que engraxava os sapatos regularmente. Sujeito esquisito.

Brandon era ultrametrosssexual, com seu guarda-roupa perfeito e cheio de estilo e a completa invisibilidade de seus poros, algo que não era natural num homem. Não surpreende que Callie o tenha trocado por Easy Walsh, um *ultra-sexual*, se é que Tinsley já tinha visto um na vida. E Heath era o quê? Só sexual?

— Não a tenho visto. — Brandon se curvou e esfregou uma mancha de terra no sapato.

— É, bom. — Tinsley deu de ombros. — Ela anda ocupada.

— Ela não tem ido ao salão de jantar ultimamente. Ela está sem comer de novo? — Que bonitinho Brandon se preocupar com o bem-estar de Callie. Embora ela realmente *estivesse* magra demais.

Mas antes que ela pudesse responder, Heath deu uma gargalhada. Pegou o braço de Tinsley numa angústia fingida e gemeu:

— Você tem que me contar! Ela está tomando as multi-vitaminas? *Ela tem feito o dever de casa de biologia?* — Heath desabou de rir. — Você parece a porra da mãe dela!

Brandon olhou para ele com raiva.

— Vai se foder, Heath. E aí, quantos quartos pegou no Ritz? — perguntou ele despreocupadamente, mudando de assunto.

— Duas suítes presidenciais.

— Acha que vai ter espaço para todo mundo? — Brandon franziu a testa. — Não vão umas dez ou doze pessoas? Onde é que todo mundo vai dormir?

Heath se colocou de pé num salto e rebolou os quadris, como se tentasse dançar a hula em volta deles.

— Onde é que todo mundo vai dormir? — repetiu ele em falsete, fazendo Tinsley rir. — Cara, se eu puder evitar, ninguém vai ter muito sono.

Brandon revirou os olhos.

— Talvez eu pegue um quarto particular. Para mim e Callie.

— Por quê? Para poder ver *Diário de uma paixão*? Como se fosse a primeira vez? — Heath deu uma gargalhada de novo. — *Jerry Maguire*? Cara, é uma porra de uma festa. Tinsley riu. Heath *tinha* que ser o próximo na lista de ficadas da Cafê Society. Talvez Callie o achasse vulgar, mas ele era dez mil vezes mais divertido do que Brandon. Seria uma boa diversão e ele era *ligadão*. Tinsley se desligou enquanto Brandon e Heath continuavam a brigar feito meninas. Os calouros que atravessavam a quadra olharam pasmos enquanto ela esticava as pernas e bocejava. Era tão bom ter voltado. Mas uma determinada menina a encarava com tanta intensidade... Ah, que droga. Era aquela praticamente albina da Yvonne, a da turma de italiano de Tinsley que sempre tentou se juntar a ela quando tinham que trabalhar em dupla. Felizmente, Tinsley conseguia evitar as pessoas com habilidade, e ela se xingou por não fingir que não tinha visto Yvonne porque ela estava vindo na direção deles.

Yvonne foi até eles, numa blusa branca abotoada e calça azul-marinho da J. Crew cheia de sapinhos verdes — o tipo de calça que devia ser usada com ironia, coisa que Yvonne não tinha.

— Oi, Tinsley — guinchou Yvonne, incapaz de olhar diretamente para ela. Tinsley sentiu os olhos de Yvonne em sua testa. Tinsley lhe abriu um sorriso curto e superficial que a estimulasse a continuar andando.

Mas Yvonne não entendeu ou estava decidida demais a falar.

— Todo mundo está falando da sua, hummm, viagem a Boston. Eu fiquei me perguntando, quem é que vai? O alojamento todo? Mais alguém pode ir?

Tinsley sentiu Brandon e Heath olhando para ela e sabia que Heath estava reprimindo o riso. Fala sério, o que essa garota pensava? Que Tinsley diria, animada: "Ah, sim, venha com a gente e trate de levar todos os seus amigos do clube de matemática e da banda de jazz"? Tinsley tentou tirar o olhar de você-ficou-maluca do rosto e fez a voz mais gentil que podia, só porque essa coitadinha era tão sem-noção que não seria bom humilhá-la.

— Só a sociedade secreta. Desculpe.

Quem sabe na próxima encarnação?

OwlNet----- Caixa de Entrada de E-mail

Para: Alunos da Waverly

De: ReitorMarymount@waverly.edu

Data: Quarta-feira, 18 de setembro, 15:01h

Assunto: Demissão de Eric Dalton

No dia de hoje, Eric Dalton se demitiu de seu cargo na Waverly. Seus cursos de história das civilizações antigas e latim para iniciantes serão ministrados por outros membros competentes do departamento até que possamos encontrar um substituto adequado. Os alunos devem comparecer à aula amanhã, como sempre.

Os alunos que tinham Eric Dalton como orientador poderão ser reencaminhados. Os respectivos diretores dos alojamentos entrarão em contato em breve.

Obrigado por sua cooperação,
Reitor Marymount

OwlNet----- Caixa de Mensagem Instantânea

AlisonQuentin: Caramba, dá para acreditar que Dalton se demitiu? Só de ouvir o cara recitar Caio Catulo eu ficava ligada...

AlanStGirard: Se o latim te excita tanto, venha a meu quarto que vamos ver Calígula.

AlisonQuentin: Vc é tããããã vulgar... Isso é pornô!

AlanStGirard: Não é pornô. É histórico.

OwlNet----- Caixa de Mensagem Instantânea

HeathFerro: Soube que Dalton foi flagrado fumando ópio na sala de livros raros, pelado, com a turma de latim para iniciantes.

EasyWalsh: Nem sonhando.

HeathFerro: Parece meio quente. Por falar em quente, soube que sua garota estava envolvida.

EasyWalsh: Cala a boca, cara.

HeathFerro: É sério. É sééééériooooo...

OwlNet ----- Caixa de Mensagem Instantânea

RyanReynolds: Então o seu namorado foi embora... Quem sabe não podemos sair um dia desses?

BrettMesserschmidt: Hein, o quê? Acho que está querendo falar com a Tinsley...

RyanReynolds: Quem sabe as duas não estejam interessadas?

BrettMesserschmidt: Não escreva para mim novamente.

UMA WAVERLY OWL SENSATA ENTENDE QUE SÓ PORQUE MORA COM UMA PESSOA, NÃO QUER DIZER QUE A CONHEÇA.

Naquele final de tarde, todo o campus ainda zumbia com a notícia da demissão de Eric Dalton. No segundo em que o e-mail do reitor Marymount apareceu nas caixas de entrada dos alunos, todos tinham uma opinião para o motivo de o professor ter sido demitido, embora Callie tivesse certeza absoluta de saber o porquê: claramente, Brett descobrira sobre Tinsley e o Sr. Dalton.

Callie abriu a porta do salão de jantar e foi recebida pelo cheiro nauseante de feijão frito. Noite de comida mexicana. Que ótimo. Ela pôs a mão na barriga, como que para se tranquilizar de que ainda estava achatada, e brincou com a gola do cashmere roxo-claro com capuz Ya-Ya. Mesmo que Tinsley de repente fosse sua única amiga, ela não podia deixar de ficar satisfeita por Brett. Com sorte, nem ela nem Tinsley sufocariam a outra enquanto dormisse—era só do que ela precisava.

— Dá pra acreditar? — Callie girou e viu Tinsley parecendo incomumente perturbada. Mexia nervosa nos botões de pérolas na gola da blusa de cetim de seda de visual vitoriano. Sua pele estava quase completamente coberta, então, como é que todos os meninos ainda olhavam para ela? Callie teve vontade de arrancar os cabelos de inveja.

— Mais ou menos.—Callie ajeitou a pulseira de pingente. — Nem vem que você sabia que a Brett um dia ia revidar.

Tinsley olhou para Callie meio murcha, depois sorriu.

— Então foi mesmo a Brett?

— Deve ser, né? — As duas meninas foram para a fila da comida. — Por que outro motivo ele pediria demissão? — Callie deu uma risadinha. — A não ser que ele tivesse medo de que Tinsley Carmichael fosse mulher demais para ele.

— Ele sem dúvida não teve queixa alguma em Nova York. — Tinsley riu.

— Já falou com ele?

Tinsley pegou a bandeja. Nunca admitiria isso, mas parte de sua excitação com Dalton vinha do fato de que ela o estava roubando de Brett. Uma vez que isso acabou, passou também a ânsia de ficar com ele. Ela nem pensou em mandar um e-mail a ele para saber o que estava acontecendo — de certo modo, nem ligava. Já estava na hora de ela fazer o próximo movimento.

— Não.

— E vai fazer isso? — Callie bateu as unhas roídas na bandeja de plástico enquanto elas esperavam na fila do taco. — Tacos. Que horror.

Tinsley franziu o nariz.

— Parece noite de salada. — Ela andou para o balcão de saladas. Callie a seguiu.

Tinsley ainda não respondera a sua pergunta. Parecia distraída.

— Tem outra coisa que você precisa saber. — Tinsley não conseguia imaginar uma hora pior para dar a Callie a má notícia: no salão de jantar, diante de toda a população da Waverly. Mas queria que ela soubesse antes de voltarem ao alojamento esta noite, para que ela estivesse preparada. Ela juntou os lábios.

— O que é? — Callie pegou um prato branco, ainda quente do lava-louças, do outro lado do balcão de saladas e começou a se servir de salada verde recém-lavada.

Tinsley baixou a bandeja.

— Eu sinto muito que eu esteja contando a você, mas não quero que descubra por outra pessoa. — Ela respirou fundo e Callie a olhou alarmada, os olhos se encontrando

através da proteção de plástico. — Jenny e Easy estão totalmente juntos.

Callie parou com a colher a meio caminho do prato.

— Como é?—A temperatura de seu corpo caiu uns vinte graus de imediato. As mãos ficaram úmidas. Ela largou a colher de madeira na tigela de verdura. — Isso não é verdade.

Tinsley rapidamente pegou a bandeja e correu para o lado de Callie no balcão. Ela parecia estar a ponto de desmaiar.

— Desculpe. Mas é isso mesmo. Eu vi os dois em Nova York juntos.

— Mas isso não quer dizer nada... — A voz de Callie falhou. O olhar de pena de Tinsley só podia significar uma coisa, era mesmo verdade. Easy gostava de Jenny? Daquela *nanica*? Com aqueles peitões que pareciam deformados? De verdade? Jenny garantira a ela, lhe *prometera*, que não estava rolando nada! Aquela *mentirosa*! — Como Jenny pôde fazer isso? Nós *moramos* juntas. Eu falo com ela todo dia, porra! Como é que ela não me contou?

Tinsley pegou o braço de Callie.

— Provavelmente ela não queria chatear você.

— Aquela vaca. — Callie estremeceu e olhou para baixo, vendo-se segurando o garfo na posição de ataque. Se Jenny quisesse viver, naquela noite teria que dormir em outro lugar.

UMA WAVERLY OWL NUNCA ENTRA SEM ALIADOS NUMA BATALHA.

— Espera! — Jenny viu Brett saindo da biblioteca naquela noite, o cabelo ruivo e liso balançando enquanto ela descia a escada. Havia uma animação clara naquele andar. Os sapatos Prada de salto alto praticamente pulavam pela calçada. Ela girou o corpo, viu Jenny e sorriu.

— Oi. — Brett tirou uma mecha de cabelo dos olhos.

— E bom ver você sorrindo. — Jenny passou a alça da pesada bolsa de camurça pelo corpo; era pesada demais para carregar de um lado, mas ela odiava quando a alça ficava entre seus seios, chamando mais atenção ainda para eles do que o normal. É claro que uma mochila teria sido ainda pior.

Brett riu.

— Sei que não devia ficar tão feliz, mas não consigo evitar. É simplesmente... justiça poética, sabe como é. Mesmo que Tinsley vá me matar. — Agora a idéia de dividir um quarto com Tinsley a deixava fisicamente doente. Era difícil acreditar que no ano passado elas faziam as unhas uma da outra e fofocavam sobre as mais recentes paixonites. — Não a vejo desde que saiu a novidade.

Elas riram enquanto voltavam ao alojamento. Lá dentro, a porta para o quarto 303 do Dumbarton estava aberta e "ABC" dos Jackson Five berrava do iPod de Callie.

— Que ótimo — cochichou Brett enquanto ela e Jenny se aproximavam. — Elas estão fazendo uma festinha-disco.

— Oi, Cal—Brett cumprimentou Callie ao passar pela porta.

— Oi. — Callie assentiu, vestindo o pijama. Uns fios de seu cabelo louro-arruivado estavam eriçados de estática. Ela se jogou na cama desfeita.

— Parece que está de ótimo humor — disse Brett, colocando com cuidado a bolsa Prada antiga no chão.

Callie não respondeu. Passou o elástico de cabelo que mantinha no pulso, fez um rabo-de-cavalo e mexeu nos botões do iPod. A música mudou para uma canção melancólica do Belle & Sebastian.

— Eu *adoro* essa música — disse Jenny. Callie a fitou, os olhos castanhos focalizados e frios, e desligou o aparelho. De repente o silêncio no quarto foi ensurdecedor. Putz.

— Mas olha só quem está aí — disse uma nova voz, e as três viraram a cabeça e viram Tinsley, com o roupão de banho de algodão egípcio, brincando com a tampa de uma garrafa de Evian. — Callie e eu queríamos conversar uma coisa com vocês duas. Só queríamos dizer que as duas não podem mais pertencer à Café Society.

A cara vermelha de Jenny ficou ainda mais vermelha. Ela olhou para Brett. Por que Tinsley estava fazendo isso? Parecia uma declaração de guerra aberta.

As sobrancelhas de Brett se uniram de forma ameaçadora.

— Ah, é?—Ela pegou o bastão de hóquei Brine como se estivesse se preparando para arrebentar a cabeça de Tinsley. — Por causa de Eric?

Tinsley encostou a cabeça na soleira da porta.

— Eric? — perguntou ela despreocupadamente. Tinsley fingiu pensar.—Na verdade sim, estou meio irritada com você por conseguir a demissão dele quando estávamos começando a ter intimidade.

— Como pode dizer isso com essa cara-de-pau? — perguntou Brett. — Quem você pensa que é?

— No seu lugar, eu não faria essa pergunta. — Tinsley andou pelo quarto e largou a garrafa de água na mesa-de-cabeceira antes de se virar para Brett. — *Eu sei quem eu sou. Você sabe?*

Jenny, que acompanhava apavorada o diálogo rápido, sentiu-se completamente perdida. O que Tinsley estava insinuando? O que quer que tenha sido, chocou Brett e fez com que se calasse de imediato.

Brett deu as costas a Tinsley. De repente veio à sua mente uma citação de Dorothy Parker: "A mulher fala 18 línguas e não consegue dizer 'não' em nenhuma delas."

Quando se virou, seu rosto estava mais composto e os lábios não tremiam:

— Sei que não sou uma *vagabunda*.—Ela retribuiu o sorriso sórdido de Tinsley. —Já é alguma coisa.

— Então devia pensar em com quem você anda—Callie falou pela primeira vez desde a chegada de Tinsley. Estava encarando Jenny e de repente sua fúria fez muito mais sentido. Tinsley deve tê-la visto com Easy em Nova York no dia anterior.

Por um segundo, Jenny pensou que talvez pudesse melhorar a situação se promettesse não ver mais Easy. Talvez as coisas voltassem ao que eram na primeira noite na pizzeria. Ela queria desesperadamente ter aquela sensação de novo — a sensação de pertencer a um grupo, de tomar porre com as meninas descoladas, de conseguir que gostassem dela. Mas o segundo passou. A quem ela estava enganando? Em toda sua vida, jamais quis tanto ficar com um cara como queria ficar com Easy. Ela não o trocaria nem por todas as Tinsley Carmichael e Callie Vernon do mundo.

Brett estava prestes a vir em defesa de Jenny quando esta surpreendeu a si mesma se defendendo sozinha.

— Sei por que está com raiva de mim — disse ela suavemente. — E sinto muito. Eu não queria que acontecesse, mas devia ter sido sincera com você desde o início.

Callie não tinha a capacidade de Tinsley de controlar a raiva com elegância. Em vez disso, sua pele normalmente perfeita ficou vermelha e manchada e sua pálpebra esquerda começou a tremer. Ela parecia desequilibrada.

— Você é uma mentirosa — rosnou ela.

— Não percebem que estão sendo hipócritas? — Brett repreendeu Callie. — Está puta com Jenny por ficar com Easy *depois* que vocês terminaram, enquanto *ela* — Brett gesticulou para Tinsley com a ponta curva do bastão — começou a dar em cima de Eric enquanto eu *ainda estava com ele*? — Ela olhou para Tinsley. — Isso é tão... *nojento*.

— Meu bem — Tinsley olhou para Brett com pena —, você nunca ficou com ele.

— Vai se foder! — Brett girou para Callie. — E vai se foder você também. Podem ficar com sua Cafê Society idiota e egoísta e seus joguinhos imbecis de merda.—Brett sacudiu a cabeça. O cabelo vermelho estava desgrenhado, mas suntuoso. — Tenho coisa melhor para fazer. — Depois dessa, ela saiu do quarto, deixando o silêncio em seu rastro.

Jenny olhou para Callie. Tinsley era uma tremenda piranha, mas ela ainda parecia ter uma dívida com Callie. Afinal, Jenny mentiu para ela.

— Me desculpe — disse ela. — Quem sabe um dia você poderá me perdoar?

O olho de Callie tremeu. Mas nem pensar mesmo.

UMA WAVERLY OWL INTELIGENTE SABE QUE UM BEIJO NUNCA É APENAS UM BEIJO.

Felizmente era sexta-feira. Jenny procurara por Easy durante toda a quinta, mas não conseguira encontrá-lo. Queria falar com ele sobre Callie e sobre sua expulsão da Café Society, mas dada a irritação em que Callie estava, ela não queria ficar andando pelo campus, perguntando se alguém o tinha visto. Easy devia estar com Credo, curtindo o maravilhoso céu azul antes de ficar frio e sombrio. Mas *era mesmo* meio estranho que ele tivesse sumido. Eles se divertiram tanto em Nova York e eles flertaram durante toda a aula da tarde de quarta-feira. Easy não estava com saudade dela?

Agora era sexta, o que significava aula de artes de novo. Ela passou pela porta e viu Easy pegando seus pastéis e um bloco grosso de papel na estante de suprimentos. Ela apareceu por trás dele e passou a mão em seus ombros.

— Oi.

Easy ergueu a cabeça. Seus enormes olhos azuis pareciam estressados, mas felizes por vê-la.

— Ah... Oi. — Ele abriu um sorriso distraído.

— Está tudo bem com você? — Jenny olhou em volta procurando pela Sra. Silver, que andava pela sala, dando uma olhada nos alunos.

— Eu estou bem. — Easy olhou para ela. — E aí?

— Posso falar com você um segundo? — Jenny sorriu para Alison, que agora pegava o bloco de desenho na prateleira ao lado da de Jenny. Ela ergueu uma das sobrelanceiras finas para Easy e assentiu, o cabelo escuro num rabo-de-cavalo. Jenny sentiu uma pontada de arrependimento por ter sido expulsa sem a menor cerimônia da Café Society. Mas isso não significava que sua vida social na Waverly acabara, não é?

— Aqui? — Easy parecia em dúvida.

Jenny pegou seu braço, sentindo outro arrepio de excitação ao tocar nele.

— Não, vamos na sala do forno.

Easy ergueu as sobrelanceiras.

— Isso parece meio descarado. — Jenny riu.

Ela o puxou para a salinha no canto da estante de suprimentos. Era escura com uma única janela que dava para o Hudson. Dois fornos grandes e três pequenos tomavam a maior parte do espaço, e a sala tinha cheiro de argila e terra. Prateleiras de cerâmica em graus variados de acabamento revestiam as duas paredes. Era um lugar romântico e lembrou a Jenny da cena sexy em *Ghost*, quando Patrick Swayze e Demi Moore ficam loucos com a argila na roda de cerâmica. Hummm. Jenny parou perto de Easy e olhou para ele com desejo.

Easy sorriu para ela.

— Era disso que você queria falar?

Isso trouxe Jenny de volta à realidade.

— Humm, não. Só queria dizer que fui expulsa da Café Society. — As palavras pareciam tão bobas. — Acho que não vou a Boston.

Easy não pareceu muito surpreso.

— É?

— É. — Jenny olhou as sapatilhas de balé em xadrez preto -e-branco, — Então—disse ela, nervosa —, você ainda vai?

Easy soltou a respiração e Jenny olhou para ele alarmada. Pela primeira vez, começou a

pensar que talvez houvesse alguma coisa seriamente errada. As palmas de suas mãos começaram a suar. Mas ele não se divertiu em Nova York?

— Ainda não tenho certeza — admitiu ele.

— Eu... Eu fiz alguma coisa? Para você ficar chateado comigo? — Jenny mordeu o lábio de nervosismo.

— Não sei. — Ele se virou por um minuto e brincou com um vaso de cerâmica na prateleira de cima. Estava sendo um babaca; sabia disso. Mas sua mente se atinha àquela coisa horrível que Tinsley lhe dissera na cidade, que Jenny ficara com outro sujeito, e a mensagem instantânea de Heath. Ele precisava descobrir se era verdade e esperava que Jenny o perdoasse se ele estivesse errado. Mas ele precisava saber.—Há alguma possibilidade de você ter ficado com outro cara? Na segunda à noite?

A boca de Jenny se abriu. Podia sentir o rosto ficando carmim quando se lembrou do beijo idiota no cara da pizzeria.

— Ah, meu Deus... *Foi mesmo* aquela idiotice que aconteceu. —Ela olhou os sapatos de novo.—Foi um rito de iniciação para a sociedade da Tinsley. Nós meio que beijamos aquele...

— Peraí um minutinho. —Easy agitou as mãos.—Como é que vocês "meio que beijaram" alguém? — Os olhos dele estavam em brasa. — Ou você beija alguém, ou não beija.

— Easy, me desculpe. Eu sinto muito. — Os enormes olhos castanhos de Jenny, aqueles nos quais ele confiava, se encheram de lágrimas, mas Easy estava irritado demais para se comover. —Eu o beijei, mas não queria. Foi só uma... Uma bobeira. Tipo um jogo... Eu *tinha* que fazer. E eu... Eu não sabia se estávamos exatamente juntos...

— Como *assim*? Sua boca encontrou a do cara por acaso? —Ele sacudiu a cabeça, descrente. — Não acredito nisso. — Easy pegou uma tigela feia e torta e cravou os dedos nela. Teve vontade de atirá-la na parede e vê-la se espatifar em mil pedaços. Ele pegou a maçaneta da porta.

— Aonde você vai? — gemeu Jenny. As mãos dela remexiam no fio solto da bainha do suéter rosa-claro.

Ela estava tão doce e tão perturbada que Easy quase mudou de idéia. Seu coração estava tão cheio de sentimento que ele podia cometer um erro imenso, terminando com uma coisa que parecia grande, e isso antes até de ter a oportunidade de realmente começar. Mas ele imaginou a boca de um babaca qualquer espremida na dela e Jenny retribuindo o beijo. Ele abriu a porta.

— Tenho que ir para a aula. Estou sob condicional, lembra?

Jenny assentiu, infeliz.

— Mas, por favor, você precisa entender. Não podemos conversar sobre...

— Acho que a gente não deve conversar por algum tempo. —Ele olhou para ela por sobre o ombro, hesitou mais uma vez, depois saiu.

OwlNet----- Caixa de Entrada de E-mail

Para: CallieVernon@waverly.edu;

SageFrancis@waverly.edu;

BennyCunningham@waverly.edu;

AlisonQuentin@waverly.edu; VerenaArneval@waverly.edu

De: TinsleyCarmichael@waverly.edu

Data: Sexta-feira, 20 de setembro, 20:09h

Assunto: Relax no Ritz

Meus amores,

A noite de amanhã começa com coquetéis às 18h em ponto, na suíte 605, no Ritz de Boston. Para ficarmos à vontade em nosso ambiente elegante, o traje exigido é glam glam glam.

Não se esqueçam da escova de dente e de pijamas sexies, se pretendem vestir alguma coisa.

Nossa próxima vítima? É verdade que ele é muito presepeiro, mas não há ninguém na terra mais preparado para se divertir do que o Sr. Heath Ferro. Espero que todas nós fiquemos com ele pelo menos uma vez a noite toda. Vamos fazer com que ele mereça a fama de "pônei".

Conspiratoriamente,
T

OwlNet----- Caixa de Mensagem Instantânea

CallieVernon: Ai meu deus, Heath? Tá brincando? Ele é tão rodado que chega a feder a sujo.

TinsleyCarmichael: Tsc, tsc. Você sabe que ele é o cara mais sexy que resta no campus... A não ser que ache que Easy esteja interessado em ser o próximo projeto da sociedade...?

CallieVernon: Não começa não.

OwlNet----- Caixa de Mensagem Instantânea

HeathFerro: Que trem vc vai pegar para Boostoon?

EasyWalsh: Vou de carona com Jeremiah, do Lucius. 2 lugares.

HeathFerro: Olha só que foda: as meninas vão dar para mim hoje à noite.

EasyWalsh: Meus parabéns.

HeathFerro: Tá com muita inveja?

EasyWalsh: Cara, dá pra vc ser mais mulherzinha do que isso?

HeathFerro: Dá. Mas depois vou ter que trepar comigo mesmo.

EasyWalsh: Posso imaginar.

UMA BOA WAVERLY OWL SABE SE DIVERTIR.

Às 18h a suíte presidencial 605 era o centro da festa. As meninas transformaram em bar a mesa de jantar de mogno polido, com garrafas de vinho pedidas pelo serviço de quarto e várias garrafas de vodca e água tônica. Bandejas enormes de queijos estrangeiros, torradas e outros *hors d'oeuvres* sofisticados mas inidentificáveis enchiam a mesa. O iPod e o Bose SoundDock de Tinsley estavam empoleirados em uma mesa de canto ao lado da televisão de gabinete, e a TV estava ligada no Turner Classic Movies, mas muda. Humphrey Bogart e Lauren Bacall brincavam em silêncio na tela em preto-e-branco.

Callie, com um vestido de chiffon vermelho de cintura império ABS e uma saia pregueada, recém-comprados em uma daquelas butiques minúsculas de sobreloja e preços exagerados na Newbury Street, desabara infeliz numa poltrona de camurça cor de milho. A suíte em si era estonteante — o tipo de quarto de hotel que teria impressionado até a mãe enjoada de Callie — mas Callie não conseguia desfrutar dela. Sentia falta de Brett, que devia estar fumando cigarros com a traidora da Jenny agora mesmo e rindo de como escaparam de vir a essa festa idiota em Boston. Grrr. Pensar em Jenny — e em Jenny com Easy, o Easy *dela* — a fez estender a mão para a taça de chardonnay.

— Está quase na hora! — anunciou Sage Francis com uma voz alegriinha, tocada de vinho. Se ela já estava meio bêbada, ia desmaiar no chão quando as coisas realmente esquentassem, pensou Callie amargamente. Sage se aproximou ansiosa da porta de comunicação para o quarto 606, que Tinsley insistira que ficaria fechada até as 18h. Uma batida grave e alta veio do outro lado da porta. Sage pulou para trás e as meninas riram.

— Vai em frente — concordou Tinsley. — Está na hora. — Todas as meninas estavam de vestido, exceto Tinsley, que colocara uma calça de cetim preto Theory bem justinha. O paletó de smoking era justo e de decote baixo, e não havia espaço para mais nada por baixo dele. Ela parecia a Angelina Jolie na noite do Oscar em que vestiu um terno. — Não se esqueçam de quem é o próximo na nossa lista, senhoritas.

— Aposto que ele será o primeiro a passar pela porta. — Celine Colista ajeitou as flores frescas em um dos seis vasos espalhados pelo quarto e olhou ressentida a roupa de Tinsley. Ela parecia chata e convencional com o vestido preto de noite.

— Mulheres, mulheres em toda parte! — Heath Ferro explodiu ao entrar no quarto, vestido num paletó de smoking de seda vermelha e parecendo o Hugh Hefner. — É assim que gosto de ver. — Ele continuou a ronda pelo quarto, dando a todas uma beijoca no rosto e a oportunidade de sentir seu paletó de seda.

— Eu te disse. — Celine cutucou Benny Cunningham na cintura.

— Não fique tão afável — brincou Tinsley enquanto Heath se inclinava para Callie e lhe dava um beijo molhado no rosto.

— Nem tão espalhafatoso. — Callie quase pulou ao som da voz conhecida e arrastada. Easy entrara no quarto, usando a camiseta dos Hives e as calças cinza Ben Sherman que só vestia quando tinha que se produzir. O coração de Callie começou a bater mais rápido. Desde que expulsaram Jenny e Brett da Café Society, Callie imaginara que Easy ficaria com Jenny naquele fim de semana. Ela fingiu estar com raiva dele, mas, meu Deus, só o que queria era que ele a beijasse novamente, como costumava fazer.

Heath passou o braço nos ombros magros de Easy e plantou um beijo molhado no rosto

dele.

— Não fique com inveja, cara. Tem muito amor para todo mundo. — Heath pegou o chapéu de feltro de Easy e o colocou na cabeça de Tinsley.

Então por que era que Easy estava aqui e não se aconchegando com Jenny em um dos quartos vazios do alojamento? Será que já havia um problema no paraíso? De repente Callie ficou *muito* mais interessada na festa. Ela decidiu encher a taça novamente.

— Estou surpresa de ver você aqui. — Callie baixou a taça na mesa de mogno enquanto Easy se servia de vodca com tônica.

— Por que isso? — Easy colocou uma fatia de limão no drinque e bebeu um longo gole.

— Você sabe. — Callie parou sugestivamente e esperou até que ele se virasse para ela.

— Pensei que estivesse sob condicional.

— Ah. — Easy coçou atrás da orelha esquerda, algo que ele sempre fazia quando não queria falar de algum assunto. Callie teve que se obrigar a se acalmar. Só porque ele parecia distraído, não queria dizer necessariamente que as coisas tenham acabado com Jenny.— Tanto faz. Agora que Dalton não está mais lá, não tenho que ficar tão atento. Mas ainda assim... Se ele gostasse tanto de Jenny, estaria com ela agora e não a trezentos quilômetros de distância, em um quarto de hotel cheio de meninas bêbadas e lindamente vestidas, não é?

Callie se aproximou um pouco mais dele.

— Engraçado como isso aconteceu, né? Quer dizer, o

Dalton de repente pede demissão. — Callie jogou o cabelo por sobre o ombro, tentando fazer com que Easy tivesse uma boa visão de seu pescoço, que costumava ser uma das partes dela de que ele mais gostava.

Easy sorriu para Callie e parecia que ela acabara de engolir um chocolate quente batizado com Kahlúa, pelo modo como seu corpo esquentou de dentro para fora.

— Eu não sei de nada. — Ele ergueu as sobrancelhas misteriosamente.

— Só estou feliz por ter vindo. — Callie colocou a mão no braço nu de Easy e sentiu o formigamento surgir na ponta dos dedos.

Easy olhou a mão dela.

— O que está fazendo?

— O quê? — Callie retirou a mão e Easy foi para a sacada, onde Jeremiah e Benny estavam fumando.

Callie sentiu a mão em sua cintura.

— Você está uma deusa. — Ela girou o corpo, o cabelo voando nos olhos de Brandon. Ele não pareceu se importar. Com a calça listrada de lã italiana Theory e a camisa preta Hugo Boss, ele estava exatamente como sempre: sofisticado, atraente e completamente chato. — Como Afrodite. A deusa do amor.

— Er, obrigada. — Callie viu alguém mudar a música para alguma coisa dançante.

Serviu-se de outra taça de vinho.

— Quando quiser um intervalo nisso aqui, podemos voltar para o quarto que reservei. Para nós.

— Brandon. — Callie passou as mãos no rosto, arriscando-se a borrar a maquiagem.

Mas, meu Deus, qual era a do Brandon? Ele realmente achava que ela ia sair da festa para voltar ao quarto vazio dele e namorar? Desde que ela o beijou na semana anterior, ele estava agindo como se os dois tivessem voltado. Ela olhou em volta, procurando por Easy. — Estamos numa festa. Aja de acordo com isso.

— Pode me culpar por querer ficar sozinho com você? Você está tão linda. Eu só quero... Ficar perto de você. — Tá legal, isso era meigo. Callie se sentiu um pouquinho melhor, mas não o suficiente para *sair* com ele.

— Não posso culpá-lo por tentar. — Callie afagou o rosto dele. — Mas pare com isso.

— Vocês parecem casados há um tempão. — Alan St. Girard apareceu e colocou um braço em volta de cada um deles. Alan fez um biquinho para Callie. — Sobrou algum amor para mim?

— Meu bem... — começou Brandon.

Meu bem?

— Eu não sou seu bem, Brandon Buchanan. — Ela agitou a taça de vinho para ele.—Eu não sou o bem de *ninguém*, tá legal?—Ela o fitou, furiosa de repente porque o único cara que a amava era o chato previsível do Brandon. Ela ia mostrar a ele. Ela era *qualquer coisa*, menos chata.

UMA WAVERLY OWL NÃO DEIXA A AMIGA BÊBADA PARA TRÁS — EM ESPECIAL COM SEU CELULAR.

— Não fica tudo tranquilo sem a Tinsley e a Callie por aqui? Posso sentir minha pressão sanguínea baixando agora mesmo.—Brett esticou as pernas compridas no braço do sofá da sala de estar do Dumbarton. Como todas as meninas passavam a noite fora na reunião da Café Society, todo o alojamento parecia mais silencioso. Ela vestia uma camiseta verde-lima de manga curta com calça preta de boca larga. No colo, havia uma tigela de plástico cheia de pipoca de microondas amanteigada, recém-preparada e meio queimada.

Jenny abriu uma das janelas e agitou as mãos para afastar parte da fumaça de pipoca queimada.

— Sei o que quer dizer. — Ela respirou o ar frio da noite, deixando que beliscasse seus pulmões. —As duas... Elas meio que me fazem esquecer de como gosto daqui.

— É. Ontem à noite mesmo, andando pelo pátio, olhando tudo e vendo todas aquelas estrelas... Quer dizer, o céu não é igual ao de Nova Jersey. — Brett pegou a garrafa de Stoli na bolsa de couro vermelho Sigerson Morrison. Já estava pela metade. Colocou um pouco mais na caneca de suco. — Precisa de refil?

— Obrigada. —Jenny lhe passou a caneca. Brett era de Nova Jersey? Jenny tinha a impressão de que ela era de East Hampton, Nova Scotia ou coisa assim.—Eu amo muito isso aqui. Faz com que eu me sinta tão... sei lá... saudável. — Parecia uma coisa boba, mas era verdade. A Waverly, com seus campos de atletismo bem-cuidados, bibliotecas sofisticadas e ateliês de arte, sua população de alunos de sangue azul com o ar aristocrático perfeito e suéteres de cashmere, parecia estranhamente uma espécie de paraíso na terra. E embora Jenny às vezes se sentisse meio estranha, algo lhe dizia que ela pertencia a este lugar.

Brett sorriu.

— É, deve ser toda a biritá, a maconha e o sexo rolando que te dá essa impressão. — Ela tirou um fio de cabelo vermelho dos olhos e o examinou em busca de pontas soltas.

— Mas sei o que quer dizer. Também adoro este lugar. — Seus olhos se anuviaram um pouco. — Imagine como seria perfeito se Tinsley não tivesse voltado.

Jenny nem queria pensar nesse assunto. Sim, seria o céu se Tinsley simplesmente evaporasse no ar, se ela fugisse como um desses executivos internacionais e ricos que conhecesse nos salões do Ritz-Bradley.

— Parece que ela quer pegar a gente.

— Deve ser porque quer mesmo. — Brett se sentou e colocou a tigela de pipoca na mesa.—Mas sabe de uma coisa, ela que se foda. Fodam-se todas as outras meninas. O que elas estão fazendo agora? Tomando um porre. Heath deve estar correndo por lá pelado, tentando apalpar todo mundo.

Jenny se encolheu com a imagem desagradável. De repente ela ficou totalmente aliviada por não ter ido a Boston, com Tinsley, Callie e as outras meninas. Estava feliz por ficar *aqui*, comendo pipoca com Brett e fofocando. Se ao menos Easy não estivesse em Boston. Se ao menos Easy não estivesse furioso com ela.

— Estou com saudade de Easy.

Brett abriu a lata de Diet Coke.

— Eu sei, também estou com saudade de Jeremiah. — Desde aquele dia no cemitério, ela andou pensando muito nele. Ela se perguntou se ele estava com alguém do St.

Lucius. Ele não falou de outras garotas, mas era difícil acreditar que ele podia ficar sozinho por muito tempo. Ele era o astro do time de futebol americano e era sensual daquele jeito meio bobo e natural dele, que encantava todos os membros do sexo oposto. Ocorreu-lhe uma imagem dele com a samba-canção Gap e ela quase pôde sentir sua mão percorrendo os músculos esculpidos da barriga dele. Hummm. — De repente eu não devia ter terminado com ele.

— É mesmo? — Jenny gostava da idéia de Brett ter um namorado que não fosse professor, e Jeremiah era um gato. — Ele parece mesmo um doce quando você fala dele.

Brett gemeu e pegou um punhado de pipoca.

— Ele *é mesmo* um doce. Não sei o que eu estava pensando... Toda a história de Eric foi uma merda. — Brett colocou uma única pipoca na boca e mastigou pensativamente. — Acho que fez com que eu me sentisse especial ter uma pessoa como Eric interessado por alguém como eu. Ele praticamente é, tipo assim, um Rockefeller...

— O que quer dizer com alguém como você? *É claro* que ele ficou interessado em você.

— Para Jenny, era difícil imaginar alguém tão linda, tão inteligente e divertida como Brett tendo problemas de auto-estima. Isso estava reservado para pessoas como a própria Jenny!

Brett suspirou e tomou um longo gole da caneca antes de tombar a cabeça no sofá.

— É, bom, se você conhecesse toda a minha história, não pensaria assim.

Jenny arregalou os olhos.

— Do que está falando? Você não assassinou ninguém, né?

— Não, não é nada disso. É só que eu, bem, tenho uma família totalmente constrangedora.—Brett tirou de novo uma mecha de cabelo dos olhos e a fitou, como se não quisesse olhar para Jenny. — Não posso evitar... Eu simplesmente tenho vergonha disso. Mas de algum jeito consegui falar com Eric sobre esse assunto e ele me fez sentir como se não fosse grande coisa. Ele quase pareceu gostar ainda mais de mim por causa disso.

— Bom, então talvez eu devesse te contar sobre meu pai, porque isso teria feito você se sentir melhor. —Jenny afundou no sofá ao lado de Brett e colocou os pés na mesa de centro baixa com tampo de vidro. Não era a idéia mais inteligente para um alojamento: Jenny podia imaginar a si mesma subindo ali depois de mais alguns drinques.—Uma vez ele apareceu numa cerimônia de premiação na minha escola usando uma camiseta com o blazer porque todas as camisas sociais dele estavam amassadas. Você pode achar que não é tão ruim. Talvez até meio moderno, né? Bom, ele também estava de *gravata*. Com a *camiseta* de Impeach Nkon dele.—Jenny tombou a cabeça, mas teve que rir da lembrança.—Os outros pais me procuraram depois e me perguntaram se meu pai era um sem-teto. É sério. Durma com *essa*.

Brett quase bufou de rir.

— Desculpe.—Ela teve que respirar fundo algumas vezes para manter a compostura. — Tudo bem, bom, na minha formatura da oitava série, meu pai distribuiu cartões de apresentação com cupons 10% de desconto para qualquer injeção de colágeno ou plástica de nariz... Para minhas *amigas*. E minha mãe? Ela estava com umas botas de zebra feitas especialmente para ela no Brasil, e todo mundo podia ver a calcinha dela. — Brett podia imaginar o estardalhaço que essas botas provocariam na Waverly, onde todas as mães vestiam Ralph Lauren, Chanel e Marni.

— Mas os pais não foram feitos *para* serem totalmente constrangedores? Se não, não seriam pais—disse Jenny, com lógica.

— Acho que sim... Só que é estranho, ser esse tipo de garota novo-rica de Jersey, aqui, no meio de tantas debutantes com dinheiro de família, como Tinsley, Callie e Benny,

né?

De repente, depois de pronunciar as palavras, Brett se sentiu uns dez mil quilos mais leve. Foi como se sentiu depois de contar a Eric: aliviada. Então, talvez não fosse Eric que a fizesse se sentir assim—quem sabe era ela mesma? Brett colocou as pernas no colo de Jenny, a mente voltando a Jeremiah.

— Sabe de uma coisa, quando eu falei com o Jeremiah, ele não estava nem um pouco chateado comigo. Só lamentou por eu ter me magoado.

— Por que não liga para ele? — sugeriu Jenny. — De repente vai te fazer bem ouvir a voz dele. — Alguma coisa na vodca a deixava sentimental, como quando Jenny estava de TPM e, só de pensar em *Edward mãos de tesoura*, seus olhos se enchiam de lágrimas. Mas com a vodca, seus sentimentos nem sempre eram tristes, só fortes. Como agora, pensando em Easy, ela quase podia materializar o cheiro dele.

— Não. Ele está ocupado na festa, Não quero incomodá-lo. — Brett serviu o que restava do suco na caneca. — E, além disso, eu terminei com ele. Não posso voltar correndo para ele no segundo em que mudo de idéia. — Seus lábios formaram um biquinho delicado.

— Não temos outra garrafa de suco no quarto? Acho que eu vi uma — perguntou Jenny distraída, uma idéia formando-se lentamente em seu cérebro tocado de vodca.

— Tudo bem, preguiçosa. Eu vou pegar. — Brett girou as pernas meio torta para o chão e se colocou de pé. — Preciso de algo doce mesmo.

Assim que Brett saiu da sala, Jenny pegou o Nokia prata da amiga e procurou o número de Jeremiah. Seu coração martelava nas orelhas e ela sabia que Brett ficaria furiosa, mas que tipo de amiga ela seria se não estivesse disposta a correr o risco de irritá-la para o bem dela?

A caixa postal de Jeremiah atendeu depois de dois toques e Jenny quase se esqueceu do que ia dizer.

— Oi, er, Jeremiah. Aqui é a, humm, Jenny, amiga da Brett. Desculpe por te ligar...

Espero não estar incomodando. Mas eu só queria que você soubesse que a Brett anda pensando em você, bem, o tempo todo, e ela sabe que cometeu um erro enorme e quer te pedir para perdoá-la, mas tem muito medo disso. Quer dizer, ela é totalmente apaixonada por você, e eu sei disso total porque... — Jenny respirou bem fundo. Isso estava fazendo algum sentido? — ...porque eu também estou apaixonada por um cara. E assim sei como é, e ela está tão mal... E as pessoas que estão apaixonadas não deviam deixar que os mal-entendidos as atrapalhassem.

Brett voltou para a sala e encontrou Jenny usando seu celular.

— O que está fazendo? — guinchou ela, largando a garrafa plástica de suco, estendendo a mão para o telefone. — Ficou maluca?

Jenny se afastou de Brett e tentou terminar a ligação apressadamente.

— Então, só estou dizendo que você não devia deixar que coisas insignificantes impedissem você de ser feliz. É verdade. Então, hummm, vou ter que ir porque a Brett vai me matar. Mas foi bom falar com você. — Ela desligou o telefone e o atirou para Brett, que estava ali de pé com uma expressão apavorada.

— Não acredito que fez isso!

— Você vai me matar? Brett pensou no assunto.

— E com quem eu ia conversar? — Um sorriso lento e tímido se espalhou por seu lindo rosto. — Eu só não *acredito* que você fez isso!

Jenny sorriu, orgulhosa por ter tomado a iniciativa. Se Brett estava tão perturbada por causa de Jeremiah, significava que ela pertencia a ele, né? E se ela sentia a mesma coisa por Easy, significava que eles pertenciam um ao outro também. Não é? Ela soprou um

beijo para Brett.

— Talvez um dia você possa me retribuir o favor.

UMA WAVERLY OWL ESPERTA SABE (RE) COMEÇAR UMA FESTA.

Depois que rolaram alguns baseados na sacada, a festa ficou mais letárgica. Corpos sonolentos e satisfeitos se curvavam em vários estados de repouso pela mobília cara. — Por que todo mundo tem que agir feito um zumbi depois que fuma? — perguntou Tinsley a Easy, que estava recurvado em um canto do sofá, zapeando desanimado pelos canais a cabo. Ela bateu a ponta de cetim da sapatilha Kate Spade na canela de Easy. Pôde sentir as tiras de borracha na panturrilha se afrouxando aos poucos. — Oiê!

— Por que não faz alguma coisa para animar a festa pra gente, Tin?—Heath apareceu por trás de Tinsley e passou os braços nela. O bafo de uísque chegou a seu nariz.

— Isso parece um desafio. — Tinsley tirou os braços de Heath e andou pela sala. Se havia alguém que adorava um desafio, era ela.

Primeiro, desligar a televisão. Tinsley apertou o botão e *South Park* desapareceu.

Depois aumentou o volume do sistema de som e uma música nova do Black Eyed Peas inundou o quarto. Ela semicerrou os olhos ao perceber que todos a olhavam — era *isto* que esperava. Num movimento suave, ela subiu na mesa alta de mogno, encostada na parede da sala. Atrás dela, pendia um espelho grande com moldura dourada e todos olharam enquanto Tinsley e seu reflexo começaram a rebolar com a batida pulsante e pesada. Ela passou os dedos na gola do paletó, a mão se aproximando lentamente do botão de cima. Seu polegar soltou o primeiro botão.

Tinsley sorriu. De repente era uma festa de novo.

— Tira! — Ryan Reynolds gritou de porre, pulando da poltrona que dividia com Celine enquanto tentava passar as mãos pela saia de Betsey Johnson. Celine o encarou. Ele nem percebeu.

Tinsley sorriu diabolicamente e atirou o cabelo comprido e preto. Com uma lentidão angustiante, brincou com o segundo botão, torturando seu público cativo pelo tempo que pôde antes de tirar o botão da casa. Seus olhos violeta fitaram Heath do outro lado da sala e ele tirou a cabeça do colo de Sage Francis, onde ela massageava seu couro cabeludo. Ele bateu palmas e uivou ao ver Tinsley baixar o paletó de repente e revelar um ombro nu.

Callie se serviu de outra taça de vinho no bar, irritada com as artimanhas de Tinsley. Mas será possível que ela sempre tinha que ser o centro de tudo? Ela tomou um longo gole e procurou por Easy — não conseguia evitar; fez isso a noite toda, observando-o pelo canto do olho, contando com quantas meninas ele conversava. Era ridículo e ela sabia disso.

Mas ver os olhos dele acompanhando os movimentos do corpo de Tinsley foi o bastante.

— Me ajuda a subir — pediu Callie enquanto tirava os Jimmy Choos com tiras em T e pegava a mão de Tinsley. — Ufa.

— Vocês estão me matando! —Alan foi de joelhos até a mesa e se curvou várias vezes para as duas meninas, como se elas estivessem num altar sagrado.

— Oi, garota. — Tinsley colocou o cabelo de Callie atrás da orelha e cochichou: — Manda ver. — Tinsley recuou e casualmente deslizou o paletó dos ombros, revelando um sutiã La Perla preto e fino, com renda estrategicamente situada para que não fosse completamente transparente. Ela virou a cabeça para trás e soltou um riso alto e gutural que parecia dizer que ela estava perfeitamente à vontade dançando obscenamente no alto de um móvel no Ritz com o sutiã de fora.

Calhe queria—não, *precisava* — ser igualmente desprendida. E também parecia uma boa idéia deslizar primeiro uma alça fina dos ombros, depois a outra, e começar a tirar o vestido vermelho. Ela olhou para Easy, mas ele não estava mais no sofá. Na verdade, ele nem estava na sala. O que é que ela precisa *fazer* para chamar a atenção dele, droga! — O que está fazendo?—Um rosto se destacou do grupo. Brandon. Ele estendeu a mão e puxou Callie para baixo. Ela dançou para trás, fora do alcance dele.

— Estou dançando, Brandon. — Ela pôs o braço na cintura de Tinsley e as duas reboaram juntas. Quem sabe se Easy ia voltar?

Heath, usando o chapéu de Easy e um roupão branco e felpudo do Ritz-Bradley, apareceu atrás de Brandon e tentou afastá-lo dali.

— Cara, está estragando uma coisa linda. Brandon o enxotou.

— Você está bêbada, Callie. Por favor... Vamos para o nosso quarto.

— Brandon! — guinchou Callie, girando tão rápido que quase caiu da mesa. — É o *seu* quarto, e não o *nosso* quarto. Por que não vai ver um filme pornô gay no *pay-per-view* ou coisa assim? — Ela o encarou antes de se virar para Tinsley, ainda dançando com um sorriso malicioso no rosto. — Pelo menos o Heath é divertido — cochichou ela a Tinsley, alto o bastante para que Brandon ouvisse.

— Tá legal. Quer bancar a idiota, problema seu.—Brandon afastou Heath e saiu da sala. Ao que parecia, ia sobrar champanhe e morangos com chocolate para ele.

UM WAVERLY OWL SENSATO ENTENDE QUE UM RECADO DE BÊBADA COSTUMA SER O MAIS SINCERO.

— Walsh. — Jeremiah pegou o braço de Easy enquanto ele estendia a mão para a garrafa quase vazia de Jack Daniels. — É melhor pegar leve. Você está *acabado*. Easy cambaleara para o bar improvisado assim que as meninas pularam na mesa. É claro que, como todos os outros, ele gostava de um bom show, mas desde que percebera que Tinsley tentara conseguir a expulsão dele da Waverly, tudo nela parecia tão *calculado*. Tá legal, ela era linda, exótica e excitante, mas também era uma cretina daquelas. E Easy não tinha tempo para isso. Além de tudo, a ansiedade de Callie para tentar acompanhar Tinsley o deixou meio nauseado. Por que ela ligava para o que os outros pensavam dela? Essa era uma das coisas em Callie que sempre o deixava louco. — Obrigado, cara, mas estou bem. — A garrafa tilintou no copo e o resto do líquido se esparramou nos cubos de gelo que derretiam.

— Tenho uma coisa que vai fazer você se sentir melhor. — Jeremiah estava com um sorriso estranho, como se tivesse acabado de descobrir Keira Knightley nua em um dos muitos armários da suíte.

— Não estou a fim de fumar, cara. — Easy tinha se arrastado para Boston, embora não estivesse com humor para festas. Só o que ele queria fazer esta noite era levar umas mantas para a clareira no bosque e se enroscar com Jenny, vendo as estrelas. Mas ele era orgulhoso demais para não ir a Boston depois do que Jenny fez.

— Não é erva. — Jeremiah pegou o Motorola preto no bolso do jeans Diesel. — Acabo de receber um recado sexy na caixa postal sobre Brett ser apaixonada por mim.

— Isso é demais, cara. — Easy atirou o copo de rum para trás. — Que bom pra você.

— Não, é bom pra *você* também. — Jeremiah deu um tapinha nas costas de Easy. — É daquela garota, Jenny. E ela disse outra coisa interessante. Você precisa ouvir. — Ele pressionou algumas teclas no telefone e passou-o a Easy.

Easy o segurou junto à orelha e deixou que a voz calorosa e meio bêbada de Jenny o dominasse como a melhor droga do mundo. "Porque também estou apaixonada por um cara", ele a ouviu dizer, e de repente sua raiva desapareceu. Só o que ele queria era abraçá-la enquanto ela dizia isso.

— Demais, né? — Jeremiah cutucou as costelas de Easy. Easy encarou numa névoa o papel de parede de brocado.

O que ele estava fazendo aqui, no Ritz idiota de Boston? Ele não estava interessado em ver Heath Ferro pelado com as meninas. A única menina que ele queria ver nua estava na Waverly.

— Você está bem para dirigir? Jeremiah sorriu.

— As mentes evoluídas têm idéias evoluídas. — Ele deu um tapinha no bolso do blazer de veludo e suas chaves tilintaram. — Não bebi hoje. Está pronto para dar o fora daqui?

— Já fui.

UMA WAVERLY OWL DEVE PELO MENOS DAR A IMPRESSÃO DE QUE TENTA SEGUIR AS REGRAS.

Callie acordou sobressaltada. Caíra no sono meio bêbada e teve um daqueles sonhos intensos que eram tão nítidos, tão exatos que pareciam totalmente reais. Ela estava deitada sob o cobertor de cashmere duplo com Easy, os dois de roupas íntimas, e a ponta dos dedos dele subiam e desciam por sua barriga nua, provocando arrepios em sua coluna. Ele tinha o cheiro exato que sempre teve, de cavalo, feno e cigarro, e quando ele a beijou, Callie podia jurar que os lábios dele na verdade estavam nela naquele exato momento. Só que não era Easy que a beijava. Era Heath Ferro. — Acorda, bela adormecida.

Callie o empurrou e limpou a boca com as costas da mão. As lágrimas quase encheram seus olhos quando ela percebeu que Easy não estava ali e que eles não estavam na cama. Seu corpo seminu se esparramava no sofá aveludado do hotel. A mesa de centro diante dela estava cheia de taças de vinho vazias e guardanapos amassados. Uma sambacação Ralph Lauren cinza estava amarfanhada na mesa. Alguém no sofá fazia uma trança em seu cabelo. Ela olhou. Era Tinsley.

— Não desmaie de novo. — Callie olhou a sala. Ninguém mais estava acordado ou, pelo menos, se mexia. Benny Cunningham estava deitada de cara para baixo no tapete persa, a saia puxada para cima, revelando a calcinha vermelha Calvin Klein. Ela ia ficar mortificada se estivesse consciente. Por um momento, Callie pensou em tirar uma foto com o celular, mas não tinha idéia de onde o deixara. E, além disso, Heath agora estava com a língua na orelha dela.

— Me larga, Heath. — Callie tentou se levantar, mas suas pernas não obedeciam direito e ela afundou no chão.

— Já se esqueceu da regra? — perguntou Heath numa voz arrastada. — É hora de ser-legal-com-o-Heath.

— É isso mesmo. — Tinsley subiu no colo de Heath. — Ele é o único que ficou consciente a festa toda. Temos que recompensá-lo.

— Ah, sim, sim. — Heath suspirou. — Recompensem-me. Por favor.

Callie pegou uma das taças, que ainda tinha uns dois centímetros de vinho e bebeu-o rapidamente. O que sua mãe pensaria se a visse agora, bebendo da taça de vinho provavelmente babada de alguém, prestes a se agarrar com o cara mais galinha da Waverly numa suíte arrasada no Ritz de Boston? Ela ia ter um ataque cardíaco. Isso quase tornou tudo mais suportável.

Tinsley riu e saiu devagar do colo de Heath. Sacudiu o cabelo preto e olhou impaciente para ele.

— Vamos para a sacada — sugeriu Heath, com um sorriso malicioso e bêbado. — O sol vai nascer logo. Dá para ver nascendo sobre o porto de Boston. — A caminho da porta deslizante de vidro, ele pegou a manta de veludo que cobria os corpos de Ryan e Alison no chão. Os dois roncavam. — Vamos precisar disso.

— Não vamos precisar *disso* — disse Tinsley enquanto deslizava o roupão dos ombros e cambaleava para a porta só de calcinha e sutiã. Ela o largou em Ryan e Alison, que ainda dormiam. — Na verdade, acho que a sacada é uma área proibida para roupas, então, se quiser vir, é melhor se arrumar. — Ela sorriu incisivamente para Callie.

Callie rapidamente tomou mais vinho. Ia se deixar anular por Tinsley? Desta vez, não. E desde quando ela ligava? Easy não estava em lugar algum e não estivera ali nas últimas

horas, pelo pouco que Callie podia se lembrar. Ela se sentiu completamente perdida, como se tudo em todo o mundo estivesse de cabeça para baixo, e quem ligava se ela ia cometer mais um erro enorme? Era quase tranquilizador saber que estava participando ativamente da destruição da própria vida em vez de deixar as coisas acontecerem.

— Encontro vocês lá. — Ela tirou o vestido vermelho pela cabeça e foi para a sacada, para não deixar que Tinsley vencesse. Pelo menos, desta vez não.

ÀS VEZES UMA WAVERLY OWL DEVE ACORDAR PARA SONHAR.

Jenny abriu os olhos ao ouvir vozes. Estava tendo um pesadelo, um daqueles medonhos, em que você anda todo o caminho até a sala de aula até que percebe que está completamente nua. No sonho, todo mundo da turma — o curso avançado de história americana do Sr. Wilde — aproximava-se de Jenny e a cutucava, tentando lhe dar beijos babados. Só Easy, sentado sozinho a uma mesa no canto, não prestava atenção nela. Desenhava um retrato de uma linda garota — quando Jenny semicerrou os olhos para ver melhor, percebeu que era Tinsley.

Mas agora ela estava acordada. E *sem dúvida alguma* havia vozes. Ela piscou algumas vezes, tentando fazer com que os olhos se adaptassem ao escuro, e pôde distinguir uma figura assomando na cama de Brett. Uma explosão de risadinhas encheu o quarto escuro e Jenny, ainda grogue de sono e vodca, lembrou-se da última vez em que foi acordada no meio da noite por um garoto que subia na cama da colega de quarto. Todo seu corpo se lembrava de Easy sentado em sua cama, afagando suas costas. Seu estômago ficou nauseado de desejo.

O que está rolando aqui?

— Jeremiah! — ela ouviu Brett sussurrar feliz. — Quando foi que vocês voltaram?

Vocês? O coração de Jenny começou a bater mais rápido ao tentar entender o que acontecia. Isso queria dizer...

— Oi. — Alguém estava agachado ao lado da cabeça de Jenny. Era Easy.

— Como foi que você... — Jenny se levantou na cama, sentindo-se meio malvestida com a camiseta preta Calvin Klein e o short masculino de mesma cor. — O que aconteceu no Ritz?

Easy passou o corpo magro para a cama de Jenny. Isso estava mesmo acontecendo? Ela estava tendo uma segunda chance? Ele pegou o cabelo dela e o colocou atrás da orelha.

— O Ritz não é isso tudo.

Se Jenny fosse um gato, teria ronronado.

— Ah.

Ele pigarreou.

— A verdade é que percebi que não era lá que eu queria estar.

Jenny engoliu em seco. O bafo dela estava bom? Ela fedia?

Easy sorriu.

— Vem, vamos sair daqui. Quero mostrar uma coisa a você.

Jenny lançou fora o cobertor e pulou da cama, sentindo os olhos de Easy em seu corpo.

Em vez de ficar nervosa, ela só se sentiu... aquecida.

— Lembra do que aconteceu da última vez em que você veio a este quarto?

— Como eu poderia esquecer?

Depois de vestir a primeira calça que encontrou — o jeans stretch Miss Sixty — e o suéter canela da Anthropologie, Jenny deixou que Easy pegasse sua mão e a levasse para a porta. Ela não perguntou aonde eles iriam — não importava. Brett e Jeremiah, aninhados sob o edredom grosso de Brett, estavam em seu próprio mundo.

— Está com frio? — perguntou Easy quando os dois estavam sentados na ribanceira, com vista para o lento Hudson. O céu clareava num cinza fumarento e Easy queria ver o sol nascer. Ele pôs o braço nos ombros dela.

— Não. — Ela encostou a cabeça no pescoço de Easy, respirando seu cheiro.

Uma das mãos dele a apertou e a outra tirou um cigarro da boca. Ele o acendera há alguns minutos, os dedos tremendo um pouco. Como se ele estivesse *nervoso*, pensou Jenny maravilhada.

Ela olhou para ele.

— Sobre aquele negócio... Easy sacudiu a cabeça.

— Eu exagerei. — Ele deu um trago no cigarro e se deitou de costas na grama, olhado as estrelas que sumiam no céu. — Você só estava se divertindo com suas amigas. Está tudo bem.

— Não. — Jenny sacudiu a cabeça. Ela pegou uma bola de fio que se formava no suéter.

— Quer dizer, é. Mas... Eu ficaria totalmente arrasada se soubesse que você, sabe como é, estava beijando alguém. — Ela suspirou e sentiu que queria ser completamente franca com Easy, mesmo que isso significasse parecer brega e infantil. — Eu só... Queria fazer parte daquilo, e fui levada a fazer o que todas as meninas descoladas estavam fazendo,

— Elas não devem nada a você. É sério.

Os passarinhos começavam a cantar e parecia que o mundo todo acordava, embora o sol ainda não tivesse aparecido no horizonte. Ela olhou para Easy e respirou fundo.

— Nunca me senti assim antes.

Easy apagou o cigarro na grama úmida ao lado e puxou Jenny para cima dele. Seus olhos azuis pareciam quase pretos na escuridão, Ele assentiu devagar e engoliu em seco, com ruído, como se tivesse alguma coisa presa na garganta.

— Eu sei.

Eu sei. Era só o que ele precisava dizer. Jenny estava tão tonta que achou que podia desmaiar e assim, antes que tivesse essa chance, beijou Easy como sonhou que o beijava em todas as outras noites.

UMA WAVERLY OWL ORGULHOSA NÃO É PRESSIONADA A FAZER O QUE ACHA REPULSIVO.

Heath juntara as duas espreguiçadeiras almofadadas na sacada para formar uma espécie de cama suntuosa ao ar livre. As ruas abaixo deles estavam vazias e pareciam solitárias, apenas alguns carros e táxis esparsos rugiam, os faróis ainda acesos no ar cinzento de início de manhã. Fazia frio e Callie se sentia exausta, mas ela não queria voltar para dentro e dormir. Em vez disso, enroscou-se sob a manta de veludo a lado de Heath, com Tinsley aninhando-se do outro lado dele.

Callie bocejou e olhou as outras sacadas dos dois lados — ninguém parecia pensar que o início de uma manhã de setembro era particularmente romântico. Não podia culpá-los. Heath terminou seu cigarro e enfiou as mãos sob a manta.

— Confortáveis, senhoras?

Tinsley, que puxara a manta até o queixo, bateu em uma das mãos de Heath que tinha ido longe demais.

— Não — ela o repreendeu severamente. — Só pode ir aonde eu disser.—Ela pegou a mão dele por baixo da manta. — Aqui, por exemplo.

— Ai, meu Deus. — Os olhos de Heath quase rolaram da cabeça. — Eu adoro essa regra.

Com ciúme, Callie pegou a outra mão de Heath.

— Ou aqui—anunciou ela, apertando a palma suada de Heath em sua clavícula.

— Vocês estão me torturando—gemeu Heath, ainda com um sorriso de êxtase. Ao que parecia, esta ia ser a melhor noite da vida dele, pensou Callie. Graças a Deus Callie pensara em chutar a câmera digital para baixo do sofá; não ia querer foto alguma *disto* vindo à tona nos jornais de Atlanta.

— Que tal isso? — Os olhos de Tinsley faiscaram de malícia enquanto ela movia a mão de Heath para outro lugar.

Callie estava prestes a fazer o mesmo quando sentiu a mão de Heath tentando deslizar sozinha por seu corpo. Ah, *não!* Sentir os dedos dele se sacudindo era como um trote telefônico nojento — por que é que ela estava competindo com Tinsley por *Heath Ferro*? Por que ela se deixava ser *apalpada* por ele? Ela nem *gostava* dele!

— Me larga, pervertido! — Callie afastou as mãos errantes de Heath e saiu de sob a manta no ar frio da noite, sentindo-se triunfante de imediato. Estava cansada de tentar impressionar Tinsley. Era *exaustivo*.

Por um minuto, Callie se esqueceu de que estava quase nua. De pé ali, ela sentiu o porre passar devagar enquanto olhava o centro de Boston. Sentia-se quase uma rainha, uma deusa, como Brandon costumava lhe dizer. Ela entraria, tomaria um banho para se livrar de todos os vestígios das mãos de Heath, vestiria uma camisa limpa de pijama e cairia num sono profundo e relaxante.

Seus pensamentos foram interrompidos por uma explosão de som enquanto a porta da sacada vizinha se abria e o ar de repente se enchia das vozes conhecidas do *Good Morning America*. Antes que Callie pudesse se cobrir, o reitor Marymount saiu, com um roupão branco exatamente igual ao que Heath usara antes.

Seus olhos se fixaram em Callie, paralisando-a ali até que um par de braços vagamente familiares envolveram a cintura do reitor Marymount. Angelica Pardee saiu, usando um roupão igual do Ritz.

— Callie! — arfou ela, horrorizada.

— Ah, que *merda*! — gritou Callie, depois levou a mão à boca. Heath e Tinsley pularam da espreguiçadeira enrolados na manta e se viraram, vendo qual era o problema. Callie disparou para debaixo da manta. O reitor Marymount tinha visto sua calcinha.

Mas esse não parecia ser seu maior problema no momento.

— Isso é meio estranho — admitiu o reitor Marymount secamente, incapaz de esconder a irritação.

— Eu que o diga — balbuciou Heath.

— Tire esse sorrisinho da cara, meu jovem.— Heath imediatamente parou de sorrir.

Marymount se virou e sussurrou para Pardee, que desapareceu dentro do quarto. —

Agora, não sei o que estão fazendo em Boston quando deviam estar na cama na Waverly. E não quero saber.

— Reitor Marymount, eu posso explicar. — A voz de Tinsley era inocente e convincente, mas até ela sabia que, agachada aqui na sacada do Ritz, quase nua debaixo de uma manta superlotada, ela teria pouca ou nenhuma credibilidade.

Marymount a interrompeu.

— Tenho certeza de que pode. Mas não estou interessado. — Estranhamente, ele parecia bem mais régio e intimidador no roupão do que de terno. Mesmo com o cabelo grisalho pós-sexo todo embaraçado. Ai! — Vocês vão voltar para a escola. *Agora*. — Ele olhou o pulso e percebeu que não estava de relógio. — E ninguém dirá uma só palavra... *Sobre qualquer coisa disso*. —Ele encarou um por um, ameaçando-os só com um olhar. Foi uma interpretação impressionante, pensou Callie, considerando que ele tinha acabado de ser flagrado se agarrando com a mulher de outro.

Mas é melhor ser humilde, se desculpar e voltar para a Waverly já.

— Sim, senhor. — Tinsley tombou a cabeça.—Pedimos desculpas, senhor. Vamos pegar o próximo trem. — Ela não podia se arriscar a ser expulsa *de novo*.

Marymount quase gritou.

— Andando! Se não estiverem de volta às 9h da manhã, vou ter que ligar para os seus pais.

Todos os três cambalearam para a porta com tal pressa que Heath nem viu Callie atirar as calças dele da sacada.

**UMA WAVERLY OWL SABE QUE ÀS VEZES OS CASTIGOS MAIS SUTIS
PODEM SER OS MAIS SEVEROS.**

Vários minutos antes das 9h, um Mercedes-Benz prata parou diante dos portões da Waverly. As portas traseiras se abriram e os três, muito desarrumados, tropeçaram para fora — a longa noite de bebedeira e libertinagem óbvia para todos. Os rostos de Callie e Tinsley estavam manchados da maquiagem da noite anterior.

— Corre!—ordenou Tinsley depois de jogar algumas notas altas para o motorista e bater a porta. Ela chamou um carro de aluguel no segundo em que eles entraram no quarto do hotel e deixou um bilhete para os outros, dizendo que iam dar uma volta pela cidade e os veriam na escola. Callie só conseguia pensar no fato de que o reitor Marymount a vira praticamente nua. *Que coisa bizarra*. Ainda bem que *ele* não estava pelado!

Heath disparou, cruzando o campus com a bolsa de couro preto John Varvatos batendo nos quadris.

Callie revirou os olhos enquanto ela e Tinsley corriam pela grama molhada.

— Mané.

— Pelo menos as coisas ficam interessantes com ele. — Tinsley parou por um momento para tirar as sandálias de cetim BCBG Max Azria. Precisava comprar sapatos mais práticos. —Vamos, Cal, acelera. Faltam dois minutos para as 9h.

Callie tinha parado e estava com as mãos na barriga. Ficara nauseada em todo o caminho para casa e agora, com a correria, não conseguia mais segurar. Ela se curvou em um dos canteiros de flores e vomitou.

— Merda.—Tinsley mediu a distância que ainda tinham que cobrir até alojamento; não havia como conseguir, se tivessem que esperar que Callie terminasse de vomitar. Porra. Callie enxugou a boca na manga do suéter preto Juicy Couture. É claro que ia terminar assim — ela sozinha, de cara para o próprio vômito no gramado da Waverly, na frente de todo o campus. Ela queria morrer.

— Vai na frente.

Mas Tinsley não se mexeu. Em vez disso, abriu a bolsa de nylon Prada e vasculhou até tirar uma garrafa de água pela metade.

— Toma. — Ela a passou a Callie. — Beba.

Os olhos de Callie se encheram de lágrimas. Tudo bem, então talvez Tinsley não fosse uma cretina completa.

Dez minutos depois, quando entraram na ponta dos pés no Dumbarton, elas pensaram que estavam livres. Até que passaram pela porta da sala de estar e viram o reitor Marymount, encostado na lareira, esperando.

— Estão atrasadas. — Ele suspirou, ainda claramente irritado. Ele passou a mão nos cabelos grisalhos.

— Só cinco minutos! — reclamou Callie, depois cobriu a boca por medo que o vômito fosse projetado nele.

Tinsley falou num tom suplicante.

— Que é isso, você *tem* que nos castigar?

— Infelizmente, sim. — Marymount endireitou a gravata marrom e azul-marinho — o que ele estava fazendo, usando gravata numa manhã de domingo, e como é que ele

chegou ao campus tão rápido? — Esta instituição tem regras que devem ser obedecidas. Porém — ele as olhou incisivamente — devido a circunstâncias atenuantes, seu castigo será consideravelmente mais leve do que deveria. A partir de agora, as duas não terão mais permissão para morar juntas. Temos que fazer alguns arranjos, e há um quarto vago no primeiro andar. Callie e Jenny Humphrey continuarão no quarto 303, ao passo que Tinsley e Brett Messerschmidt se mudarão para o quarto 121 do Dumbarton.

A boca de Tinsley se escancarou.

— O senhor *deve* estar brincando. — Ela e Brett, sozinhas? Mas isso é que vai ser esquisito. Talvez elas possam discutir as técnicas de beijo de Eric, deitadas na cama à noite. Ela quase bufou, era tão absurdo. E Callie e Jenny? Elas podiam comparar observações sobre Easy enquanto pintavam as unhas uma da outra. Não. A administração não poderia ter planejado um castigo mais perfeito para nenhuma delas. Marymount olhou as duas de forma penetrante.

— O quarto está vago agora. Vocês não vão precisar de muito tempo para se acomodar.

— Ele foi para a porta. — E quanto mais cedo começarem, melhor.

— Mas que porra! — murmurou Callie irada no segundo em que a porta se fechou às costas dele. Ela roeu a unha de frustração. — Como é que ele espera que eu more com aquela *puta*? Ela deve dormir com Easy toda noite.

— Meio como você nunca fez? — Tinsley soprou um beijo para Callie. Ela a encarou, mas Tinsley não se importou. A vida seria tão chata se não acontecessem coisas assim de vez em quando, para dar uma sacudida. — Vem, vamos contar a novidade.

UMA WAVERLY OWL DEVE SER OTIMISTA — MAS NÃO IDIOTA.

Vinte minutos depois, o celular de Jenny vibrou com uma chamada, acordando-a num salto. Ela dormira no peito de Easy enquanto os dois se aninhavam na ribanceira, enrolados em várias mantas de cavalo grossas e ásperas. Eles ficaram ocupados demais se beijando para prestar atenção ao nascer do sol e cochilaram ao onírico amanhecer amarelo e arroxado. Jenny não ligou. Tinha a sensação de que ainda veria o sol nascer muitas vezes com Easy.

— Alô?— sussurrou Jenny, sem querer acordar Easy, que respirava suavemente.

— Você não vai acreditar nisso! — Brett praticamente guinchava. Jenny escapuliu da manta e deu alguns passos para longe de Easy, o tênis retrô Campers vinho escorregando um pouco na grama molhada. — Callie e Tinsley foram flagradas em Boston. E adivinha qual vai ser o castigo delas? — Brett parou por um segundo, sem dar a Jenny a oportunidade de sequer conjecturar. — Eles *separaram* as duas.

— Como assim, separaram as duas? — perguntou Jenny, sem entender.— Como podem fazer isso quando todas nós...

— Eles obrigaram Tinsley a ir para um quarto diferente *comigo*! — Brett estava lívida.

— E você vai ficar com *Callie*.

Jenny de repente ficou totalmente desperta.

— E eles *podem* fazer isso? Mas não é justo!— Exatamente quando tudo começava a se ajeitar, a Waverly tinha que separá-la de Brett porque Tinsley e Callie foram flagradas? E ela ficar sozinha com Callie Vernon, que a odiava tanto que provavelmente meteria um prego no coração dela enquanto ela dormisse sem pensar duas vezes? — Não é possível.

— Bom, está acontecendo— anunciou Brett amargamente. — Tinsley acabou de encher uma das malas Louis Vuitton com os sapatos e arrastou pela escada. Tenho que começar a me mudar também. Aliás, onde é que você está?

Jenny sorriu pela primeira vez desde que Brett ligou. Ela olhou por sobre o ombro e viu Easy sentado, esticando os braços compridos no alto, o cabelo espigado em mil direções diferentes. Uma bochecha estava cheia de marcas, de onde ele dormira na manta de lã.

Jenny podia sentir o orvalho ensopando seus tênis e o calor do sol da manhã no rosto.

— Estou exatamente onde queria estar agora.

— Que bom. — Ela podia ouvir Brett sorrindo ao telefone. — Mas vem me salvar logo.

— Algum problema? — A voz calorosa e sonolenta de Easy murmurou enquanto Jenny desligava o telefone. Ela sentiu o coração bater mais rápido e engatinhou sob as mantas de cavalo para mais um beijo demorado. Quer dizer que o reitor Marymount se meteu na distribuição das alunas nos quartos. Até que ponto isso pode ser ruim?

OwlNet ----- Caixa de Mensagem Instantânea

TinsleyCarmichael: Ainda não acredito. Kd vc?

CallieVernon: Esperando Jenny sair do esconderijo.

TinsleyCarmichael: Mas isso vai ser divertido!

Callie Vernon: Vc é doida.

TinsleyCarmichael: É claro que sou.

CallieVernon: É bom ter vc de volta, T.

TinsleyCarmichael: E eu só estou começando...

Gossip Girl & It Girl fans - <http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=41716627>



Toda garota sonha com isso.
Algumas apenas são.
Até onde uma garota iria para se tornar a...

it girl

IT GIRL: UMA GAROTA ENTRE NÓS é o segundo volume da nova
série de Cecily von Ziegesar, autora de *gossip girl*.

JENNY HUMPHREY, uma das mais polêmicas e populares personagens da série Gossip Girl, deixou a Constance Billard para estudar na Waverly Academy. Mas é claro que ela chega para chamar a atenção. Depois de passar vergonha na frente de todo o colégio e desrespeitar o comitê disciplinar, Jenny se torna realmente popular. Mas a fama não é nada, ela está totalmente apaixonada. O único problema é que ele é namorado de sua colega de quarto. Para completar, Tinsley Carmichael – que todos pensavam que tinha sido expulsa – está de volta e quer recuperar seu posto de “A Garota”.

